

**Ana Paula Alves Bleck Duque**

**ENCICLOPÉDIA VIRTUAL:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA *WIKIPÉDIA***

**Taubaté – SP**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Ana Paula Alves Bleck Duque**

**ENCICLOPÉDIA VIRTUAL:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA *WIKIPÉDIA***

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre pelo Curso de Mestrado em Linguística Aplicada do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté.

**Área de Concentração:** Língua Materna

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Vianna Brito

**Taubaté – SP**

**2009**

**ANA PAULA ALVES BLECK DUQUE**

**ENCICLOPÉDIA VIRTUAL:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA WIKIPÉDIA**

**UNITAU – Universidade de Taubaté - Taubaté – SP**

**Departamento de Ciências Sociais e Letras – Mestrado em Linguística Aplicada**

**Data:** \_\_\_\_\_

**Resultado:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Eliana Vianna Brito (UNITAU)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elzira Yoko Uyeno (UNITAU)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosália Maria Netto Prados (USP)

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu esposo Walmir, que sempre esteve presente nos momentos mais importantes da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que contribuíram de modo bastante relevante para a execução deste trabalho. Obviamente, alguns estiveram tão presentes no meu dia-a-dia que, praticamente, fizeram parte do meu esforço, dividiram comigo os momentos mais difíceis e me ajudaram a transpor obstáculos. Registrar meus agradecimentos é o mínimo a ser feito por essas pessoas.

Em primeiro lugar, devo agradecer a Deus que me deu a saúde física e mental necessária para a execução do trabalho. Com certeza, Ele preparou todo o meu caminho e colocou ao meu lado seres que, como anjos, me ajudaram a vencer. Por isso, deixou que eu nascesse em um lar de extrema harmonia, dando-me pai, mãe e irmão dispostos a se sacrificarem por mim em qualquer ocasião. A eles, Sr. Bleck, Sra. Marilda e Júnior, meus profundos agradecimentos. Sem suas preocupações, orações e apoio, com certeza, a realização deste trabalho não seria possível.

Encontrar alguém com quem dividiria a minha vida e formaria uma nova família, foi mais um presente de Deus para mim. Meu esposo, Walmir, atualmente, é minha principal referência de dedicação, esforço, persistência e muita coragem. É o principal responsável pela execução deste trabalho. Foi o homem que me motivou, desde o início, desde as primeiras idéias, e esteve comigo em todos os momentos, como uma fortaleza. A ele, meu emocionado agradecimento.

E como esquecer aqueles que orientaram meus passos e me enriqueceram com suas experiências e conhecimentos? Nessa caminhada, o contato com profissionais extremamente capacitados, especialistas na proposição de desafios, meus mestres, desde a graduação em Letras, foram determinantes para as minhas escolhas. Alguns nomes, como o Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira – o primeiro a me sugerir a Linguística Aplicada -, o Prof. Ms. Joel

Abdala – grande companheiro e incentivador em meus trabalhos no Gelp -, e a Profa. Dra. Sônia Sachs – a quem devo minhas primeiras experiências metodológicas e científicas – serviram de base, em conhecimento e em estímulo, para os meus estudos.

Já no Mestrado, todos os professores, sem exceção, foram de grande competência para transmitir, trocar e discutir idéias e conteúdos. Em especial, agradeço à Profa. Dra. Eliana Vianna Brito. Brilhante orientadora. Paciente, carinhosa, hábil e doce com as palavras, extremamente competente e de uma mente rica em conhecimentos, foi muito zelosa durante a orientação. Suas aulas – deliciosas – inspiravam (e inspiram) a aprendizagem e seu compromisso profissional me ensinou que educar é uma arte que pode ser realizada com confiança e muito respeito. A ela, que se tornou uma grande amiga e em quem eu me espelho, meus sinceros agradecimentos.

Aos membros da banca avaliadora, agradeço pela disposição com que aceitaram participar desta dissertação, dedicando tempo e trabalho para enriquecer meus estudos com suas contribuições. Agradeço, acima de tudo, pelo respeito que demonstraram por mim – iniciante na carreira acadêmica – e pelo meu trabalho.

À secretaria de Pós-Graduação da UNITAU, à Patrícia e à Nazaré, meus agradecimentos pela paciência e pela atenção que me dedicaram, com muita disposição, nos mais diferentes momentos do curso.

Aos meus colegas do Mestrado, agradeço pelos bons e árduos momentos em que juntos trocamos forças, conhecimentos, dúvidas, ansiedade e alegrias. Certamente, sem eles a experiência de dissertar não teria o mesmo brilho.

Para finalizar esta etapa de agradecimentos, não poderia me esquecer de que em meio aos meus desejos de realização profissional, Deus me contemplou com a beleza da maternidade. Talvez seja ele, meu filho, Felipe, a mola propulsora de toda a minha dedicação. Graças a sua compreensão pela minha ausência (apesar de sua tenra idade) consegui seguir o

meu caminho rumo à concretização dos meus sonhos pessoais e profissionais. Ao meu filho, meu muito obrigada. Seus olhos maduros, um dia, conseguirão compreender o quanto sua existência foi importante pra mim. Que esta minha experiência, toda a minha dedicação, meu esforço, meu trabalho e a minha realização sejam de grande valia para a sua vida pessoal e profissional.

Enfim, a todos esses, que de alguma forma participaram da minha vida, meus agradecimentos.

## RESUMO

O trabalho com gêneros discursivos em sala de aula tem sido defendido por estudiosos do meio educacional e é preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, devido à importância do seu conhecimento e de seu funcionamento na sociedade para a compreensão do mundo. Com o desenvolvimento da sociedade, novos gêneros e novos suportes de veiculação de mensagens aumentam as características textuais, hipertextuais e lingüísticas a serem conhecidas. Por isso, o objeto de estudo desta pesquisa é a *Wikipédia*, um mega-gênero virtual cujas propriedades ultrapassam os limites do texto enciclopédico. Tendo em vista que qualquer texto é ideologicamente marcado devido ao vínculo que mantém com o meio social no qual tem origem, o objetivo deste trabalho é investigar o modo como a escrita cooperativa e as suas condições de produção podem deixar no texto marcas lingüísticas que denunciam as diferentes posições ideológicas sobre um determinado tema e ainda, como as discussões que encerram um texto na *Wikipédia* produzem sentidos que não estão nas palavras empregadas no texto em si, mas nas condições de produção que as originaram. O estudo fundamenta-se na perspectiva bakhtiniana sobre gêneros discursivos e complementa-se com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso sobre subjetividade, condições de produção e heterogeneidade. Os resultados desta pesquisa apontam para o fato de que o discurso científico, uma das características do texto enciclopédico, deve ser questionado na enciclopédia virtual analisada. Na *Wikipédia*, além de constitutivamente heterogêneos, os discursos são marcados por uma heterogeneidade que é revelada ao leitor na escrita cooperativa, na qual se mostram diferentes opiniões que revelam formações discursivas e ideológicas em condições de produção também diferentes, o que facilita a percepção do entrecruzamento de discursos formados por vozes científicas ou por vozes provenientes do senso comum.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos; *Wikipédia*; subjetividade; condições de produção; heterogeneidade discursiva.

## ABSTRACT

Scholars of education have defended the work with genre studies in the classroom and the National Curriculum Parameters recommend them, because of the importance of their knowledge and their operation in society for the understanding of the world. With the development of society, new genres and new media of communication messages increase the characteristics of textual, hypertextual and linguistic texts known. Therefore, the object of this research is Wikipedia, a mega virtual genre whose properties go beyond the limits of the encyclopedic text, with a view that any text is ideologically marked because of the bond it maintains with the social environment in which it has originated. The objective of this work is to investigate how the cooperative writing and its conditions of production may leave the linguistic text marks that denounced the different ideological positions on a given theme. In addition, how the discussions, which contain a Wikipedia text, produce senses that are not in the words employed in the text itself, but in the conditions of production that originated it. The Bakhtinian study-based view on genre studies and complements with the theoretical assumptions of Discourse Analysis on subjectivity, conditions of production and heterogeneity. The results point to the fact that the scientific discourse, a feature of the encyclopedic text should be questioned in the virtual encyclopedia analyzed. In Wikipedia, besides constitutively heterogeneous, discourses are marked by a heterogeneity that is revealed to the reader in writing cooperative, which show different opinions that reveal discursive formations and ideological conditions of production also different, which facilitates the perception of crisscrossing of speeches formed by scientific voices or by voices from the common sense.

**Key words:** genre studies; Wikipedia; subjectivity; production conditions; heterogeneity discourse.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 Esquema baseado nas explicações de Orlandi (2005, p. 33).....	p. 24
Fig. 2 Exemplo de <i>links</i> em enciclopédia impressa .....	p. 51
Fig. 3 Exemplos de páginas de enciclopédia impressa .....	p. 53
Fig. 4 Página de abertura da <i>Wikipédia</i> (1ª parte).....	p. 74
Fig. 5 Página de abertura da <i>Wikipédia</i> (2ª parte).....	p. 75
Fig. 6 Página de abertura da <i>Wikipédia</i> (3ª parte).....	p. 76
Fig. 7 Página de abertura da <i>Wikipédia</i> (4ª parte).....	p. 77
Fig. 8 Artigo “Descoberta do Brasil” em página da <i>Wikipédia</i> .....	p. 83
Fig. 9 Quadro de <i>links</i> relacionados ao artigo “Descoberta do Brasil” em página da <i>Wikipédia</i> .....	p. 83
Fig. 10 “Descoberta do Brasil” em página da <i>Wikipédia</i> .....	p. 84
Fig. 11 Discussão dos wikipedistas em página da <i>Wikipédia</i> .....	p. 87
Fig. 12 Índice da Discussão dos wikipedistas em página da <i>Wikipédia</i> .....	p. 88
Fig. 13 Políticas da <i>Wikipédia</i> lusófona.....	p. 94
Fig. 14 Página da <i>Wikipédia</i> .....	p. 111
Fig. 15 Exemplo de página proveniente de um <i>link</i> .....	p. 112

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	p. 13
<b>Capítulo 1: Análise do discurso e gêneros discursivos: algumas considerações</b> .....	p. 17
1.1 Condições de produção e formação discursiva.....	p. 21
1.2. Heterogeneidade discursiva.....	p. 27
1.3. A autoria e a interpretação na heterogeneidade do discurso .....	p. 32
1.4. Gêneros Discursivos – alguns conceitos.....	p. 37
<b>Capítulo 2: Enciclopédia: um gênero discursivo</b> .....	p. 46
2.1. Enciclopédia – percurso histórico.....	p. 46
2.2. As diferentes formatações da enciclopédia.....	p. 50
<b>Capítulo 3: Wikipédia: a virtualização do gênero enciclopédico</b> .....	p. 58
3.1 A virtualização.....	p. 59
3.2. O hipertexto.....	p. 64
3.3. <i>Wikipédia</i> : a enciclopédia virtual.....	p. 69
3.3.1 <i>Wikipédia</i> : uma breve descrição do <i>site</i> .....	p. 71
3.3.2. <i>Wikipédia</i> - layout do <i>site</i> .....	p. 73
3.3.3. A hipertextualidade na <i>Wikipédia</i> .....	p. 82
3.3.4. Artigo e discussão na <i>Wikipédia</i> : gêneros interdependentes na enciclopédia.....	p. 86

<b>Capítulo 4: Heterogeneidade do discurso da <i>Wikipédia</i>: Análise de dados.....</b>	<b>p. 91</b>
4.1. As condições de produção dos Artigos.....	p. 93
4.2. “Discussão” – Fonte de formações discursivas.....	p. 98
4.3 A heterogeneidade constitutiva nos textos da <i>Wikipédia</i> .....	p. 104
4.4. A heterogeneidade mostrada na <i>Wikipédia</i> .....	p.110
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>p. 122</b>
<b>Referências.....</b>	<b>p. 127</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>p 132</b>
<b>Anexo A - Versão para impressão do artigo “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” da <i>Wikipédia</i>.....</b>	<b>p. 132</b>
<b>Anexo B – Versão para impressão da discussão do artigo “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” da <i>Wikipédia</i>.....</b>	<b>p.140</b>

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a construção do conhecimento é realizada por meio de textos verbais e não verbais, sejam eles produzidos e recebidos por meio da escrita ou da oralidade. Até bem pouco tempo, a aquisição do conhecimento sistematizado dava-se por meio de leitura impressa indicada, conduzida e mediada por professores em salas de aula. E, ao contrário da educação tradicional em que o professor era o detentor do saber e o aluno um mero receptor, as práticas educacionais atuais entendem a aquisição do conhecimento como um processo que implica favorecer a produtividade do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber, levando-se em conta todo o seu conhecimento prévio.

Com o avanço da tecnologia, no entanto, é possível constatar entre os alunos de diferentes faixas etárias a crescente busca pela informação em meios eletrônicos como as bibliotecas virtuais, os jornais e revistas on-line, os *blogs*, *chats* e outros gêneros textuais veiculados pela Internet, e o papel do professor torna-se muito mais complexo. O sujeito-leitor passa a ter contato com um tipo de texto diferente daquele que costumava ler em sala de aula, um texto que possibilita a ampliação da leitura do mundo e da realidade que o circunscreve – o hipertexto digital.

A internet, então, trouxe uma nova possibilidade de acesso à informação e, neste sentido, de forma lúdica e atraente, tornou democrática a aquisição do conhecimento. Qualquer indivíduo que tenha à mão um computador ligado à internet pode pesquisar, de significados de palavras em um dicionário eletrônico, a dados das mais importantes organizações do mundo globalizado. Pode também inserir textos, dialogar sobre textos e ouvir outras opiniões sobre um determinado assunto.

No entanto, a busca pela informação por meio da Internet, a princípio, foge do controle dos profissionais da área da educação, que podem até indicar *sites* de busca ou de pesquisa, mas à distância (pensando no formato presencial da educação), não podem conduzir e mediar a leitura dos alunos nos moldes das práticas educacionais atuais. Mais do que isso, educadores em geral têm conhecimento dos *sites* mais visitados pelos alunos, mas não os alerta quanto à fidedignidade de seus conteúdos.

Sendo assim, este estudo parte do princípio de que a grande maioria dos alunos busca a internet para realizar as suas pesquisas escolares e para estabelecer relações interpessoais, dedicando grandes parcelas de tempo nesse ambiente virtual. Em se tratando de internet, é necessário entender que tudo aquilo que antes era considerado real, palpável, tradicional, passa por um processo de virtualização e, portanto, de um estado incontestável de existência toda a realidade é transformada e adquire formas adequadas a um meio de comunicação sem limites e sem fronteiras. Meio no qual se inserem alunos em geral.

Diante de constatações como estas, esta pesquisa faz um recorte desse processo de virtualização para buscar uma forma de discutir as particularidades de um ambiente virtual muito presente na vida dos alunos. Para tanto, este estudo encontra na incontestável importância dos gêneros discursivos o primeiro impulso para as análises a serem realizadas e coloca em evidência, como objeto de estudo, a *Wikipédia*, uma das enciclopédias virtuais.

Assim, o objetivo desta pesquisa é caracterizar a enciclopédia – um recurso didático bastante utilizado por professores e alunos –, como um gênero discursivo. E, no que se refere à internet, entender e caracterizar esse mesmo gênero em seu formato digital, buscando na *Wikipédia*, características que a classificam como um mega-gênero discursivo.

Seguindo as concepções bakhtinianas sobre gêneros discursivos, este estudo transcende os limites do texto e busca, no interior dessa enciclopédia virtual, o sujeito, o

momento histórico, o lugar, a fonte primeira de elaboração dos textos no *site* – o discurso dos wikipedistas, responsáveis pela inserção e manutenção dos textos na enciclopédia.

O fato de lançar um olhar para o interior de um gênero discursivo, principalmente o virtual (novidade nos estudos lingüísticos) fomenta indagações a respeito das condições de produção dos textos a que se tem acesso no *site* enciclopédico e, sendo assim, esta pesquisa também busca investigar o modo como a escrita cooperativa (característica da enciclopédia em questão) e suas condições de produção podem deixar no texto marcas lingüísticas que denunciam as diferentes posições ideológicas sobre um determinado tema e ainda, como as discussões que encerram um texto na *Wikipédia* produzem sentidos que não estão nas palavras empregadas no texto em si, mas nas condições de produção que as originaram. Indagações que recaem na questão da heterogeneidade discursiva que comporta os textos.

Tais questões poderiam gerar inúmeras teorizações, mas esta dissertação vê nos estudos de Bakhtin sobre a filosofia da linguagem, sobre o enunciado, o discurso, os gêneros do discurso e sobre o caráter dialógico dos gêneros uma rica e importante referência para o trabalho. Vê também a possibilidade de relacionar e complementar esses estudos com os fundamentos da Análise do Discurso. Sob esta perspectiva, muito se poderia investigar a respeito das características do processo de produção e de criação dos textos da *Wikipédia*, mas aqui, o foco reside no fato de que todo discurso é atravessado por outros discursos, o que pressupõe um estudo a respeito da heterogeneidade que constitui os textos presentes nesta enciclopédia virtual e *online*.

Para alcançar o objetivo proposto e para responder às indagações que ele sugere, o presente estudo leva em conta alguns assuntos que considera relevantes para o encaminhamento das idéias apresentadas.

Então, além da teoria de Bakhtin sobre gêneros discursivos, são apresentados outros conceitos também importantes para a definição do suporte tecnológico do gênero que será

analisado. Sendo assim, os capítulos que se seguem apresentam, primeiramente, um histórico da Análise do Discurso que aborde conceitos como subjetividade, discurso, condições de produção, formação discursiva e heterogeneidade, cuja elucidação é chave para as primeiras respostas às indagações realizadas, e também alguns conceitos-chave para a caracterização da enciclopédia como um gênero do discurso, segundo Bakhtin (1992).

No capítulo seguinte, a presente pesquisa apresenta um pequeno histórico da origem e das características de origem do gênero enciclopédia para apontar as suas características atuais, no meio eletrônico e virtual, o que pressupõe um estudo sobre o suporte tecnológico da *Wikipédia*.

Assim, completando o estudo que serve de base para a análise dos dados, é realizada uma reflexão sobre a virtualização. Fundamentada nos estudos de Levy (1996), a presente pesquisa apresenta conceitos relacionados ao processo de virtualização que os elementos da realidade concreta e objetiva vem sofrendo com a evolução tecnológica. Conceitos como mídia digital, hipertexto digital e *online* ajudarão a conceituar a *Wikipédia* como um *mega-gênero* virtual capaz de comportar outros gêneros discursivos heterogeneamente constituídos.

Todas as reflexões até então realizadas são o alicerce do capítulo 4, responsável pela análise dos dados recortados do universo denominado *Wikipédia*. O capítulo contém a apresentação dos critérios definidos pela pesquisa que geraram os dados para a análise e responde às perguntas desta pesquisa.

A pesquisa encerra a discussão do tema retomando o problema e os objetivos propostos inicialmente e considera a importância de se valorizar os gêneros discursivos virtuais – principalmente os pedagógicos e didáticos como a enciclopédia, por exemplo – com responsabilidade e cautela, vigiando a produção dos textos e buscando em seu interior elementos que comprovem a fidedignidade das informações oferecidas.

## CAPÍTULO 1

### **Análise do Discurso e Gêneros discursivos – algumas considerações**

Para trilhar o caminho da análise de um gênero discursivo como a *Wikipédia* – enciclopédia virtual – não se pode perder de vista o fato de que todo gênero é a materialização da linguagem em um determinado discurso histórico, cultural, político e ideológico. E sendo assim, é bastante pertinente iniciar esta pesquisa partindo do conceito de discurso historicamente construído na Linguística e bastante discutido por Bakhtin (1992).

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que qualquer estudo sobre a linguagem parte, necessariamente, da dicotomia língua e fala abordada por Saussure, mesmo que deva ser rejeitada para a proposição de um outro caminho de estudo. Bakhtin (1992), por exemplo, afasta-se das concepções saussureanas ao afirmar o caráter social da língua como algo concreto que se manifesta por meio da fala a qual, portanto, adquire também um caráter social e dialógico.

Como será apresentado no capítulo seguinte, Bakhtin (1992) visa a formulação de uma teoria do enunciado – forma em que a língua se manifesta – dando espaço à questão do contexto da enunciação, ao contrário de Saussure que concebia o enunciado como um ato individual. Segundo Brandão (2004, p. 8), “Bakhtin não só coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem como dá à situação de enunciação o papel de componente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal”. Conectada ao ato de enunciação encontra-se a questão da interação verbal que ocorre na inter-relação dos sujeitos em sociedade.

No percurso histórico dos sujeitos e da relação que eles estabelecem entre si entrecruzam-se “vozes”, opiniões e posições ideológicas, que vão constituindo os indivíduos

e, nesse sentido, não basta entender a linguagem apenas sob a ótica saussureana de língua – sistema ideologicamente neutro – mas também como manifestação dinâmica da vida em sociedade. Brandão (2004) afirma o seguinte:

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. (p. 11)

Assim é que a noção de discurso passa a ser entendida como manifestação da linguagem. “A linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestações da ideologia”. (BRANDÃO, 2004, p. 11) E é sob este enfoque discursivo de que partem os estudos da Análise do Discurso, uma nova tendência Linguística que emerge na década de 60.

Nas ciências da linguagem, segundo Maingueneau (2008), a noção de discurso provém dessa mudança na maneira de conceber a linguagem. Segundo o autor, “ em grande parte essa modificação resulta da influência de diversas correntes das ciências humanas reunidas freqüentemente sob a etiqueta da pragmática” (MAINGUENEAU, 2008, p. 52), uma certa maneira de apreender a comunicação verbal. Como concepção da linguagem, o discurso, sob influência de diversas correntes pragmáticas, possui algumas características essenciais, como explicita Maingueneau (2008), conforme apresentado a seguir:

a) *O discurso é uma organização situada para além da frase.* Ele mobiliza estruturas de outra ordem que não a da frase. Está submetido a determinadas regras sociais. “Regras que governam uma narrativa, um diálogo, uma argumentação;” enfim, regras que recaem sobre os múltiplos gêneros de discurso, sobre o plano do texto.

b) *O discurso é orientado*. Ele é orientado pelo próprio locutor que, de maneira linear, constrói o discurso em função de uma finalidade e dirigindo-se para algum lugar. O locutor é quem decide o destino de seu discurso. Em situações de interação oral, as palavras escapam ao locutor, mas são recuperadas em função das reações do outro.

c) *O discurso é uma forma de ação*. Como ato de linguagem – tal como concebido por Austin e por Searle – toda enunciação constitui um ato que visa a modificação de uma situação. Assim, materializados em gêneros discursivos (panfletos, cartazes, telejornais, consulta médica) os discursos agem sobre os indivíduos visando mudanças ou reações.

d) *O discurso é interativo*. A questão da interatividade discursiva vai além de uma interação oral entre locutores. “Toda enunciação [...] é uma *interatividade constitutiva*, ela é uma troca, explícita ou implícita, com outros locutores, virtuais ou reais [...] que supõe sempre uma direção em relação à qual o locutor constrói seu próprio discurso”. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 171)

e) *O discurso é contextualizado*. Não se pode atribuir sentido aos enunciados fora de um contexto e o mesmo enunciado em situações contextuais distintas correspondem a discursos diferentes. Além disso, o próprio discurso define seu contexto e pode modifica-lo durante a enunciação.

f) *O discurso é assumido por um sujeito*. O locutor se coloca como fonte de sua enunciação, “fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e, ao mesmo tempo indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação a seu co-enunciador.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 55) Assumindo seu discurso, o locutor pode modular seu grau de adesão, pode atribuir dizeres a um outro, pode tematizar e/ou comentar seu próprio discurso.

g) *O discurso é regido por normas.* Inseridos em gêneros, os enunciados devem ser formatados de acordo com as normas do gênero em que se inserem, afinal o discurso é social e por isso é regido por normas sociais gerais.

h) *O discurso é assumido em um interdiscurso.* Os enunciados só adquirem sentido em meio a outros enunciados, vinculados a outros discursos. “O simples fato de classificar um discurso dentro de um gênero [...] implica relacioná-lo ao conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 56)

Outras definições e caracterizações a respeito do discurso existem na Linguística Aplicada sob outros olhares. Mas os apresentados aqui parecem bem adequados à proposta inicial do trabalho: a análise dos discursos que mantêm os textos enciclopédicos em um site. Por isso o destaque para as características do discurso quanto à interatividade, orientação, forma de ação, contextualização e normatização, por exemplo, que explicam a dinamicidade, a vivacidade da língua na sociedade.

Desde que a linguagem passa a ser assim entendida, o discurso passa a ser estudado sob vários enfoques. Os caracteres até aqui apresentados são apenas os essenciais ao estudo do discurso. Há outros fatores que podem nortear o trabalho de um analista. No entanto, a presente pesquisa não pretende esboçar nenhum panorama sobre as abordagens do discurso. Cabem aqui, para fins de análises futuras, alguns conceitos que, provenientes dos estudos de um ou de outro lingüista no percurso histórico da AD, referem-se às condições de produção do discurso, à formação discursiva dos falantes de uma língua e à heterogeneidade discursiva. Isso porque tais conceitos auxiliam no estudo sobre o contexto de onde emergem os textos enciclopédicos, foco desta pesquisa. Eles possibilitam a passagem de uma leitura limítrofe do texto para uma leitura analítica de sua produção, dos fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e ideológicos que determinam tal produção.

## 1.1 Condições de produção e formação discursiva

Com base nos argumentos apresentados sobre a definição de discurso, fica como elemento marcante dessa questão a dinamicidade dos enunciados numa sociedade em que se entrecruzam discursos. No antigo esquema elementar da comunicação que dispunha seus elementos para definir mensagem, o que se podia enxergar era uma linearidade no processo de comunicação: o emissor, referindo-se a algum elemento da realidade, transmite uma mensagem codificada ao receptor. Trata-se, pois, de um esquema estanque em que os elementos da comunicação permanecem na horizontal.

Para a Análise do Discurso, este esquema inexistente. Não há uma linearidade seriada no processo de comunicação nem apenas a transmissão de informação. E ao invés de mensagem, é o discurso o produto da comunicação, em que os interlocutores realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Segundo Orlandi (2005 a):

São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre os locutores. (p. 21)

Considerando-se que “a linguagem só é linguagem porque faz sentido, e só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2005 a, p. 25), então os fatores históricos e tudo o que os envolve são determinantes na formação dos discursos que “significam” para os interlocutores. Daí o fato de se enfatizar as condições de produção do discurso. Orlandi (2005 a) afirma o seguinte:

Os dizeres não são [...] apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer do texto, também fazem parte dele. (p. 30)

Então, não é exatamente o texto que significa. Os discursos que se mantêm às margens dele também podem produzir efeitos de sentido. E tendo em vista uma análise de uma enciclopédia cujos bastidores são transparentes aos leitores é que se faz necessário melhor explicitar o conceito de condições de produção, o qual motiva também a conceituação de formação discursiva pela proximidade que existe entre ambos.

As condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. Orlandi (2005 a, p. 30-31) define as condições de produção em dois sentidos: em sentido estrito e em sentido amplo. O primeiro refere-se ao contexto imediato, que nos textos da *Wikipédia*, objeto de análise deste estudo, pode ser, por exemplo, o próprio *site* e suas regras de funcionamento ou o diálogo que antecede uma intervenção no texto. Em sentido amplo, as condições de produção incluem um contexto maior, social, histórico e ideológico. Tudo aquilo que um texto traz de elementos (produtores de sentidos) que derivam da forma como a nossa sociedade está estruturada, social e historicamente. Então em sentido amplo, um artigo da *Wikipédia* pode estar repleto de sentidos, diferentes tanto do ponto de vista dos autores, cuja subjetividade se difere, quanto do ponto de vista dos leitores do texto, os quais só atribuirão sentido àquilo que lhes for comum, dada a formação discursiva de cada sujeito, que será comentada mais adiante.

No caso da memória, que como foi dito, é também importante no que tange às condições de produção, em relação ao discurso ela é tratada como interdiscurso ou memória discursiva. Diz respeito aos dizeres anteriores – ditos por alguém, em outro lugar, em outros

momentos historicamente distantes – ao imediatamente construído. “O já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2005 a, p. 31).

Assim, o sentido ou o efeito de sentido causado pela palavra, pelo discurso, tem origem não apenas num contexto imediato ou mais amplo, conforme explicitado. O discurso significa pela história e pela língua. Ao ler determinado texto acionam-se pela memória todos os dizeres possíveis de serem relacionados àquele tema, identificando-os em sua historicidade. Segundo Orlandi (2005 a, p. 32), “o que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.”

Dessa forma, há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo. Há uma relação entre a memória (o interdiscurso), um conjunto de enunciados já ditos e possivelmente esquecidos, e a formulação (o intradiscurso, a atualidade). É mais ou menos o que exemplifica o esquema abaixo:

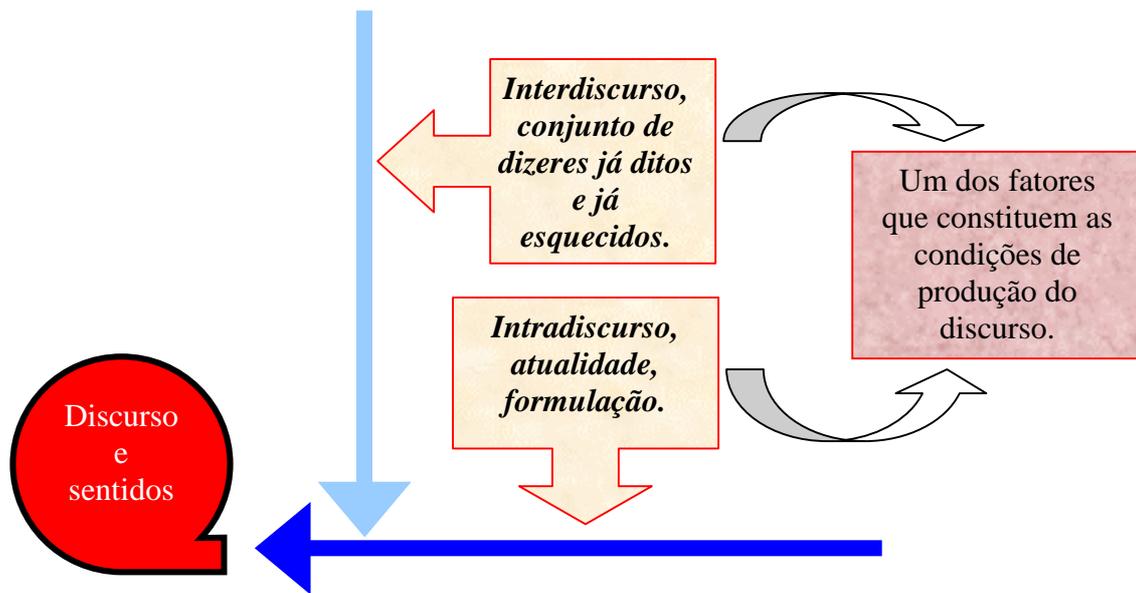


Fig. 1 Esquema baseado nas explicações de Orlandi (2005 a, p. 33)

Sinteticamente, as condições de produção envolvem um contexto imediato, um contexto amplo, social e histórico, e ainda a memória, o interdiscurso. Esses três elementos situam-se às margens do texto, mas também fazem parte dele num processo de significação constante para os parceiros da comunicação.

De certa forma, conectada às condições de produção, a formação discursiva também determina a produção de sentidos em um discurso. Aquele que enuncia, enuncia de um determinado lugar, tem uma função no ato da enunciação e o faz sob determinadas condições de produção. Portanto, uma mudança de posição, do contexto sócio-histórico, e de sujeito pode provocar uma mudança no sentido das palavras proferidas. Neste contexto, a formação discursiva é também essencial para se estabelecer uma análise dos elementos que perfazem os textos enciclopédicos porque permite compreender o processo de produção de sentidos e a sua relação com a ideologia.

Aliás, sobre ideologia Brandão (2004, p. 46) afirma que “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias.” Por isso, a articulação das ideologias com o discurso suscita dois conceitos bastante importantes: o de formação ideológica e o de formação discursiva, os quais, inevitavelmente, se entrelaçam.

A ideologia está ligada ao modo de produção dominante articulada à materialidade econômica em que se inscreve determinada sociedade. Nas relações de produção (política, econômica e social), os indivíduos são levados a ocupar uma posição em uma ou em outra classe de formação social. Essas classes sociais mantêm relações entre si continuamente, mas tais relações podem ser antagônicas, aliadas ou exercerem papel de dominação. E são essas relações que determinam a formação ideológica dos indivíduos. Haroche et al. (1971, p. 102 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 47) afirmam o seguinte:

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; **cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras.** (grifo nosso)

Sendo assim, todo discurso é determinado por formações ideológicas e é por isso que se pode afirmar que “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005 a, p. 43).

Então os discursos produzem determinados sentidos porque pertencem a determinada formação discursiva e não a outra e por isso eles têm um sentido e não outro. Assim a ideologia vai se materializando nos discursos, produzindo seus efeitos. No entanto, as

formações discursivas não são homogêneas e estáticas. São flexíveis em suas relações com outras formações discursivas e por isso são também heterogêneas.

Há também que se ressaltar que pela formação discursiva é possível compreender os diferentes sentidos. Segundo Orlandi (2005 a, p. 44-45) “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.” Continuando suas palavras, Orlandi (2005 a) ainda esclarece a função do analista sob esta perspectiva:

E isso define em grande parte o trabalho do analista: observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, ele deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito. (p. 45)

Por isso, tomando como objeto de estudo a enciclopédia virtual, o quadro que a presente pesquisa deseja apresentar a partir dos conceitos de formação discursiva e condições de produção é o seguinte: qualquer enciclopédia, somente pelo caráter científico do gênero, já pressupõe determinadas condições de produção (reuniões entre os especialistas que mantêm a obra, regras, limites de palavras no texto, editoração da obra etc) que, por sua vez, também pressupõe formações discursivas e ideológicas diferentes, de cujos discursos resultarão os artigos expostos na enciclopédia. Ou seja, se pode haver formações discursivas diferentes na elaboração de uma enciclopédia e se essa elaboração está envolta em determinadas condições de produção, logo os textos expostos na obra serão, naturalmente, constitutivos de heterogeneidade discursiva. Sendo assim, faz-se necessário também embasar este estudo no conceito de heterogeneidade discursiva.

## 1.2. Heterogeneidade discursiva

Diante das considerações a respeito da inserção do indivíduo em sociedade e da relação que ele mantém com outros dizeres, o sujeito situa o seu discurso em relação ao discurso do outro (BRANDÃO, 2004, p. 59), parceiro imediato na comunicação ou outros discursos historicamente construídos que emergem de sua fala. Por conta desse envolvimento discursivo é que pode-se afirmar a heterogeneidade do discurso.

Segundo Authier-Revuz (2004):

No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, lingüisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro. (p. 12)

Eis a definição de heterogeneidade discursiva. Quando materializado no texto o discurso adquire marcas linguísticas mais ou menos explícitas que possibilitam visualizar, de maneira mais evidente, a manifestação dessa heterogeneidade.

Authier-Revuz (2004) apresenta uma distinção entre dois tipos de heterogeneidade: a mostrada e a constitutiva. A constitutiva é a que não revela o outro, porque é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente; refere-se ao funcionamento real do discurso. Para propor o que ela denomina heterogeneidade constitutiva, a autora apóia-se em estudos exteriores à linguística. Baseia-se, de um lado, nos trabalhos de Bakhtin que tomam o discurso como produto de interdiscursos – a questão do dialogismo bakhtiniano –, e por outro lado, na abordagem do sujeito e sua relação com a linguagem – a questão do inconsciente para a psicanálise.

Segundo Authier-Revuz (2004) é o dialogismo do círculo de Bakhtin que faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso. A questão do dialogismo para Bakhtin será abordado de modo mais profundo no capítulo 2, no qual serão

apresentados os conceitos de gênero discursivo. Mas, sucintamente, é pertinente que se destaque neste capítulo que o dialogismo não se refere apenas ao diálogo face a face entre sujeitos da comunicação. Mais do que isso, refere-se a uma teoria da dialogização interna do discurso. Um determinado discurso contém falares sociais já ditos e internalizados pelo sujeito falante ao longo de sua existência. Por isso é que se pode afirmar que “as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros” ou que “nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26-27). É o discurso dos outros ou as palavras dos outros que sustentam os discursos – “um outro que atravessa constitutivamente o um” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 25).

Sob uma outra perspectiva quanto à heterogeneidade constitutiva, como afirma Authier-Revuz (2004, p. 50), “o trabalho psicanalítico consiste em fazer ressurgir conflitos esquecidos, demandas recalçadas – eventualmente portadores de sofrimentos – que agem, sem que o sujeito saiba, na sua vida presente.” E, apesar de não ter a linguagem como objeto, a psicanálise recorre a ela por ser o lugar em que se materializa o inconsciente. Authier-Revuz (2004) afirma:

O lugar da interpretação analítica é a *linguagem*: trata-se não de passar, a partir do *sentido* manifesto veiculado por uma palavra-instrumento através da tradução-comentário, a um sentido oculto, mas de um *trabalho de escuta* que é de recorte, de pontuação, de eco e que se efetua *sobre a materialidade da cadeia falada*. (p. 53)

É nesse sentido que Authier-Revuz (1990, p. 28) também afirma que “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso.” Muito do que existe na fala dos sujeitos – as suas atitudes e posições axiológicas, suas entonações e recalques, por exemplo – é resultado de elementos presentes no inconsciente; elementos liberados pelos sujeitos na linearidade de seu discurso de forma não intencional.

Por isso o discurso pode ser considerado heterogêneo. Basicamente, é disso que resulta o embasamento de Authier-Revuz na psicanálise sobre a questão da constituição heterogênea do discurso.

Contrariamente ao ponto de vista de uma heterogeneidade constitutiva encontra-se a perspectiva de um discurso com marcas de heterogeneidade. É a heterogeneidade mostrada que diz respeito à voz do outro inscrita no discurso. Uma análise deste caso consiste em tentar recuperar essas vozes no texto. Neste caso, ainda é possível diferenciar suas formas marcadas e não marcadas.

As formas marcadas de heterogeneidade mostrada possuem inúmeros focos de análise, dos quais serão apresentados os mais pertinentes e mais acessíveis nos dados selecionados para análise.

São formas explícitas de heterogeneidade em que na linearidade discursiva o locutor inscreve o outro por meio de marcas, linguisticamente detectáveis. No discurso relatado, por exemplo, o discurso direto e o discurso indireto apontam explicitamente um outro no plano textual. No primeiro caso, o autor toma as palavras do outro, de qualquer tempo ou espaço, e as insere no fio do seu discurso por meio de verbos de dizer e de sinais gráficos como o travessão e os dois pontos. Já no segundo caso, o autor emprega suas próprias palavras para traduzir os dizeres do outro.

Há também o que Authier-Revuz (2004) denomina de formas marcadas de conotação autonímica. Neste caso, o locutor não interrompe seu discurso para inserir e mostrar as palavras do outro. Elas são assinaladas ou visíveis por meio do emprego das aspas, do itálico, de uma entonação específica, de um comentário, de uma glosa, em que o locutor pode combinar certos elementos de seu discurso.

Outras formas de marcar o outro no discurso, segundo Authier-Revuz (2004), podem ser, por exemplo, o emprego de uma língua ou variedade de uma língua, adequado aos

interlocutores e à situação e mostrados no discurso por intermédio de glosas ou por explicações que conectam os discursos, como ocorre na frase “Feijões verdes, al dente, como dizem os italianos.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14) A expressão *al dente*, separada por vírgulas, faz emergir do discurso um outro estrangeiro. Na frase “Aí está um método de datação das ‘varves’, palavra escandinava que significa ‘camada’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14), a palavra “varves” também representa o outro estrangeiro que a própria frase explica: “palavra escandinava que significa ‘camada’”. Ocorre, então, o contato entre discursos.

Authier-Revuz (2004) ainda denomina outras formas de se marcar o outro na linearidade discursiva. Uma delas é a “adequação da palavra do outro à coisa e à situação”, a qual pode ocorrer em figuras de dúvida, de reserva, de hesitação, de retoque ou de retificação, por meio de confirmações ou por tentativa de concordância com o interlocutor. Para dar um exemplo, dentre todos os recursos citados, foi selecionado o de Authier-Revuz (2004, p. 16), em que o outro aparece marcado na seguinte frase: “A ‘triglossia corsa’, se podemos exprimírnos dessa maneira, com o fantasma do toscano que ainda pesa”. Neste caso, o trecho “se podemos exprimírnos dessa maneira” demonstra uma figura de hesitação referente à “triglossia corsa”, um discurso do outro.

Também é possível destacar o emprego da significação de uma palavra normalmente óbvia como marcação da presença do outro no discurso. O locutor emprega uma palavra advinda de um outro discurso e tenta explicar ao máximo seu significado no contexto do seu discurso. (Tal assunto, **no sentido x.**)

O pertencer das palavras e das seqüências de palavras ao discurso em curso também é uma forma de marcar o discurso alheio. Neste caso, o locutor indica, no meio do discurso, explicitamente, de qual outro discurso foram retiradas as palavras proferidas. Ex. Segundo X,...; como afirmava X; para retomar a expressão de X, etc)

Marcas de heterogeneidade como o acróstico, o trocadilho, a justaposição, em cadeia, do um e do outro – como o glossário, por exemplo –, também podem ser identificáveis no nível do discurso. No caso do glossário, Authier-Revuz (2004, p. 19-20) afirma que ele “fecha suas glosas e alinha alfabeticamente as palavras como caixas, de onde ele faz sair e se desdobrar, no capricho de sua fantasia, as palavras escondidas.” No caso da *Wikipédia*, as palavras não estão alinhadas alfabeticamente, nem fechadas como caixas. As palavras nesta enciclopédia são descobertas pelo leitor conforme o seu interesse e a sua necessidade de busca por determinados significados. O glossário é heterogeneamente marcado no discurso da enciclopédia por um espaço em branco no qual o leitor digita a palavra ou expressão que deseja desvendar.

Como afirma Authier-Revuz (2004, p. 20-21), mesmo nas formas mais implícitas de indicações da presença do outro no discurso, esse implícito pode se impor com tamanha força que, sem demarcações definidas, “conduz para onde toda seqüência pode ser considerada como potencialmente habitada por todos os jogos possíveis de serem feitos com outros significantes.”

Há também outras formas de inserir o outro no fio do discurso sem explicitá-lo por marcas unívocas na frase. São os casos não marcados de heterogeneidade mostrada que podem ser observados nos discursos indiretos livres por exemplo, em que as falas de personagens surgem repentinamente como se fossem palavras do narrador. A ironia, a antífrase, a imitação, o estereótipo entre outras formas discursivas, são também exemplos de formas não marcadas de inserção do outro, o qual só é dado a conhecer segundo uma interpretação, a partir de índices recuperáveis no discurso em função do seu exterior. Depende muito do conhecimento e da profundidade do conhecimento que o interlocutor tem sobre o assunto em questão, e dessa leitura pode-se sentir o prazer ou o fracasso da decodificação do discurso. Segundo Authier-Revuz (2004):

Esse modo de “jogo com o outro” no discurso opera no espaço do não-explicito, do “semidesvelado”, do “sugerido”, mais do que de mostrado e do dito: é desse jogo que tiram sua eficácia retórica muitos discursos irônicos, antífrases, discursos indiretos livres, colocando a presença do outro em evidência tanto mais que é sem o auxílio do “dito” que ela se manifesta: é desse jogo, “no limite”, que vêm o prazer – e os fracassos – da decodificação dessas formas. (p. 18)

A inscrição do outro exterior, mas explicitamente marcado num determinado discurso constitui recursos que possibilitam ao locutor se fazer observador, em qualquer momento capaz de distanciar-se de seu discurso adquirindo, por vezes – no caso de glosas de retificação, por exemplo – um caráter de avaliador, de comentarista, do seu próprio dizer. Além disso, as marcas de heterogeneidade podem constituir proteção ao locutor, confirmando sua identidade. Ao se distanciar, marcadamente, do outro em seu próprio discurso, o locutor se defende de um outro ou recorre ao outro para constituir sua fala. Assim, pela forma, pelo contorno, pelas bordas, pelos limites que essas marcas traçam no discurso o sujeito enunciador também adquire uma forma. As marcas linguísticas de heterogeneidade permitem conhecer a identidade, a forma, as posições – inclusive axiológicas – do locutor.

Ao mesmo tempo em que as formas marcadas de heterogeneidade podem constituir uma certa proteção ao locutor, as formas implícitas de heterogeneidade (aquelas que mais se aproximam da heterogeneidade constitutiva) deixam o locutor desprotegido. “Tais formas renunciam a toda proteção diante dela, e tentam o impossível ‘fazer falar’, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo ‘isso fala’ do interdiscurso ou do significante tal como o desenham [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34)

### **1.3. A autoria e a interpretação na heterogeneidade do discurso**

Como é possível perceber, os elementos da Análise do Discurso discutidos até aqui refletem a questão da autoria, mas também esbarram na questão da interpretação, da leitura do

ponto de vista do autor, do sujeito-leitor e do analista, três tipos de sujeito discursivamente formado pela história. Trata-se da interpretação pela qual o sujeito encontra necessidade de dar sentido a qualquer objeto simbólico (ORLANDI, 2004, p. 64), considerando necessariamente, em se tratando de Análise do Discurso, a história (o interdiscurso ou memória discursiva) como determinante no processo de significação.

Dessa forma, a interpretação só é possível pela memória, a qual segundo Orlandi (2004, p. 67) pode ser institucionalizada – como um arquivo – ou constitutiva, ou seja, o interdiscurso (o dizível, o repetível, o saber discursivo). Entre esses dois tipos de memória realiza-se a interpretação. Com a primeira, a repetição dos dizeres congela, e no âmbito da segunda a repetição é a possibilidade de significar de outra maneira, “em que presença e ausência se trabalham, paráfrase e polissemia se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente” (ORLANDI, 2004, p. 68).

A função de autor, assim, se inscreve na história e pela história. “O autor consegue formular, no interior formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações.” (ORLANDI, 2004, p. 69). Ora, o autor está inserido num contexto histórico e por isso os seus dizeres e suas posições – sociais ou ideológicas – são reflexos de sua vivência. Este fato permite afirmar que toda fala está de certa forma sustentada num “já dito”, o qual, presente na memória constitutiva, pode se apagar para dar lugar a um anonimato ilusório ou à idéia de autoria primeira, única e sem história. Há, então, um silenciamento de vozes que constituíram os dizeres de determinado falante. Segundo Orlandi (2004, p.72) “esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível.” Assim, os sentidos não retornam apenas, eles se transformam e se projetam em novos sentidos, deslocando-se de suas filiações históricas.

Ou seja, dito de outra forma e silenciando as vozes historicamente internalizadas, o autor se posiciona ideologicamente, experimenta seus próprios sentidos e determina a sua

identidade. Sendo assim, um texto não pode ser considerado fechado em si mesmo. E este silêncio (constitutivo, não imposto) é a prova de que o texto possui aberturas de sentidos e de que pode ganhar novas determinações, produzir ou não deslocamentos. É a prova da heterogeneidade do dizer, “porque entre o dito e o não-dito é irremediável que haja um espaço de interpretação que não se fecha.” (ORLANDI, 2004, p. 72)

Por isso é que o discurso está sujeito a equívocos, à ambigüidade, à opacidade. Entre o que é dito e o que é silenciado num texto (materialização do discurso) existem brechas que permitem diferentes interpretações, debates e outras possibilidades de se fazer sentido.

Então, a função de autor está também relacionada à posição que ele adquire inserindo-se em um lugar de interpretação definido pela relação com o interdiscurso, pela memória discursiva, historicamente determinada, bem como pela relação com o interlocutor. Ou seja, retomando Authier-Revuz (1984 *apud* ORLANDI, 2004, p. 74) à distinção entre o outro (o interlocutor) e o Outro (o interdiscurso), e em relação à interpretação, o autor fica, por um lado, determinado a dizer coisas que fazem sentido pela sua memória discursiva e, por outro lado, dizer coisas que tenham sentido para um interlocutor. Nesse processo, confrontam-se as histórias de autor e leitor.

O que importa nessa configuração, na verdade, é a posição ideológica do autor representada na interpretação, dele com sua história, dessa história com um interlocutor e do interlocutor com suas histórias. Na realidade, não se pode ter acesso ao interdiscurso do locutor para saber os sentidos desejados. Nem mesmo as condições de produção em sentido estrito (a circunstância da enunciação) podem revelar com precisão esses sentidos, pois a formulação do dizer relaciona-se com o interdiscurso, o qual não se pode situar historicamente. É memória discursiva, individual, intransponível. Por isso é que os dizeres possuem uma trama de sentidos e “passa pela opacidade, pela espessura semântica, pelo

corpo da linguagem que, na análise do discurso, chama sua materialidade, sua discursividade, sua historicidade” (ORLANDI, 2004, p. 76)

Tais considerações merecem destaque neste trabalho por fornecerem bases para uma análise em que se deseja, como afirma Orlandi (2004, p. 83), “compreender – e não refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido”, os quais podem estar materializados nos mecanismos de funcionamento do texto, o que é evidente em alguns textos da *Wikipédia*, objeto de estudo desta pesquisa, que apresenta as condições em que os textos são produzidos, visíveis no campo *Discussão* da enciclopédia.

Determinar os mecanismos de funcionamento de um texto significa, na verdade, buscar pistas que possam indicar a formação discursiva e ideológica do autor que produzem sentidos no texto. “A historicidade está aí representada justamente pelos deslizos (paráfrases) que instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas. Fala-se a mesma língua, mas se fala diferente, pelo “efeito metafórico” (ORLANDI, 2004, p. 81), um dispositivo de análise do funcionamento do discurso. Segundo Pêcheux:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro. (PÊCHEUX, 1991, *apud* ORLANDI, 2004, p. 80)

Existe, pois, uma relação entre interdiscurso (a memória histórica) e o intradiscurso (as formulações) na discursividade do sujeito materializada lingüisticamente nos textos. E é na textualização – a forma como se organiza o dizer – que podem ser percebidos efeitos de sentido “representados na articulação das diferentes formações discursivas que recortam o texto de forma desigual” (ORLANDI, 2005 b, p. 115) e o constituem heterogeneamente. A textualização do discurso, portanto, é o objeto de estudo do leitor analista.

Como é possível observar, a Linguística busca no exterior de seus estudos bases que possam sustentar a afirmação da heterogeneidade discursiva. Tanto os estudos bakhtinianos

quanto os psicanalíticos fornecem elementos que, tendo como foco o indivíduo em sociedade ou o indivíduo e seu inconsciente, comprovam a legitimidade dos estudos sobre heterogeneidade.

Tendo como alicerce essas teorias e os estudos de Authier-Revuz sobre heterogeneidade discursiva, e ainda considerando-se que “as palavras falam com outras palavras, que toda palavra é sempre parte de um discurso, e que todo discurso se delinea na relação com outros — dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2005 a, p. 43) —, fica claro o caráter constitutivamente heterogêneo dos diferentes discursos ou, mais especificamente, dos diferentes gêneros discursivos que circulam pela sociedade.

Considerando a *Wikipédia* como um gênero discursivo, conforme será discutido mais adiante, e considerando a heterogeneidade como constitutiva de todo e qualquer discurso que se delinea na relação com outros dizeres, os textos da *Wikipédia*, ou mesmo o próprio *site*, podem ser considerados constitutivos de heterogeneidade, especialmente devido ao seu caráter virtual que aproxima discursos sem demarcações de tempo ou território.

Disso resulta a explanação dos elementos da Análise do Discurso que a presente pesquisa vê como importantes alicerces teóricos para o estudo dos artigos que compõem a *Wikipédia*. Por ser uma enciclopédia aberta e editada por qualquer internauta, os textos nela inseridos passam pela avaliação dos leitores que podem participar de sua elaboração e edição, sempre justificando suas interferências no texto. Então, há uma abertura para uma análise mais concreta das condições de produção do texto enciclopédico e da formação discursiva dos responsáveis pela manutenção dos artigos no *site*, o que constitui a heterogeneidade desses textos.

Em última instância, verificar se os artigos da enciclopédia carregam marcas linguísticas que denunciam sua heterogeneidade, parece concordar com as proposições de Orlandi (2004) sobre os objetivos do analista de discurso apresentados acima, pois a formação

discursiva e as condições de produção dos textos estão denotadas no campo da enciclopédia em que os editores discutem determinados assuntos e de onde se podem extrair as “pistas” que denotam determinados sentidos. Neste campo da *Wikipédia*, encontram-se os autores responsáveis pela formulação do texto e, por isso, formação discursiva e condições de produção são passíveis de análise, entre outras formas, por marcas como deslize – pelo efeito metafórico – ou como o silenciamento, pois embora o dizer silenciado seja desconhecido, uma entonação ou uma palavra tomada como verdade absoluta por determinado autor podem representar a brecha que determina a historicidade dos dizeres e que permite o silenciamento e a ilusão do nascimento de um dizer.

Um estudo sobre uma enciclopédia virtual, baseado nos pressupostos da Análise do Discurso, conforme exposto até aqui, não pode se apoiar pura e simplesmente nas características do *site*, objeto de estudo desta pesquisa. Antes, faz-se necessário caracterizar a *Wikipédia* como um produto do qual emanam discursos que se relacionam com diferentes esferas da atividade humana, mas bastante voltada às esferas educacionais.

Sendo assim, caracterizar este produto como uma enciclopédia, um mega-gênero discursivo, pode facilitar a compreensão e a análise dos textos sob a perspectiva dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso discutidos neste capítulo. Neste caso, o aporte teórico que fundamenta os estudos da linguagem materializada em gêneros discursivos é o tema a ser tratado a seguir.

#### **1.4. Gêneros Discursivos – alguns conceitos**

De um modo geral, o estudo sobre gêneros discursivos, sua descrição, a discussão sobre sua funcionalidade num determinado meio social, vem se constituindo em propostas

pedagógicas para o ensino de leitura e produção de textos, devido à proximidade que os gêneros mantêm com a sociedade, diariamente. Defendidos também pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os gêneros do discurso têm sido incluídos nas práticas educacionais do ensino de línguas, principalmente, e no ensino de outras disciplinas que objetivam levar o aluno ao conhecimento de diferentes universos relacionados aos conteúdos curriculares.

No que se refere à Linguística Aplicada, o estudo sobre os gêneros discursivos tem sido relacionado aos problemas e às propostas pedagógicas de leitura e produção de textos e, por isso, é de fundamental importância que sejam entendidos os principais conceitos que, aliados, corroboram para a definição de gêneros pensada por Bakhtin, uma das principais referências no assunto.

Bakhtin elabora sua teoria sobre os gêneros discursivos enfatizando a linguagem, a vivacidade da língua, em constante atuação no meio social. Contrapõe-se, assim, aos estudos saussurianos da linguagem que considerava a fala como fenômeno individual e o sistema lingüístico como fenômeno social. Bakhtin recusa-se a separar o individual do social. Para ele, a linguagem é um fenômeno profundamente social e histórico e, por isso mesmo, ideológico. Em sua obra *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1992), Bakhtin faz reflexões sobre gêneros discursivos relacionando o uso da linguagem aos diversos campos da atividade humana e afirmando que, a “utilização da língua efetua-se em forma de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 279), elementos lingüísticos produzidos em contextos sociais reais, concretos e ativos no processo de comunicação.

Base da visão social da linguagem, o enunciado, mesmo social, está imbricado à noção de unicidade do ser e do evento, como reafirma FIORIN (2006). Isso porque o enunciado é irrepetível. Depende do momento da enunciação, do evento comunicativo e tem sempre uma entonação e/ou uma apreciação próprios. As unidades da língua (sons, palavras e orações),

que até compõem o enunciado, podem ser repetidas, mas como enunciados nunca serão pronunciados igualmente em qualquer outra situação.

Como afirma Bakhtin (1992, p. 279) “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” Ou seja, gêneros do discurso são enunciados que respondem a uma determinada esfera da atividade humana. Por serem variadas, cada uma dessas esferas elabora tipos de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma delas. Por isso os enunciados são irrepetíveis. Eles dependem do contexto e da finalidade para a qual foram produzidos. Como são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana, também são inesgotáveis as possibilidades de criação de gêneros discursivos. Daí a questão da riqueza e da diversidade de gêneros na sociedade.

Para não se restringir aos estudos funcionais dos gêneros que desde a Antiguidade minimizavam a natureza linguística do enunciado, Bakhtin (1992, p. 281) considera essencial a distinção entre gêneros discursivos primários e secundários. Os gêneros primários (simples), se constituem em situações imediatas da linguagem. São provenientes da espontaneidade dos locutores. Os secundários, mais complexos como o romance, o teatro, as palestras, não são tão espontâneos e, portanto, não refletem imediatamente as condições de determinada esfera social. No entanto, os gêneros primários compõem os secundários e ao preenchê-los perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Só se integram à realidade existente através do gênero secundário (complexo) do qual faz parte, como um fenômeno linguístico mais complexo e não como fenômeno da vida cotidiana.

Para Bakhtin (1992, p. 282 e 286) o que esclarece, pois, a natureza do enunciado é exatamente a inter-relação entre os gêneros primários e secundários e o processo histórico de formação dos gêneros secundários. Afinal, a língua escrita é marcada pelos gêneros do

discurso, simples ou complexos, e uma ampliação da língua escrita pressupõe “a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc, o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso.” Daí a importância de se distinguir os gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são importantes porque revelam as necessidades de uma dada esfera da atividade humana e por constituírem os gêneros secundários.

Simples ou complexos, gêneros são fenômenos sociais e históricos que ocorrem na vivacidade da língua, no processo de interação verbal. O caráter social, histórico e irrepetível dos enunciados comprovam a frase, por vezes reiterada na obra de Bakhtin: “cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 1992, p. 299), devido ao caráter dialógico do enunciado. Ainda segundo Bakhtin (1992):

Ele [o enunciado] tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado [...] reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural). [p. 299]

Isso significa que todo discurso possui uma fronteira que delimita o discurso de um e de outro falante, mas as vozes que o pronunciam, historicamente consideradas, estão presentes em todo e qualquer discurso, com exceção do Adão mítico, cujo discurso, primeiro, não possuía precedentes. O que acontece é que, segundo Bakhtin (1992) no processo de interação verbal não existe passividade. Uma interação verbal deve ser compreendida como um processo em que o discurso de um promove no outro o que Bakhtin denomina atitude responsiva ativa. Numa situação comunicativa, oral ou escrita, o ouvinte está sempre ativo, aceitando ou não o discurso do outro, associando um trecho do discurso a um outro já

conhecido, formulando opiniões, contrapondo ou complementando as informações recebidas de acordo com o seu conhecimento ou experiência.

Tem-se, então, como afirma MACHADO (2008, p. 157) um circuito de responsabilidades. “Enunciado e discurso pressupõem uma dinâmica dialógica da troca entre sujeitos discursivos no processo de comunicação”, seja em gêneros simples do cotidiano ou em gêneros secundários do discurso. Pode-se afirmar assim que todo enunciado é dialógico.

Fiorin (2006, p. 24) esclarece o conceito de dialogismo sob três aspectos. Ao explicar o primeiro conceito de dialogismo, ele esclarece que “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado” e, portanto, é sempre marcado por, no mínimo duas vozes: [...] a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói, seja uma voz já dita ou uma subsequente. No segundo conceito de dialogismo, o autor aborda a questão da incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado. “Nesse caso, o dialogismo é uma forma composicional.” Está associado ao conteúdo do gênero que contém, naturalmente, as vozes internalizadas pelo locutor, o qual é, também por natureza, um ser dialógico. No terceiro conceito, Fiorin afirma o não-assujeitamento do sujeito às estruturas sociais. Afirma que “a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito”. Um indivíduo, durante toda a sua vida, relaciona-se com outros e, portanto, está em contato com diferentes vozes que revelam posições sociais distintas. Assim, ele vai se constituindo discursivamente, absorvendo essas várias vozes e constituindo-se dialogicamente. Por isso é que não “está submisso às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade”. (FIORIN, 2006, p. 55)

No caso da enciclopédia, é fácil determinar o caráter dialógico dos textos, a começar pela principal característica do gênero de ser escrita por um grupo de especialistas que dominam determinados assuntos. Cada membro da equipe técnica da enciclopédia relaciona-se diretamente com a sociedade e constrói suas posições axiológicas num absorver constante

de vozes durante toda a vida. Mesmo na busca por referências teóricas que alicercem os textos, um enciclopedista continua a dialogar aceitando ou não determinados argumentos, relacionando-os a outros discursos ou argumentando em favor de uma ou de outra idéia. Seguindo essas observações, pode-se entender também que, ao inserir um texto na enciclopédia, um locutor espera uma atitude responsiva de seu interlocutor. Quando o leitor procura uma enciclopédia já se posiciona para dialogar com ela, munido de diferentes vozes que permeiam o seu discurso, da bagagem enciclopédica e do conhecimento de mundo que possui.

Dialógico, o enunciado é a unidade real da comunicação verbal e dessa forma possui características estruturais que lhe são comuns: fronteiras determinadas pela alternância dos falantes e um acabamento específico. A primeira característica está vinculada ao conceito de atitude responsiva ativa, comentada anteriormente. Uma obra, um romance, o teatro ou qualquer outro objeto lingüístico-semiótico, assim como uma réplica do diálogo (num gênero de discurso primário) já espera a resposta do outro, que pode ser feita mediante diálogos com vozes já internalizadas, formulando juízos ou simplesmente respondendo ativamente a um discurso. O que importa é que as respostas estão separadas, as vozes estão separadas pelo que Bakhtin denomina fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes.

No que se refere ao acabamento específico do enunciado, Bakhtin (1992, p. 299) preocupa-se com o todo inteligível do enunciado, importante por possibilitar uma atitude responsiva. Bakhtin afirma três fatores ligados ao enunciado: o tratamento exaustivo do objeto do sentido, referente àqueles temas que estão sempre se repetindo nas esferas sociais ou àqueles em que, ao se tornarem tema de uma obra científica, recebem um acabamento relativo determinado pelo intuito do autor que é, por sua vez, o segundo fator de acabamento do enunciado. O intuito discursivo ou o querer-dizer do locutor, quando percebido, torna transparente o acabamento do enunciado. É esse intuito que determina a escolha do objeto do

sentido, a exaustividade do tema, a forma do gênero que comportará o enunciado e o objetivo do discurso. Assim, parceiros da comunicação, diretamente ligados à situação comunicativa e aos enunciados anteriores, podem captar o intuito discursivo do locutor e perceber o todo do enunciado desenvolvido.

O terceiro fator de totalidade do enunciado refere-se ao gênero do enunciado. Um conteúdo é inserido em um gênero do discurso escolhido pelo locutor de acordo com a sua intenção comunicativa, com as especificidades de uma determinada esfera social, com as necessidades do enunciado em si e com os parceiros da comunicação – o público a que se destina o enunciado –, por isso, as formas do gênero são maleáveis no sentido de sua existência diversa.

Tais características do enunciado revelam as especificidades dos gêneros do discurso. O enunciado concretiza-se em gêneros discursivos que atendem às necessidades de uma determinada esfera da atividade humana. Assim, os elementos que definem os gêneros do discurso são indissociáveis: o conteúdo, os elementos composicionais e o estilo.

O conteúdo, conforme apresentado, está ligado ao querer-dizer do locutor, à escolha que o locutor faz dentre os enunciados que deseja comunicar. Os elementos composicionais e o estilo dos gêneros estão ligados “à necessidade de expressividade do locutor ante o objeto de seu enunciado.” (BAKHTIN, 1992, p.308) Em primeiro lugar, não existe discurso completamente neutro. Todo enunciado é repleto de expressão valorativa e as escolhas lexicais, gramaticais e composicionais de determinado conteúdo num gênero específico dependem da expressividade do locutor, da relação valorativa deste com o enunciado e da compreensão de seu destinatário. Um enunciado deve se adequar a determinado gênero discursivo, que possui, obviamente, certas características de acordo com a função comunicativa que assume em uma esfera social, mas as entonações e a seleção das palavras

que fazem parte de um enunciado refletem o caráter dialógico do locutor, a sua posição valorativa.

Esse é um dos aspectos que será retomado no próximo capítulo. Na enciclopédia virtual *Wikipédia*, as escolhas dos editores e mantenedores dos textos na enciclopédia estão bastante claras no *site* e as discussões dos wikipedistas denotam, por vezes, as posições axiológicas dos locutores. Daí a questão da heterogeneidade do discurso.

Authier-Revuz (1990) formula o conceito de heterogeneidade apoiando-se em duas fontes: a concepção dialógica da linguagem segundo Bakhtin e a concepção freudiana do sujeito. Para a presente pesquisa interessa muito a primeira concepção teórica, pois para Bakhtin, a relação com os outros é levada em conta no processo de formação do discurso. Baseada no referencial teórico de Bakhtin e de Authier-Revuz, Benites (2003) afirma:

Todo discurso se constrói pela relação como outros, que, dessa forma, se estabelecem como seu “exterior constitutivo”. Isso porque, surgindo num momento histórico e num meio social determinados, um enunciado não pode deixar de servir-se das idéias gerais, das apreciações e das definições já dadas a conhecer. E, ao penetrar nesse meio agitado por diálogos e palavras tensas, o discurso cruza-se com outros, separa-se de outros tantos e se funde com muitos outros. (p. 11 e 12)

Segundo Benites (2003, p. 12), Authier-Revuz enfatiza que “a relação de um discurso com ‘outros discursos’ e com o ‘discurso do outro’ não é exterior, mas inerente a ele.” Ou seja, um discurso é heterogêneo porque sempre comporta outros, constitutivamente, em seu interior. Benites explica que “dito de outra forma, todo discurso é heterogêneo porque o sujeito do discurso é heterogêneo, na medida em que, através de sua boca, falam diversas vozes.” (p. 12) Tomando as palavras de Authier-Revuz,

todo discurso é constitutivamente atravessado por “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala) mas uma condição (constitutiva, pela qual se fala) do discurso de um sujeito falante que não é a fonte primeira de seu discurso (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 141, *apud* BENITES, 2003, p. 12).

Em Bakhtin, a noção de heterogeneidade é fundada no dialogismo. Segundo o autor:

um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal (BAKHTIN, 1992, p.316).

Assim, é possível perceber a importância do enunciado enquanto forma de utilização da língua e enquanto essência dos gêneros discursivos. Para sintetizar o que até aqui foi explicitado sobre a noção de gêneros discursivos, vale retomar as palavras de Bakhtin:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam, dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros de discurso. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

O conceito de gêneros discursivos está intimamente relacionado aos conceitos também explicitados neste capítulo sobre Análise do Discurso. Condições de produção e heterogeneidade discursiva, por exemplo, perfazem os diferentes gêneros na medida em que estes refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas sociais.

O enlace dessas teorias, portanto, dá o suporte necessário, primeiramente, à caracterização da enciclopédia como um gênero discursivo e, em seguida, à análise sobre as condições de produção e a heterogeneidade dos discursos da *Wikipédia*.

## CAPÍTULO 2

### **Enciclopédia: um gênero discursivo**

O objetivo deste capítulo é caracterizar a enciclopédia impressa como um gênero discursivo. A noção de gêneros abordada no capítulo anterior, segundo as concepções de Bakhtin (1992), são fundamentais para este estudo pois abrem caminho para a caracterização de gêneros discursivos presentes também na sociedade digital. Para tanto, é necessário que se conheça a história da enciclopédia, das primeiras intenções de se registrarem os conhecimentos humanos até os diferentes formatos a que se tem acesso atualmente.

#### **2.1 Enciclopédia – percurso histórico**

O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define enciclopédia como “um conjunto de todos os conhecimentos humanos, uma obra que reúne todos os conhecimentos humanos ou apenas um domínio deles e os expõe de maneira ordenada, metódica, seguindo um critério de apresentação alfabético ou temático”. É, na verdade, uma obra que, sem pretensão de originalidade, tenciona compilar em si, de um modo objetivo e imparcial, um conjunto de conhecimentos disponíveis de uma determinada época.

Mas o que é conhecimento? De que tipo de conhecimento trata a enciclopédia? Burke (2003, p.19) responde a esta pergunta procurando diferenciar em seus estudos conhecimento e informação. Ele emprega o termo informação para se referir ao que é “relativamente cru, específico e prático”. Já o termo conhecimento ele usa para denotar o que foi “cozido, processado ou sistematizado pelo pensamento”. O próprio autor considera a distinção relativa na medida em que os cérebros processam tudo o que percebem, mas a importância da

elaboração e da classificação do conhecimento é um tema central nas discussões acerca da fixação gráfica da informação.

Ao longo da história, a pluralidade do conhecimento fez crescer também as diferenças entre classes sociais. O saber era privilégio dos intelectuais – clérigos, filósofos, cientistas – que hesitavam em popularizar o conhecimento. Segundo Burke (2003, p.21), no início da Europa Moderna, alguns homens da elite, cuja classe se determinava pelo conhecimento que detinham, chegaram a argumentar que “o conhecimento não devia ser transmitido às pessoas do povo para evitar que ficassem descontentes com sua posição na vida”

Sendo assim, o conhecimento era privilégio de poucos, mas havia os que entendiam a pluralidade do termo e até admitiam que artesãos e camponeses conheciam melhor a natureza do que muitos filósofos. Assim é que se começou a questionar e a se realizar, sob diferentes perspectivas, a classificação do conhecimento. Segundo Burke (2003, p. 21), “o sociólogo Georges Gurvitch, por exemplo, distinguia sete tipos de conhecimento: perceptivo, social, cotidiano, técnico, político, científico e filosófico.” Sob outra perspectiva, os conhecimentos eram diferenciados entre aqueles produzidos e transmitidos por diferentes grupos sociais. “Os intelectuais são os detentores de certos tipos de conhecimento, mas outros campos de especialização ou de *know-how* são cultivados por grupos como burocratas, artesãos, camponeses, parteiras e curandeiros” (BURKE, 2003, p.21).

E assim, o conhecimento foi sendo entendido, mesmo que sob protestos de alguns, como algo que não poderia ser detido por um único filósofo ou clérigo. E mais, com a crescente busca pela informação por parte de classes menos favorecidas, o conhecimento se multiplicava. Crescia o número de cientistas e filósofos que defendiam a idéia de que toda fonte de conhecimento deveria ser difundida.

Então, a classificação do conhecimento teve um início mais formal, quando se organizou o sistema de ensino, principalmente o sistema universitário, por meio do qual, até

então, era possível se ter acesso ao conhecimento mais elitizado. Nesse processo, currículos, bibliotecas e enciclopédias se juntaram. Sistematizadas, as bibliotecas e as enciclopédias serviam à organização dos currículos, às etapas do ensino e à diversidade de matérias que poderiam ser cursadas.

Especificamente, no caso da enciclopédia, segundo Burke (2003),

o termo grego *encyclopaedia*, literalmente ‘círculo do aprendizado’, originalmente se referia ao currículo educacional. O termo passou a ser aplicado a certos livros porque estavam organizados da mesma maneira que o sistema educacional, fosse para assistir os estudantes em instituições de ensino superior ou para oferecer um substituto para essas instituições, um curso para autodidatas. Não é de se surpreender que, nessa época em que o ideal do conhecimento universal ainda parecia ao alcance, as enciclopédias fossem às vezes compiladas por professores universitários [...] (p. 89)

Nesse sistema atrelado de ensino, a enciclopédia sofreu mudanças nos objetivos que direcionavam a sua criação. No período da Antigüidade, na Grécia, a enciclopédia caracterizava-se pela compilação de conteúdos. No início, era um procedimento de exigência escolar que visava a “conservar e prolongar pela palavra escrita a palavra dita do professor” (POMBO, 2001), não como um complemento educacional, mas como veículo de transmissão de conhecimentos e de acontecimentos passados à futuras gerações. Era, assim, orientada por uma “pretensão à exaustividade”, buscando totalizar e acumular saberes adquiridos no passado.

No período iluminista, marcado por uma mudança de ordem política e econômica que se estendeu pelos campos da cultura e da filosofia, a razão passa a ser considerada como elemento fundamental para a aquisição de conhecimentos. Segundo Salomão (2009 a), o Iluminismo, ou “século das luzes”, como é comumente denominado, teve no racionalismo sua base fundamental de análise. A razão, vista como a única guia para o conhecimento e o único critério para a diferenciação entre o bem e o mal, representava também uma violenta crítica ao papel desempenhado pela Igreja, até então detentora do monopólio do ensino em vários países europeus. Diante desse novo ideal de conhecimento, surgiram nomes que revolucionaram a

ciência e a filosofia, por exemplo. Descartes, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Diderot e D'Alembert, são alguns dos pensadores responsáveis pelas mudanças no pensamento humano com relação aos questionamentos das verdades até então estabelecidas.

Nessa época, o matemático Jean D'Alembert (1717-1783) e o filósofo Denis Diderot (1713-1784) organizaram a Enciclopédia, obra que pretendia sintetizar o pensamento iluminista, abrangendo todos os campos do conhecimento. Contaram com mais 130 colaboradores que se responsabilizaram pelos seus 35 volumes. A obra teve como idéias centrais, entre outras, a valorização da razão como contraponto à fé e a ciência concebida como meio de se alcançar o progresso.

Com o passar do tempo, a partir desses novos ideais filosóficos, e já na modernidade, foi-se percebendo o caráter precário de uma enciclopédia historicamente situada e incapaz de acompanhar o movimento dos acontecimentos. O próprio Diderot, como cita Pombo (2001), afirma a precariedade dessa enciclopédia quando argumenta:

As opiniões envelhecem e desaparecem como as palavras, o interesse que se dedicava a certas invenções, diminui de dia para dia e extingue-se. Se o trabalho é muito longo, estende-se sobre coisas momentâneas que deixaram de interessar, nada terá dito sobre outras cujo lugar terá já passado. (DIDEROT, ed LAFFONT, 1994, p 370 *apud* POMBO, 2001)

Assim, o gênero perde um pouco da sua pretensão de exaustividade e passa a se preocupar com a seleção dos conhecimentos, “estabelecendo demarcações entre o que é e não é pertinente, entre o que vale e não vale a pena ser contido nas suas páginas, entre o que merece e não merece ser conservado, compilado, transmitido”, uma biblioteca compacta, que deseja conjugar exaustividade e seletividade (POMBO, 2001).

Assim, a enciclopédia adquiriu um formato, com características bastante distintas de outros livros de consulta como o dicionário ou o livro de História, por exemplo. É certo que o objetivo de sintetizar o mundo em suas páginas acabou por didatizar a enciclopédia, tanto no

que se refere a sua organização física no que tange a sua adequação ao seu público leitor. Nesse caso, é importante ressaltar as características físicas da enciclopédia e caracterizar o público a que se destina.

## **2.2. As diferentes formatações da enciclopédia**

Como representante do mundo, a enciclopédia foi, historicamente, adquirindo mais do que a pretensão à exaustividade e à seletividade. Passou a ser desejada como um livro reflexo do mundo que apresenta, como se o universo pudesse ser visto na enciclopédia e esta, por sua vez, vista no universo.

A partir do Renascimento, na Idade Moderna, esse livro passou a conter materiais lingüísticos não lineares, icônicos, que tencionavam deixar o texto escrito ainda mais evidente. Segundo Pombo (2001),

ao contrário do dicionário, a enciclopédia tende ao aproveitamento semântico dos recursos diagramáticos da linguagem pondo-os ao serviço da referência e da descrição – imagética, icônica, cartográfica – do mundo para o qual ela remete e que nela se espelha.

Além dos ícones, uma outra característica do gênero em questão é a descontinuidade do texto. As coisas do universo são refletidas na enciclopédia por “entradas” independentes, seja por ordem alfabética ou por agrupamentos temáticos e, mais do que isso, tais entradas abrem caminho, implícita ou explicitamente, para outras entradas. Ou seja, o texto não possui fronteiras bem definidas. Implicitamente, pode conter informações que remetam o leitor a um outro assunto de acordo com o diálogo que este mantém com o texto, e explicitamente, o texto pode enviar o leitor a um assunto que o complementa, como exemplifica a fig. 2.

**NAZI** → NAZISTA.  
**NAZIFICAÇÃO** s.f. Ação de nazificar, fato de ter sido nazificado.  
**NAZIFICAR** vt. Submeter à doutrina nacional-socialista, nazista.  
**NAZIREATO** s.m. Na religião judaica antiga, consagração a Jeová realizada após um voto permanente ou temporário. (Por esse voto, o nazireu abstinha-se de bebidas fermentadas, de tocar em cadáveres e se obrigava a deixar crescer os cabelos.)  
**NAZIREU** s.m. Homem ligado ao voto do nazireato. (Na história bíblica, o nazireu mais famoso é Sansão.)  
**NAZISMO** → NACIONAL-SOCIALISMO.  
**NAZISTA** ou **NAZI** adj. e s.m. e f. (abrev. do al. *National Socialist*). Sin. de NACIONAL-SOCIALISTA\*.

**NAZOR** (Vladimir), escritor iugoslavo (Postire, ilha de Brac, 1876 - Zagreb 1949). Poeta (*Livro de poesias*, 1942) e romancista (*Stoimena*, 1916), foi um renovador da literatura croata.  
**NAZRET**, cid. da Etiópia, a SE de Adis Abeba; 61.000 hab. Centro industrial.  
**NAZRU ISLAM**, poeta e compositor bengali (perto de Burdwan 1889 - Dacca 1977), célebre por sua obra patriótica e social (*Nazru Gitika*, 1933).  
**Nb**, símbolo químico do nióbio.  
**NBQ**, abrev. de *Nuclear, Biológica, Química*, utilizada para designar as armas deste tipo (também chamadas armas especiais) e as medidas de defesa contra o efeito dessas armas.  
**NBS**, abrev. de *Nucleonômico, Síntese ou base*.

A palavra “nazismo” remete o leitor ao assunto “nacional-socialismo”, em outra página da enciclopédia, que apresenta de forma sintética, o fato mundialmente conhecido e inicialmente buscado pelo leitor.

nica, histórica, lingüística, religiosa e econômica mais ou menos forte. (Essa comunidade, com tais vinculos em comum, ao se organizar politicamente, forma, em regra, a base de um Estado.) — 2. Pessoa jurídica, fundada pelo conjunto dos indivíduos regidos por uma mesma Constituição, distinta dessas nações, e titular da soberania. — 3. Povo ou grupo de origem africana nativo do Brasil: *nação Angola*, *nação Jeju*. — 4. Conjunto de rituais africanos trazidos ao Brasil por um determinado povo ou tribo.  
**NAÇÔES** s.f.pl. Na literatura bíblica, os povos pagãos, em oposição ao povo escolhido.  
**NACADOME**, cid. do Honduras, às margens do rio Neacoma, cap. do dep. de Yule; 41.500 hab. 90m de alt.  
**NACAR** (Manuel Antônio Guimarães, barão e visconde de), político brasileiro (Parauapeçu PR 1813 - RJ 1883). Deputado provincial em São Paulo (1851) e no Paraná, em sucessivas legislaturas. Como vice-presidente, administrador sua província em 1873 e 1877, representando, como deputado-geral, de 1886 a 1890.  
**NACAR** s.m. (Do persa *nakar*). 1. Substância dura, iridescente, rica em calcário, produzida por alguns moluscos no interior de sua concha, que é utilizada em bijuterias e marcenaria. (O nácar das conchas é mescla de conchilina e carbonato de cálcio.) 2. Feto de camadas planas, enquanto as pérolas, produzidas pelas ostras, são compostas por camadas esféricas e concêntricas dos mesmos elementos do nácar. — 2. Midriopepla.  
**NACARA** s.m. (Do ár. *nagara*, pequeno tambor.) Pequeno timbal árabe de barro ou madeira.  
**NACARADO** adj. 1. Que tem o brilho, a aparência do nácar, nacaroso. — 2. *Murres nacaradas*, murres que ocorrem muito raramente, nos altitudes elevadas (20 a 30km), com formas que lembram os cirros, com irisações.  
**NACARAR** vt. (Conj. 4) 1. Dar o brilho, a luminosidade e o aspecto do nácar. — 2. Fig. Tornar rosado; ruborizar.  
**NACARINO** adj. Nacarado.  
**NACELA** s.f. (Do lat. *navicella*, navio pequeno.) Molécula cíclica na base de uma colina, esocila. **Aerona**. Barquinha ou cesta dos marinheiros, na balde, na qual vão os pescadores ou tripulantes. **Aerona** do piloto protótipo por uma cobertura. (Var. **NACELA**.)  
**NACHELE** s.f. **Aerona**. Var. de **NACELA**.  
**NACHIBIN** (topônimo) matemático brasileiro (Rio de Janeiro 1922). Autor de extensa e importante obra matemática, quase toda espartilhada, sob a forma de teses, artigos, conferências e comunicações. Aos 19 anos, ainda estudante de engenharia, publicou seu primeiro artigo nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e chefe da pesquisa do Instituto de Matemática Pura e Aplicada. (Prêmio Brasileiro Homenageado, concedido pela Organização dos Estados Americanos, em 1982.)  
**Nacht und Nebel** (abrev. **NN**), palavras alemãs que significam “noite e nevoeiro”, expressão que designava, a partir de 1942, certos reportagens políticas destinados a morrer sem deixar traços nos campos de extermínio alemães.  
**NACHUCHU** s.m. Bot. Sin. de **CHICHU**.  
**NACIONAL** adj. (Do lat. *natio*, nação, povo, fr. *nation*) 1. Relativo a uma nação, que pertence a uma dada pátria ou a internacional. — 2. Que concerne a todo o país, por opo. a regional, local. — 3. Que representa todo o país, a vontade nacional. — 4. Dícese de um partido político que pretende identificar-se com os interesses do país.  
**NACIONALIDADE** s.f. (Do fr. *nationalité*). 1. Caráter distintivo de uma nação. — 2. O país de nascimento. — 3. Estado ou condição daquele que é cidadão de um país (ou por naturalidade, ou por naturalização). — 4. Rio jurídico que une uma pessoa ou um território a determinado Estado.  
**NACIONALISMO** s.m. (Do fr. *nationalisme*). 1. Preferência determinada pelo que é próprio à nação à qual se pertence. — 2. Movimento social de indivíduos que tomam consciência de formar uma comunidade em virtude dos seus étnicos, lingüísticos, culturais, etc., que os unem. — 3. Teoria política que afirma a predominância do interesse nacional em relação aos interesses das classes e dos grupos que constituem a nação, ou ainda em relação às outras nações da comunidade internacional.  
**NACIONALISTA** adj. e s.m. e f. 1. Conserne ao nacionalismo. — 2. Partidário do nacionalismo.  
**NACIONALIZAÇÃO** s.f. 1. Ato ou efeito de nacionalizar. — 2. Teorização para a coesividade da propriedade de certos meios de produção que pertencem a particulares ou estrangeiros, tendo em vista pelo o melhor servir ao interesse público, mas também melhor assegurar a independência do Estado.  
**NACIONALIZAR** vt. (Conj. 4) 1. Tornar nacional. — 2. Transferir para a coletividade a propriedade dos meios de produção que pertencem aos particulares ou a estrangeiros.  
**NACIONAL-SOCIALISMO** s.m. (Do al. *National Sozialismus*). Doutrina que encobria as tendências nacionalistas e racistas e que constituiu a ideologia política da Alemanha hitlerista (1933-1945). (Sin. **NAZISMO**.)  
**ENCAC**. O nacional-socialismo tem seus origens a ditense do nacionalismo da segunda metade do séc. XIX, do qual extraiu o tema da superioridade cultural e racial dos alemães, de sua vocação para a hegemonia sobre todos os povos da Europa. Renovou o mito etnocultural da “raça ariana”, identificando dois inimigos ideológicos modernos: o liberalismo e o comunismo, que corrompiam as nações e pelos quais o principal responsável seria o povo judeu. O nacional-socialismo apresentou-se como a síntese de um arcuismo mitológico e religioso baseado na busca, por um povo superior, de sua pureza original e de um modernismo tecnicista. A nação, dirigida por um Estado onipotente e tendo conquistado dos outros povos seu “espago vital” (*Lebensraum*), deveria edificar sua unidade e seu poderio sobre a virtude de seu chefe carismático, o FÜHRER. Desse ponto de vista, o nacional-socialismo assemelha-se ao fascismo.  
O movimento nacional-socialista surgiu em Munique, em 1920, sob a forma de um pequeno grupo que se chamou Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP ou Partido Nazista). Seu emblema era, desde a origem, a suástica. Os sucessos iniciais desse partido podem ser explicados pelo clima de revolta que dominava a vida política alemã imediatamente após a derrota da revolução espartaquista e pela exacerbação dos sentimentos na-

cionalistas provocados pelo rigor do Tratado de Versalhes. Os nazistas ditaram-se a partir de 1920, de uma organização paramilitar, as seções de assalto (SA). Recrutaram, essencialmente, voluntários entre os desclassificados e os desempregados. Após uma tentativa de golpe na Bavaria (novembro de 1923), os dirigentes foram dispersados ou presos. Hitler, na prisão, redigiu *Mein Kampf* (*Minha luta*), que se tornou o livro de referência do nazismo, e redefiniu a tática de seu movimento: combater o terror aos recursos da democracia parlamentar para subir ao poder. O partido ficou estagnado até 1920. Depois, conseguiu 17 cadeiras no Reichstag em 1930, 106 em 1932 e 288 em 1933, contra 12 em 1928. Muitos empresários deram-lhe apoio financeiro, e Hitler conquistou a chancelaria em janeiro de 1933.  
A Alemanha passou, então, para a dominação nazista. Os comunistas foram perseguidos após o incêndio do Reichstag (fevereiro de 1933), provavelmente acionado pelos próprios nazistas. Todos os partidos políticos foram dissolvidos. Hitler obteve plenos poderes (março de 1933). Hitler mandou massacrar os chefes das SA (junho de 1934), que ainda representavam a dimensão “socialista” do seu partido. A Alemanha reergueu-se, militarizando sua produção e orientando sua economia para a guerra. O recrutamento político das massas através de uma propaganda onipresente estendeu-se a todos os níveis da vida social, da escola à fábrica. O terrorismo de Estado agiu com crueldade por intermédio das SS, que garantiram a segurança interna do Reich e que abriram os campos de concentração e de extermínio, e da polícia secreta do Estado (Gestapo) criada em 1936 para perseguir e eliminar os opositores. A perseguição aos judeus foi detida, a partir de 1933, de um aparelho legal. O massacre de líderes populares, dos judeus e de qualquer outra minoria assombrada a partir de 1942, proporcionou até então desconhecidas na história. A sociedade nazista realizou-se na guerra e desapareceu com ela, mas a doutrina continua, no entanto, a inspirar ditões e fars da Alemanha neoneozistas.  
**NACIONAL-SOCIALISTA** adj. e s.m. e f. Que se ou que pertence ao nacional-socialismo. (Sin. **NAZISTA**.)  
**NACIP RAYDAM**, mun. de MG, microrreg. Governador Valadares; 3.565 hab. 167km².  
**NACIRANQUE** adj. e s.m. e f. Forma normal port. do glosônimo brasileiro **Nakirak**.\*  
**NACO** s.m. Pedra de qualquer cor.  
**NACRE** adj. e s.m. e f. Forma normal port. do glosônimo brasileiro **Nakira**.\*  
**NAD**, abrev. de **NACIONALIDADE** **ADRENALINA** **DE** **NICOTINÍDIO**. (Sua forma oxidada se nota **NAD<sup>+</sup>**.)  
**NADA** pron. indef. (Do lat. *res nata*, coisa recém-nada.) 1. Coisa alguma, nenhuma coisa, por opo. a tudo: *Nada há nada dentro da gravata*. — 2. *Antes de mais nada*, primeiramente, em primeiro lugar, antes de tudo. *De nada*, insignificante, irrisório, que merece pouca consideração; que inspira pouco ou nenhum temor ou respeito: *homemzão de nada*.  
**NADA** adv. 1. De modo nenhum. *A política nacional não anda nada bem*. — 2. Não; absolutamente não: *uma empresa nada produtiva*. — 3. *Quando nada*, na pior das situações, no mínimo.

nada

Fig. 2.Exemplo de links em enciclopédia impressa  
Fonte: Grande Enciclopédia Larousse Cultural

Há, no entanto, vários aspectos a serem considerados quando se aborda a questão da descontinuidade dos textos. Esse traço é comum a qualquer enciclopédia no que se refere a entradas independentes dos assuntos. Qualquer obra enciclopédica, como que num ato de

padronização, é organizada por assuntos – agrupamento temático – ou por palavras independentes, sempre em ordem alfabética. No que se refere aos *links*, que remetem o leitor a outro texto, explicitamente, como foi apresentado na fig. 1, esse não parece ser um recurso igualmente adotado pelas enciclopédias.

Algumas obras apresentam traços de dinamicidade, como é o caso da *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* que apresenta as palavras e os seus respectivos significados em trechos bastante curtos ou transporta o leitor a outro lugar da enciclopédia por meio de apenas uma palavra (fig. 1, por exemplo). Outras enciclopédias, como a *Barsa*, por exemplo, oferecem textos um pouco mais longos que parecem ter a pretensão de esgotar, tanto quanto possível, o assunto naquele espaço físico. Por isso, também não oferecem *links* ao leitor, a não ser que este os crie por intermédio de sua própria leitura.

Ambas as enciclopédias possuem linguagem semiótica. Não oferecem apenas palavras escritas, mas alguns tópicos são ilustrados por figuras, fotos, imagens televisivas e outros elementos iconográficos, apesar de não serem consideradas como enciclopédias ilustradas. A *Barsa*, no entanto, parece tentar exaurir as possibilidades de informação mediante imagens que complementem os textos. Por exemplo, ao buscar a palavra “Egito” nesta enciclopédia, o leitor encontra um texto subdividido em temas como geografia, população, economia, governo e administração, história e arte egípcia. Informações que preenchem dezoito páginas com poucos trechos remissivos, mas dotadas de muitas imagens, como pode ser observado na figura a seguir:

**EGITO**

(1964), que adotou para o país o regime democrático e socialista, um plebiscito nacional, realizado em 1965, confirmou Nasser na presidência.

As disputas entre os países árabes e Israel agravaram-se em 1967, e entre 5 e 8 de junho a aviação israelense destruiu grande parte da força aérea egípcia, enquanto tropas de terra ocupavam a faixa de Gaza e toda a península do Sinai, chegando às margens do canal de Suez. A intervenção da ONU fez cessar o conflito. Nasser assumiu a responsabilidade pela derrota e renunciou à presidência, mas, atendendo aos apelos das massas, consentiu em permanecer no poder.

Após a morte de Nasser, em 28 de setembro de 1970, foi sucedido pelo vice-presidente Anwar al-Sadat, que se comprometeu a não modificar a linha política nasserista. Não obstante, logo no ano seguinte afastou os nasseristas de esquerda, como Ali Sabry e Sharawi Muhammad Gomaa. Procurou, depois, com habilidade, neutralizar os mais radicais dos seus aliados, como o coronel Qaddafi, da Líbia, e o presidente Hafez al-Assad, da Síria, negociando com eles a formação de uma Federação de Repúblicas Árabes. Mas o projeto nunca se concretizou. Em 1972, Sadat exigiu a retirada de todos os conselheiros soviéticos que trabalhavam no Egito, e em 1976 anulou o tratado de amizade e cooperação egípcio-soviético de 15 anos, firmado em 1971.

A iniciativa da guerra de 1973 contra Israel (dita 'do Yom Kippur' porque foi lançada durante essa celebração religiosa — o dia do Perdão, ou da Expição), bem como o desempenho de Sadat no comando das forças egípcias lhe deram autoridade para empreender uma política nova, de paz com Israel, reaproximação com o Ocidente e desenvolvimento nacional. A 19-XI-1977, ele foi recebido festivamente pelos israelenses em Jerusalém, onde ia cumprir, em suas próprias palavras, uma 'sagrada missão de paz'. Essa iniciativa desdobrou-se em conversações no Cairo, numa conferência de cúpula entre Sadat, Begin e Carter nos EUA, e nos acordos de Camp David. Denunciados pelos demais países árabes e pela OLP, mas ratificados pelos governos do Egito e de Israel, eles constituíram a base do tratado de 1979, que deu ao presidente egípcio e ao primeiro-ministro israelense o prêmio Nobel da Paz de 1978.

Em 1981, Sadat fez um extenso expurgo nas fileiras da oposição política e religiosa. A 6 de outubro foi assassinado por militares radicais. O vice-presidente Hosni Mubarak assume o cargo, no qual é depois confirmado, e inicia uma política de reconciliação interna. Os cabeças do atentado contra Sadat são executados, porém a maior parte daqueles que foram presos no expurgo são libertados. Nesse mesmo ano, Israel devolveu o Sinai, nos termos dos acordos de Camp David. Mubarak fortaleceu-se ainda mais em maio de 1984, quando seu partido, o Democrático Nacional, conquistou uma vitória nas eleições parlamentares. (F.J.C.F. A)

**Arte egípcia**

Denominação geral para as diversas manifestações estéticas da civilização egípcia, desenvolvidas ao longo de cinco milênios, dos tempos pré-dinásticos à conquista grega em 332 a.C., tendo seus momentos de maior brilhantismo sob as 4ª, 12ª e 18ª dinastias. Essencialmente utilitária, a arte egípcia acha-se a serviço dos deuses e dos mortos, evadida de simbolismo religioso.

**Escultura.** Seja de natureza religiosa ou funérea, a escultura egípcia tem por finalidade precípua a representação fiel à concepção religiosa, de que a função de uma estátua ou de um relevo é abrigar a alma de uma divindade, ou de um morto. O naturalismo é assim norma, enquanto a lei da frontalidade impõe-se como recurso de desenhos (olhos e ombros figurados de frente; o restante do corpo, de perfil). Quanto aos principais materiais, são a pedra (dura ou branda) e a madeira, geralmente pintadas; os olhos são embutidos. Tipos padronizados surgiram pouco a pouco: o homem, de pé esquerdo avançado e ambos os braços pendentes ao longo do corpo (ou então com o braço esquerdo segurando o bordão representativo do poder); a mulher, de pé, com os braços caídos e cruzados sobre o peito; escribas accorçados, com raios em oferenda aos deuses. Grupos escultóricos começam a surgir já na 4ª dinastia, feitos numa pedra, ou na rocha diretamente. Detalhe curioso é que as cabeças, tanto dos personagens seniores quanto dos em pé, situam-se a um mesmo nível, o que gera deformações notáveis nas proporções dos diferentes corpos.

Por motivos religiosos, a figura aparece sempre, completa; a única exceção são as chamadas 'cabeças de reserva', que remontam ao reinado dos Quéops e reaparecerão no período amarniano. Os bustos são menos comuns, mas em composição existem numerosos colossos faraônicos, dispostos diante das pilastras de templos normais (Novo Império), ou, como em Luxor e Karnak, sentados em seus tronos, tocando os pilares do templo. Essa soberba decoração escultórica da arquitetura iria decair de qualidade com a

**LÂMINA 21**

**EGITO**

**PAISAGEM GEOGRÁFICA DO EGITO.** (1) Porto de Port Said, entrada do Mediterrâneo para o canal de Suez. (2) Plantação de árvores no deserto, parte de um programa governamental de colonização. (3) Cidade Nasser, projeto habitacional para funcionários públicos no deserto próximo ao Cairo. (4) Descarregamento de cana-de-açúcar de um futecho, num dos braços do Nilo. (5) Avenida histórica em Alexandria.

Texto longo.

Figuras que complementam os textos.

Esta configuração se repete nas dezoito páginas destinadas ao texto sobre o verbete "Egito".

**Fig. 3.** Exemplo de páginas de enciclopédia impressa

Fonte: *Barsa – Enciclopédia britânica do Brasil*

Outro fator a ser considerado no que se refere à não-linearidade, ou à descontinuidade, dos textos enciclopédicos diz respeito à aquisição desses textos pelo leitor. Primeiramente, vale ressaltar que uma enciclopédia não é elaborada para ser lida, mas para ser consultada. E, devido à descontinuidade dos seus textos, como foi exemplificado na fig. 1, os textos enciclopédicos oferecem ao leitor a possibilidade de construir os seus próprios caminhos de

leitura, de acordo com as suas aspirações. O leitor passa a ser co-autor do texto na medida em que elege os caminhos a percorrer pela enciclopédia.

Pombo (2001) afirma o seguinte:

Digamos que a enciclopédia não pode controlar todas as combinações a que ela mesma virtualmente pode dar origem. É o leitor quem estabelece a combinação. Ao leitor cabe, em última instância, efetuar a escolha, tomar as decisões que fazem passar da virtualidade dos caminhos possíveis à efetividade de um percurso atual.

Cada combinação corresponde a um percurso de leitura subjetivamente determinado. **A passagem do virtual ao atual está dependente de um ato de escolha, do movimento eletivo de quem lê.** Por outras palavras, o ato de leitura corresponde a um ato de procura, de investigação. Toda a leitura aqui é necessariamente interativa. [grifo nosso]

Assim sendo, a enciclopédia pressupõe um leitor autodidata. Um leitor que vê diante de si textos com inúmeras possibilidades de leitura. Um leitor que, já detentor de um conjunto mínimo de conhecimentos e hábitos de leitura, tem condições de adaptar-se à leitura não-linear da enciclopédia, fonte de aprendizagens combinatórias, não curriculares.

É importante ressaltar que a não-linearidade ou a descontinuidade dos textos enciclopédicos não estão atreladas apenas à estrutura e à organização do gênero. Há, sim, ofertas de possíveis caminhos a serem seguidos, como foi apresentado na fig. 1, mas a descontinuidade se dá também e, de certa forma, prioritariamente, pelos discursos já internalizados pelo leitor, discursos estes acionados em qualquer tipo de leitura. À enciclopédia cabe uma estrutura sistemática responsável não por ditar a quantidade ou a qualidade dos assuntos nela presentes, mas a articulação, o arranjo, a ordenação, a importância relativa de umas entradas em relação a outras.

Já a responsabilidade de criação, de elaboração e de escolhas entre uma ou outra “entrada” é, como em qualquer outro gênero discursivo, do autor. Inicialmente, a enciclopédia era escrita por um único autor, mas a partir do século XVIII, com o avanço das descobertas científicas, uma única voz já não daria conta da realidade que precisaria representar. A

enciclopédia então, passou a exigir competências muito diversificadas, o que pressupôs a convergência de inúmeros colaboradores.

A exigência de competências e colaboradores não anulou o objetivo inicial da enciclopédia de reunir, compilar, conservar, filtrar, selecionar e ordenar os assuntos presentes no universo. Na verdade, foi preciso contar com o recurso de trabalhos precedentes, ou seja, de fontes de informação de ordem diversa, os saberes acumulados do passado, que garantiriam a legalidade dos textos da enciclopédia.

Assim é que surgiram obras que, num formato semelhante ao das enciclopédias até aqui mencionadas, destinam-se a abranger em seus volumes assuntos diversos em atualizações anuais. É o caso dos almanaques, por exemplo. Alguns jornais também adotaram esse novo formato de enciclopédia como forma de agrupar os assuntos que foram notícia durante a existência do jornal. Nesses almanaques, encontram-se os chamados “conhecimentos gerais” e os acontecimentos que precisam ser registrados por fazerem parte da história da humanidade. É o tipo de conhecimento que não cabe fisicamente em uma enciclopédia convencional.

Diante de tantas informações sobre a enciclopédia, sua trajetória histórica e seus diferentes formatos, falta, agora, caracterizar essa obra como um gênero discursivo, na expressão bakhtiniana do termo.

Retomando a abordagem bakhtiniana de gêneros do discurso, é possível estabelecer os parâmetros de análise que se expõem a seguir:

Em primeiro lugar, Bakhtin (1992) afirma que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. Ora, uma enciclopédia é, em primeira instância, a utilização da linguagem sob forma de enunciados lingüístico-semióticos, de diferentes esferas da atividade humana, pois como foi apresentado, ela tem origem em diferentes situações, seja

por motivos políticos e econômicos, como foi em seu início com Diderot e D'Alembert, ou pela incapacidade de onisciência de uma única obra.

Em segundo lugar, segundo Bakhtin (1992), “o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] mas também, sobretudo, por sua construção composicional”. No início, a enciclopédia simbolizou uma forma de abordar racionalmente os fatos e os acontecimentos históricos, sem influências religiosas. Surgiu como forma de acusar a igreja e o estado de monopolizarem e manipularem toda e qualquer forma de conhecimento. Essas duas instituições eram tratadas na *Enciclopédia* com ironia e desdém porque a sociedade da época necessitava de independência cultural. A obra foi, então, um reflexo das necessidades daquela esfera da atividade humana, historicamente situada. Possuía, assim, um conteúdo temático bastante variado, mas voltado a registrar e perpetuar o conhecimento.

Hoje, as enciclopédias surgem por diferentes motivos, como já foi mencionado anteriormente, mas continuam refletindo as necessidades de uma esfera social. Por isso elas existem em diferentes países e são adequadas à cultura e aos aspectos sociais, políticos e econômicos de determinada sociedade. Por isso também existem em diferentes formatos capazes de atender as necessidades de determinado público. Nas palavras de Bakhtin, “conteúdo temático, estilo e construção composicional fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”.

Por último, ainda segundo Bakhtin, “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros de discurso”. Ora, diante de tantas considerações sobre a enciclopédia, é notória a plasticidade da obra. Ela se molda à sociedade, ao momento histórico, político e cultural e ao público a que se destina. Não existe em um modelo único de agrupamento científico e, portanto, é um “tipo relativamente estável” de enunciados.

Com base nesses parâmetros de análise, a enciclopédia é, portanto, um gênero do discurso. E, passando a tratá-la como tal, sinteticamente, pode-se afirmar que elas nasceram com o objetivo de reunir ordenadamente todo o tipo de conhecimento humano em volumes que pudessem dar conta da diversidade científica. Diversificaram-se e se expandiram de forma que outros tipos enciclopédicos foram surgindo na forma impressa e, mais recentemente, no formato digital.

Diante de todas as características até aqui apresentadas, pode-se inferir que, no percurso da História da humanidade, a enciclopédia passou e continua passando por um processo de desconstrução da estrutura racional do texto. Ela passou a representar uma forma dinâmica de ter acesso aos conhecimentos passados. O gênero enciclopédia, em sua criação, envolve textos mais curtos e objetivos, um elevado número de autores e de áreas do conhecimento e liberta o leitor de um único curso de leitura. Ora, a enciclopédia é, então, desconstrução. É virtual, nas palavras de Levy (1996), porque chama constantemente a atualização. E continua sofrendo transformações, principalmente com o advento da internet, que virtualiza os textos. Nesse sentido, há que se pensar sobre as características desse gênero no formato digital e *online*.

## CAPÍTULO 3

### *Wikipédia: a virtualização do gênero enciclopédico*

Este capítulo destina-se a apresentar os conceitos relacionados à tecnologia digital, principalmente no que se refere ao ambiente virtual da internet. Assim, serão abordados temas como a virtualização, a mídia digital e o hipertexto, assuntos que, transportados para a questão dos gêneros discursivos, facilitam o entendimento do processo de virtualização que a enciclopédia – tema principal deste trabalho – vem sofrendo desde o nascimento do ambiente virtual.

Para o estudo, foi selecionada uma enciclopédia bastante utilizada pelos alunos de diferentes faixas etárias e níveis de ensino: a *Wikipédia*, uma enciclopédia virtual, *online*, que se autodenomina *livre* pelo fato de permitir que qualquer usuário da internet tenha acesso à elaboração, formatação, correção ou inserção de textos em seu corpo de artigos. Como enciclopédia, a *Wikipédia* é considerada, neste trabalho, como um **mega-gênero** virtual que contém outros gêneros como artigos, discussões, notícias, curiosidades e outros, em hipertextos eletrônicos bastante peculiares.

Em busca de respostas sobre a questão da heterogeneidade dos textos dessa enciclopédia, serão também apresentadas as características dos gêneros “artigo” e “discussão” do *site*, reflexões que serão fundamentais para a análise que será realizada no capítulo seguinte.

É pertinente salientar que a *Wikipédia* é um mega-gênero bastante atrativo para os leitores pela facilidade de acesso às informações, pelos diferentes *links* que oferece, pela rapidez na atualização dos assuntos e por conter uma série de recursos midiáticos que tornam a leitura mais dinâmica, além, é claro, de sua característica interativa que permite aos usuários

manipular a enciclopédia e ampliar suas relações sociais, fato possível a partir da virtualização do mundo.

### **3.1 A virtualização**

A modernidade e a pós-modernidade, o avanço da indústria, do comércio e da tecnologia, aceleraram o aparecimento, em constante evolução, de ferramentas que auxiliam a execução de uma tarefa de modo mais rápido e eficaz. Computadores e redes digitais, por exemplo, são ferramentas cada vez mais presentes no cotidiano e sintetizam a idéia de facilidade, comodidade e aproximação em todos os setores sociais — comércio, cultura, relacionamentos interpessoais, política, economia — num espaço muito diferente daquele considerado real: o ciberespaço.

Nesse sentido, a palavra virtual surge como uma novidade no sistema de comunicação, tendo como principal conceito a transformação dos objetos do mundo real, por meio de tecnologias computacionais que buscam atualizar o que já é atual. Em outras palavras, virtualizar significa dissolver algo que já existe para inscrevê-lo num todo maior, colocando sempre sobre ele interrogações que o faça tornar-se parte de um complexo problemático superior (o ciberespaço), levando-o a novas atualizações. Por isso o virtual parece indicar não apenas uma redefinição do papel dos meios de comunicação no contexto histórico e cultural da humanidade, mas um novo direcionamento das relações do homem com tudo que cria, através do computador. As infinitas possibilidades de conexões entre trechos de textos e textos inteiros favorecem a flexibilização das fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento humano.

Assim, o processo de virtualização vai além da simples digitalização da informação.

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização (LÉVY, 1996, p.11).

A virtualização afeta os corpos, os textos, a economia, afeta a questão do espaço entre um e outro elemento do mundo globalizado. Ela diminui a distância entre uma empresa e outra, entre as formas de conhecimento e entre pessoas porque tudo passa a acontecer no ciberespaço, “objeto dinâmico, construído, ou pelo menos alimentado, por todos os que o utilizam. O ciberespaço oferece objetos que rolam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a construção de coletivos inteligentes.” (LEVY, 1996, p.129)

É nesse espaço de comunicação que o formato tradicional das coisas é transformado e o conceito de tempo e espaço se molda às necessidades individuais ou coletivas, diárias e em constante mutação. Daí a afirmação de Lévy (1996) de que a virtualização nada tem a ver com falta de existência e de que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. O processo de comunicação, os meios comunicativos, os gêneros textuais são atualizados constantemente nesse ambiente eletrônico em função das necessidades sociais. É como afirma Lévy (1996):

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (p.16).

Então, o virtual chama a atualização, a resolução de um problema, a “criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (Lévy, 1996). É como se o virtual ganhasse, assim, a condição de algo que fornecesse as tensões para o processo criativo que envolve a atualização. Em se tratando dos gêneros discursivos, a plasticidade que lhes é comum, no ciberespaço torna-se ainda mais aparente. Na

internet e, portanto, virtualizados, os gêneros vão se moldando às necessidades diárias de uma coletividade e por isso, sua forma e estilo são atualizados como reflexo dessas necessidades, que de tão constantes, deformam determinados gêneros. Daí a necessidade de atualização, de mudança, de adaptação.

Ela [a virtualização] passa de uma solução dada a um (outro) problema. Ela transforma a atualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica. Com isso, a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. (LÉVY, 1996, p. 18)

Uma outra característica da virtualização é a desterritorialização, o desprendimento do aqui e agora, por isso é que o conceito de tempo e espaço depende das necessidades individuais. Com o processo de virtualização, a distância entre um lugar e outro, uma pessoa e outra, um texto e outro desaparece. As coisas estão presentes sincronicamente, são interconectadas, acessíveis de acordo com as escolhas dos indivíduos.

Por tudo isso não é possível manter, no ciberespaço, as mesmas características do que antes se tinha no plano do que era considerado real. Pode-se dizer que as entidades adquirem novas características a partir das suas qualidades de origem, fora do plano virtual. Então, a virtualização transforma os corpos, a matéria das coisas. Como já foi dito, os gêneros do discurso sofrem mudanças contínuas na internet e os textos que os compõem, o conteúdo temático desses gêneros, também se virtualizam.

Recorrendo novamente a Pierre Lévy (1996), a virtualização do texto envolve fatores como a leitura, a escrita e o conceito de digitalização do texto, o hipertexto. Levy argumenta que, “desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual”, pois se atualiza em versões, cópias, edições e reedições e porque depende muito da interpretação dos leitores. Ele não é completo e fechado em si mesmo. O referido autor afirma que:

As passagens do texto mantêm entre si virtualmente uma correspondência, quase que uma atividade epistolar, que atualizamos de um jeito ou de outro, seguindo ou não as instruções do autor. Carteiros do texto, viajamos de uma margem à outra do espaço do sentido valendo-nos de um sistema de endereçamento e de indicações que o autor, o editor, o tipógrafo balisaram. Mas podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas (p. 36).

Sendo assim, pode-se afirmar que, por ser virtual, todo texto é um hipertexto. Alguns, tradicionalmente impressos, são marcados por indicações, índices e ícones que remetem o leitor a outro texto. Na enciclopédia impressa, por exemplo, essas marcações são visíveis a começar pelo índice remissivo que todas elas devem conter. No ciberespaço, a liberdade do leitor ao percorrer os caminhos do texto foi mantida. Digitalizado, o hipertexto adquire características e instrumentos que enriquecem a leitura: formas, sons, imagens, mapas, palavras, frases, qualquer tipo de ícone pode levar o leitor a percorrer um caminho diferente daquele acessado primeiro e, assim, a produção de sentido depende unicamente do sujeito leitor.

Nesse caso, é preciso ressaltar que as mudanças ocasionadas no texto com o processo de virtualização geraram mudanças também no momento da leitura e da produção de sentido. O leitor tem diante de si um texto metamórfico, sem um único autor, repleto de ferramentas que lhe permitem criar seu próprio texto, conforme afirma Pierre Levy (2006):

A interpretação, isto é, a produção de sentido, não remete mais exclusivamente à interioridade de uma intenção, nem a hierarquia de significações esotéricas, mas antes à apropriação sempre singular de um navegador ou de uma surfista. O sentido emerge de efeitos de pertinência locais, surge na intersecção de um plano semiótico desterritorializado e de uma trajetória de eficácia ou prazer. Não me interessa mais pelo que pensou um autor inencontrável, peço ao texto para me fazer pensar, aqui e agora,. A virtualidade do texto alimenta minha inteligência em ato (p. 49).

Ou seja, a virtualização envolve muito mais que a simples transformação do mundo. O que acontece nessa era da pós-modernidade é realmente uma “desconstrução” de todas as

idéias pré-estabelecidas e fundadas ao longo da história. Em se tratando do texto em si, e no caso desta pesquisa, do hipertexto eletrônico, pode-se recorrer às afirmações de Máscia (2003):

[...] a desconstrução não tem como objetivo a compreensão de um texto, nem tenciona revelar os temas principais, as idéias centrais, o significado; ao contrário, pretende expor aquilo que o texto tenta esconder: os paradoxos, as contradições e as incoerências. [...] Pode-se dizer que a desconstrução consiste, pelo menos parcialmente, em uma recusa em ler o texto como ele deseja ser lido. Opera-se, nesse caso, uma desconstrução da estrutura racional do texto: das hierarquias conceptuais, dos valores e das regras (p. 40).

No ambiente eletrônico e virtual, a leitura e a escrita adquirem um novo caráter. No processo de escrita, o(s) autor(es) procuram seguir uma estrutura textual racional, mas oferecem ao leitor, explicitamente, outras possibilidades de leitura. Por outro lado, no processo de leitura, o leitor se liberta dessa estrutura racional previamente elaborada e, pode seguir seu próprio caminho, criando seu próprio texto, “recusando-se em ler o texto como ele deseja ser lido”. É, no entanto, uma liberdade “possível” e até certo ponto “vigiada”. Não é a leitura ideal, pois é o produtor do texto o responsável por disponibilizar ou não os *links* com outros hipertextos e, além disso, esses elos “não só afetam diretamente a compreensão como também influenciam o que deve ser destacado pelo leitor ou ignorado completamente” (XAVIER, 2005, p. 173).

Como se pode observar, não há como explicitar o processo de virtualização dos textos sem esbarrar nos conceitos e no caráter do hipertexto eletrônico, que está, sem dúvida, associado à questão da escrita, da leitura e da produção de sentido. Por isso é bastante pertinente reservar uma parte dessa pesquisa ao estudo da hipertextualização.

### 3.2 O hipertexto

Independente da abordagem teórica, o hipertexto é tratado atualmente por estudiosos de diferentes campos da Linguística, por ser de extrema importância no que tange à construção de sentido. Então, que “todo texto é um hipertexto” parece ser uma premissa consensual. Afinal, a leitura de qualquer gênero e em qualquer suporte, pressupõe um movimento em variadas direções, por meio de um processo interativo e dinâmico.

Na forma impressa, os textos já apresentam hipertextualidade. Em um jornal impresso, por exemplo, o leitor se depara com a primeira página que contém índice, chamadas a matérias mais relevantes segundo o jornal, manchete, boxes explicativos em reportagens e outros elementos que transportam o leitor a outros locais do jornal. Em textos acadêmicos, as citações e notas de rodapé também funcionam como *links*, como conexões, que podem ser acionados a qualquer momento pelo leitor, seja durante ou após a leitura do texto na íntegra. Na enciclopédia convencional, além do índice de assuntos, é comum aparecerem remissões em diferentes páginas da obra. Mapas, imagens e gráficos conduzem o leitor de forma explícita a outros lugares da enciclopédia. Além disso, vozes intrínsecas aos discursos também alimentam o caráter hipertextual dos gêneros discursivos pois, no percurso da leitura, num processo dialógico, o leitor mobiliza-se a acionar seus conhecimentos prévios.

Nesse formato, no entanto, uma leitura não-sequencial e indeterminada é muito menos dinâmica. Quando o hipertexto passa pela virtualização, as interações estabelecidas passam a ser desterritorializadas, porém, mais dinâmicas, e o acesso à informações, mais veloz.

Koch (2006) aborda a questão do hipertexto de uma forma bastante clara. Apesar de pertencer ao grupo da Linguística Textual, campo da Linguística que não representa a teoria de base da presente pesquisa, os assuntos referentes à digitalização do texto tratados pela autora são bastante relevantes para uma análise mais detalhada sobre a construção de sentido

na leitura de um texto. É, pois, uma abordagem que vale a pena salientar.

Segundo a autora, para a maioria dos escritores, o termo hipertexto designa uma escritura não-seqüencial e não-linear, que se ramifica e permite ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado de outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real. É também uma forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto, oferecendo-lhe por meio de *hiperlinks* a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e de aprofundamento de um tema. Esses *hiperlinks* são, na verdade, elos que vinculam pessoas e instituições numa economia de tempo e espaço. São eles que “permitem ao leitor realizar livremente desvios, fugas, saltos instantâneos para outros locais virtuais da rede, de forma prática, cômoda e econômica” (KOCH, 2006, p. 63).

O hipertexto, ainda segundo Koch (2006) possui, entre outras, as seguintes características: não-linearidade; volatilidade (não é firme ou permanente; é inconstante e propenso a mudanças), espacialidade topográfica (por ser um lugar de leitura/escritura sem limites definidos), fragmentariedade, multissemiótica, interatividade, iteratividade (em decorrência de sua natureza intrinsecamente polifônica e intertextual) e descentração (devido ao deslocamento indefinido de tópicos).

Os *hiperlinks*, uma das particularidades do hipertexto, segundo Koch (2006, p. 64) são uma das principais inovações do texto eletrônico, são “dispositivos técnico-informáticos que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação *on-line*, bem como realizar remissões que possibilitam acessos virtuais do leitor a outros hipertextos de alguma forma correlacionados”. São, por conseguinte, responsáveis pela leitura e co-autoria de textos, pois dá aos textos um caráter multilinear, multiseqüencial e indeterminado.

Ainda segundo Koch (2006), os *hiperlinks* exercem no texto diversas funções, como por exemplo a função dêitica, a coesiva e a cognitiva. A função dêitica diz respeito à

característica do *hiperlink* de apontar, indicar ou sugerir caminhos ao hiperleitor. Possui caráter catafórico na medida em que remete o leitor para fora do texto. A função coesiva é a função que os *hiperlinks* exercem de amarrar as informações, contribuindo para fazer convergir, em torno de um texto eletrônico, dados e informações complementares e ampliadoras, de modo que os leitores extraiam delas um conhecimento real e conclusões relativamente seguras. No que se refere à função cognitiva, aos *hiperlinks* cabe acionar os modelos que o hiperleitor tem representados na memória, com o intuito de desafiá-lo a conferir o que existe por trás deles.

Sendo estas as características e funções do hipertexto, não é possível ignorar a questão da autoria e da leitura. O texto eletrônico nasce das mãos de um sujeito ou de uma coletividade que constrói, na verdade, uma “matriz de textos possíveis”. Ao criar um hipertexto, o autor passa, necessariamente, por outros documentos, também hipertextuais, a fim de selecionar aqueles que contribuem para complementar informações, reforçar o ponto de vista do autor ou para serem oferecidos como referências ao leitor. Ora, se um hipertexto é uma “matriz de textos disponíveis” em que estão conectados textos de diferentes autores e, com base no princípio de que esse emaranhado de texto oferece maior mobilidade ao leitor, não se pode, então, confirmar a autoria dos hipertextos na *Web*.

Por esse motivo é que se pode atribuir ao leitor a co-autoria dos textos. A mobilidade que o leitor tem no processo de leitura se deve em muito à questão da interatividade proporcionada pelo hipertexto. Interatividade que, ao contrário dos textos impressos, que apesar de hipertextuais não permitem a ativa participação do leitor no texto, nos hipertextos virtuais é uma interatividade possível pois eles propiciam a participação do leitor em tempo real. O leitor pode escolher os *links* que desejar e criar, assim, o texto que lhe interessar, pode opinar sobre o que foi lido, e, no caso de hipertextos abertos – como a enciclopédia que será analisada no capítulo seguinte - pode acrescentar *links* e outros ícones a um determinado

texto e, ainda, discutir o tema ou os assuntos dos *links* amarrados no texto principal. É como afirma Lévy (1996, p. 45-46)

Os leitores podem não apenas modificar as ligações mas igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens etc), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos. [...]

Assim a escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma dos corpos. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita.

Mas a questão da co-autoria dos hipertextos eletrônicos tem fomentado algumas observações. Possui pontos positivos e negativos. Obviamente, a dinamicidade com que as informações podem chegar a um leitor por meio do hipertexto é, sem dúvida, uma vitória daqueles que objetivam a democratização do conhecimento. Uma democratização, no entanto, um tanto quanto questionável, pois as idéias e as informações não podem ficar estagnadas à mercê das decisões de uns poucos que selecionam o que pode e o que deve ser dito em seu texto. Elas devem circular pela sociedade. Como afirma Mello (2005),

embora no ciberespaço cada sujeito seja efetivamente um potencial produtor de informação, a Análise do Discurso vai nos mostrar que mesmo que a rede abrigue uma pluralidade de idéias, de pontos de vista, isso não é suficiente para que haja uma democratização dos discursos. Não basta as idéias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem, que elas tomem corpo, que elas reverberem [...] que não fiquem apenas “a deriva na superfície das águas” (p. 137).

Por conseguinte, a mobilidade do leitor do texto não é completamente livre e pode ser negativa se o leitor não tiver certas habilidades de leitura hipertextual para superar as sobrecargas de interconexões que o hipertexto pode conter. Segundo Mello (2005, p. 141), o ciberespaço e o hipertexto oferecem ao leitor “possibilidades de se partir de uma dada posição

para seguir a qualquer outra, mesmo que não seja relevante, nem correlacionada”. E Marcuschi (1999 apud MELLO, 2005, p. 141) ainda argumenta que “uma leitura proveitosa do hipertexto exige um maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao buscado, já que é um permanente convite a escolhas muitas vezes inseqüentes”. Para um leitor inexperiente, mesmo com poucos *links*, um hipertexto pode conter uma sobrecarga de informações devido a conteúdos que, sem ligação com o principal, impedem sua assimilação.

Segundo Almeida (2003):

A tendência natural de indivíduos expostos a uma sobrecarga sensorial é dedicar um tempo menor a cada material a que são expostos, bloqueando e filtrando o que recebem. Essa filtragem, entretanto, pode apresentar falhas graves, fazendo com que informações importantes sejam ignoradas ou descartadas sem uma análise conveniente. (p. 96)

Há, então, inegavelmente, um novo conceito de leitura e de escrita para o qual os leitores devem estar preparados. Cada vez mais se torna importante a consciência de que a responsabilidade de uma leitura hipertextual é individual, e a produção de sentido e a expansão do conhecimento depende, pois, dessa nova concepção de leitura.

Também relacionada à questão da leitura hipertextual (eletrônica e virtual) está a questão da tipologia dos hipertextos, do que depende o estudo que se seguirá mais adiante sobre a *Wikipédia*. Dependendo do tipo de hipertexto ao qual se tem acesso, o leitor é mais ou menos ativo no processo de co-autoria dos textos.

Primo e Recuero (2003) evidenciam três tipos hipertextuais: o hipertexto potencial, o cooperativo e o colagem. No “hipertexto potencial”, a redação hipertextual permanece intacta e o leitor apenas se movimenta pelos *links* disponíveis e, por isso, suas ações são mais ou menos previstas. No “hipertexto cooperativo”, todos os envolvidos no texto, da criação à leitura, podem estar em constante interação, agindo sobre o texto, modificando-o, criando ligações a outros textos e discutindo possibilidades. Nesse caso, os textos são criados por uma

comunidade virtual. O hipertexto cooperativo é o tipo que constitui a *Wikipédia*, a enciclopédia *online* que compartilha a criação de seus textos com qualquer internauta leitor. O outro tipo é o “hipertexto colagem”. Este, de caráter também coletivo, difere-se do anterior por demandar um serviço de administração que reúne os participantes, uma pequena equipe de editores, para decidir o que pode e deve ser publicado e gerenciar contribuições.

Muitas são as faces do hipertexto que, com base em grandes estudiosos sobre o assunto, ainda muito mais se poderia esclarecer. Mas as possibilidades de se enxergar o hipertexto – suas características e funcionalidade, seus pontos positivos ou negativos, sua aplicação na prática pedagógica – são inesgotáveis. Se no início da Revolução Tecnológica era apenas um texto com palavras remissivas, hoje e mais futuramente, com os recursos midiáticos de que dispõe a tecnologia, não há limites que se possa traçar para caracterizar o perfil do hipertexto.

Sendo assim, foram abordados nesta seção os aspectos mais relevantes para o estudo da *Wikipédia*, a enciclopédia *online* cujos hipertextos são bastante peculiares.

### **3.3 *Wikipédia* – a enciclopédia virtual**

No capítulo anterior, foi possível estabelecer as principais características da enciclopédia no formato tradicional, impresso e foi possível também caracterizar esse modelo de escrita como um gênero discursivo segundo Bakhtin (1992). Naquele momento, foram mencionadas também as mudanças nos objetivos desse gênero, como é próprio dos gêneros discursivos, que são moldáveis às necessidades da sociedade.

Frente às mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento da tecnologia, todo tipo de literatura vem passando por um processo de virtualização. Os gêneros discursivos estão adquirindo novas formas para se adequar ao meio digital e fatores como a imaterialidade, a

volatilidade, a instantaneidade, a mobilidade, a fluidez, a coletividade, a multiplicidade, a interatividade e o dialogismo (na concepção bakhtiniana do termo) traçam o perfil dos gêneros da internet.

A enciclopédia virtualizada adquire também esse perfil e a questão do hipertexto e dos hiperlinks que o constituem facilitam o acesso rápido a diferentes informações. No ambiente eletrônico, muitas são as enciclopédias que se digitalizaram, primeiramente em formato de CD ROOM, mas *of-line*, e com a internet, *online*, multiplicaram-se em formas, extensão de conteúdo, interatividade, velocidade e as demais propriedades da *Web*.

Como os objetivos para a criação da enciclopédia mudam de acordo com a evolução da sociedade, com a internet o objetivo passa a ser o acesso livre ao conhecimento. Diferente de toda enciclopédia ou biblioteca virtual, a *Wikipédia* surge num formato completamente diferente daquele com o qual já se tinha familiaridade. Ela “desconstrói” a estrutura física e mesmo virtual das demais enciclopédias e se torna única em potencialidades no ambiente virtual. Com algumas regras de funcionamento que deseja a imparcialidade dos conteúdos e a apresentação de fontes fidedignas, por exemplo, a enciclopédia se autodenomina livre. Tudo é possível: discussões, inserção de textos, criação de *links* e a elaboração cooperativa de diferentes gêneros discursivos implantados na obra.

Por se tratar de um projeto tão inovador na internet e por ser um gênero bastante acessado no meio educacional como fonte de pesquisa, torna-se instigante um estudo sobre essa enciclopédia. Então, a seguir, serão apresentadas as características do *site* – como surgiu, quais os seus princípios, como se configura o seu *layout*, como são produzidos os artigos aos quais os pesquisadores têm acesso e que tipos de texto podem ser encontrados nessa obra virtual.

### 3.3.1 *Wikipédia* – uma breve descrição do *site*

A *Wikipédia* é uma enciclopédia virtual *online*, multilíngue, livre, desenvolvida de modo colaborativo e voluntário por pessoas comuns de diferentes regiões do mundo. O próprio *site* ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:FAQ\\_Geral](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:FAQ_Geral)) fornece informações sobre a história de sua criação, sobre suas políticas de funcionamento e sobre outros assuntos que serão apresentados a seguir.

A *Wikipédia* foi criada em quinze de janeiro do ano dois mil e um e baseia-se no sistema wiki, palavra originada do havaiano – wiki-wiki – que significa rápido, veloz, célere. O modelo wiki consiste em uma rede de páginas ‘web’ contendo as mais diversas informações, que podem ser modificadas e ampliadas por qualquer pessoa através de navegadores comuns, tais como o ‘Internet Explorer’, ‘Mozilla Firefox’, ‘Netscape’, Opera, ou outro qualquer programa capaz de ler páginas em HTML e imagens.

Criada por Jimmy Wales, um norte-americano do estado do Alabama, a enciclopédia conquistou o espaço internacional e já conta com um total de 4.600.000 artigos. Deste número, 455 179 correspondem a artigos na versão em Língua Portuguesa, e mais de um milhão na versão em língua inglesa. No *site*, os wikipedistas, assim chamados os seus editores, colocam-na como a maior enciclopédia do mundo e apresentam algumas características que a destacam internacionalmente.

Possui um acervo virtual que compete com o da Biblioteca do Congresso norte-americano. Teve início com 5100 palavras, número que subiu em janeiro de 2006 para 720 milhões. É uma enciclopédia que desafia o modo convencional de lidar com propriedade intelectual, por não cobrar os direitos autorais, firmando-se na premissa de que informação não tem dono. Os wikipedistas se vangloriam com o fato de, no sistema wiki, a história ser narrada não só por renomados especialistas, mas também por anônimos (especialistas ou não)

que, contudo, diariamente vivenciam os acontecimentos.

No *site* há também comentários acerca da atualização e da confiabilidade das informações. No que se refere à atualização, os wikipedistas afirmam que ela é uma enciclopédia “viva, ágil e pop”, pois a consistência e a qualidade das informações são atualizadas ou corrigidas quase que instantaneamente. Esta característica promove, por sua vez, a questão da confiabilidade das informações, a qual é destacada pelos editores com base em um estudo realizado pela revista *Nature*, da Inglaterra. Segundo a revista, esse estudo comparativo entre artigos da *Wikipédia* e da Enciclopédia britânica apontou que, apesar de ser uma enciclopédia de conteúdo aberto, e, portanto, sujeita a ser editada por qualquer internauta, ela pode conter erros tanto quanto qualquer outra enciclopédia convencional, revista apenas por especialistas.

Além das características de atualização e confiabilidade, a *Wikipédia* também tem uma política de funcionamento que conta com três diretrizes principais de conteúdo do *site*: o princípio da verificabilidade, por meio da qual qualquer leitor pode verificar a publicação do artigo em uma fonte fiável, visto que a *Wikipédia* não publica pesquisas inéditas; o princípio da imparcialidade segundo o qual os artigos da *Wikipédia* devem ser escritos numa forma com a qual ambos (ou todos) os lados envolvidos em determinado assunto, religioso, por exemplo, possam concordar com ele; e ainda o princípio da não incorporação de pesquisas inéditas. Segundo ela própria, na voz de wikipedistas, os artigos não devem conter análises ou interpretações inéditas de temas, conceitos, dados, idéias já publicados. Artigos desse tipo não devem ser criados na *Wikipédia*, pois a finalidade da enciclopédia não é defender uma posição ou visão sobre determinado tema.

O modo como veicula o conhecimento, portanto, é o diferencial desta enciclopédia com relação a outras, virtuais e também *on-line*. Ao se autodenominar enciclopédia, que significa *o conjunto de todos os conhecimentos humanos, uma obra que contém informação*

*acerca de todos os ramos do saber humano* (Michaelis on-line), e ao adotar os princípios de confiabilidade, de verificabilidade e de imparcialidade, a *Wikipédia* coloca-se como referência para a pesquisa de inúmeros leitores que estão à procura de um modo rápido e fácil de acessar um determinado conteúdo. E mais do que isso, devido ao acesso gratuito, ela torna público o conhecimento antes refém das prateleiras das bibliotecas, colocando ao alcance do usuário a informação de que precisar, dando-lhe também a oportunidade de participar da elaboração das informações.

Ou seja, A *Wikipédia* leva até as últimas consequências o formato do hipertexto eletrônico. O seu perfil, descrito e enaltecido pelos seus editores, nada mais é do que o perfil de hipertextos cooperativos que podem existir na internet. A diferença é que, além de ser vanguardista nesta linha hipertextual, ela toma o cuidado de esclarecer ao usuário que todas as informações nela contidas passam por regras que condicionam a inserção de textos no *site*.

### **3.3.2 *Wikipédia – layout do site***

Para facilitar a compreensão das características do *site* em questão, a presente pesquisa fará, primeiramente, a descrição do *layout* do *site*, de como a *Wikipédia* se desenha na tela do computador, tomando como exemplo a página de abertura desta enciclopédia.

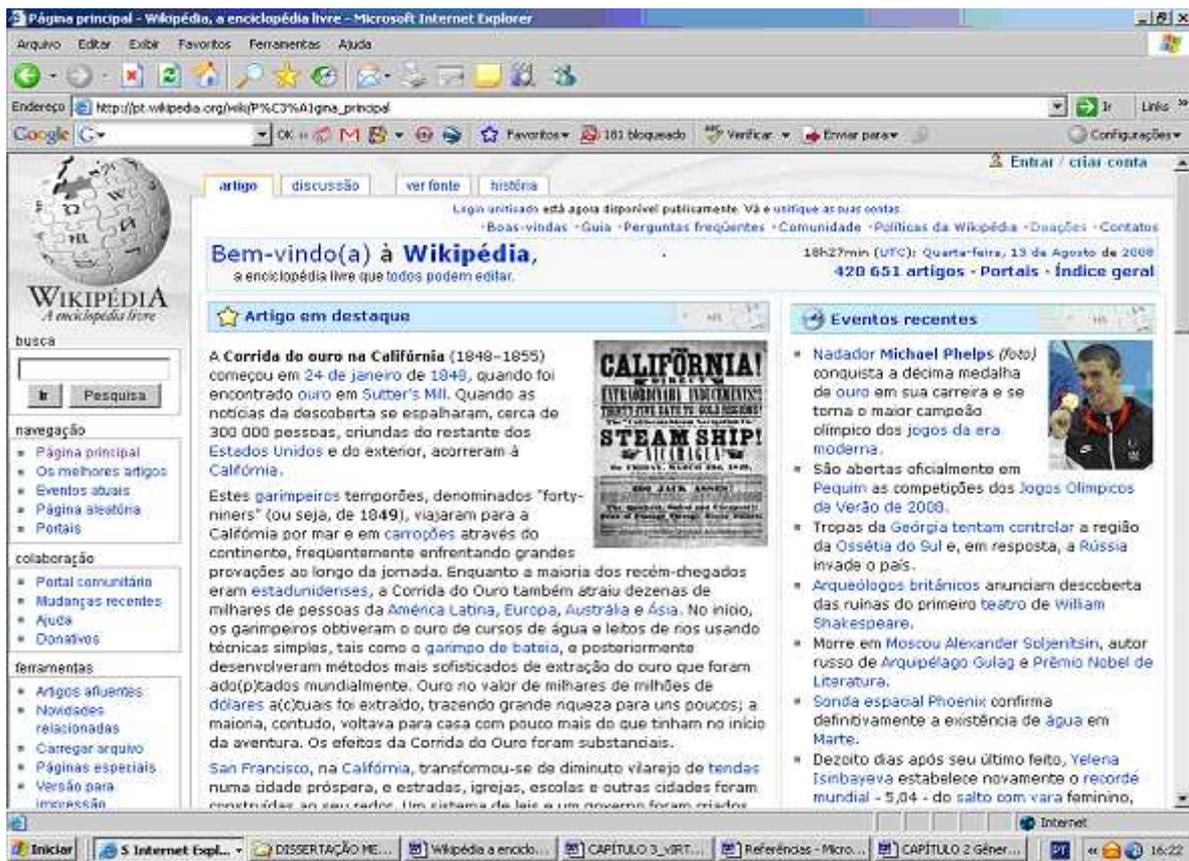


Fig. 4 Página de abertura da *Wikipédia* (1ª parte)

Como se observa, a página principal da *Wikipédia* está dividida em quadros que contêm boas-vindas e o slogan do *site* à esquerda da tela [*Bem-vindo(a) à Wikipédia, a enciclopédia que todos podem editar*], à direita encontram-se informações sobre data e hora, número de artigos em português, portais e índice geral do *site*. Abaixo, um *artigo em destaque*, repleto de *links* – que, aliás, é comum a todos os artigos desta enciclopédia –, e à direita do artigo, notícias sobre eventos recentes.

No canto esquerdo da página, encontram-se as páginas disponíveis para a navegação, no próprio *site*, páginas de colaboração, páginas de ferramentas e o campo mais procurado por estudantes em geral: o campo *busca*.

Na página de abertura da *Wikipédia* encontram-se também as abas que facilitam a

pesquisa dos usuários: a aba *artigo*, na qual há o artigo pesquisado, com bastantes *links*; a aba *discussão*, na qual wikipedistas do mundo inteiro podem corrigir um determinado artigo, incluir novas informações, discutir sobre uma determinada informação, deixar perguntas e/ou comentários; a aba *ver fontes*, e a aba *história*, que contém um histórico de atualizações de textos ou contribuições para o *site*.

Passando o *mouse* sobre a barra de rolagem no computador, na mesma página, encontram-se a continuação do artigo em destaque e outros tipos textuais, como pode ser observado a seguir:

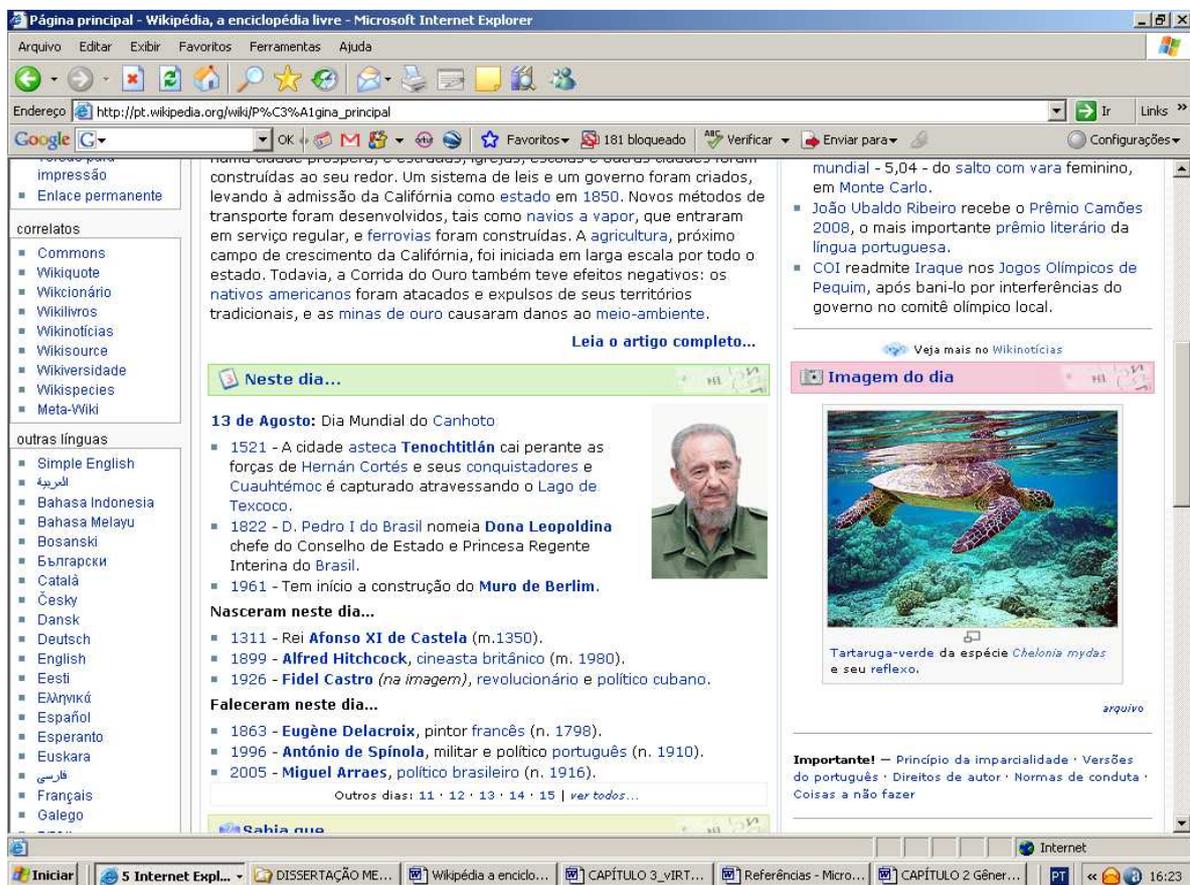


Fig. 5 Página de abertura da *Wikipédia* (2ª parte)

Primeiramente, no final do artigo em destaque há um *link* que direciona o leitor ao artigo na íntegra. Mais abaixo, há o campo “neste dia...”, o qual apresenta fatos que

aconteceram em outras épocas na data em que o usuário acessou o *site*. Do lado direito deste último campo mencionado há a “imagem do dia”. Do lado esquerdo da página, podem ser encontrados os “correlatos”, que são como repartições da enciclopédia. Neste campo o usuário tem acesso a dicionário, a notícias, a diversidades etc. Mais abaixo, a informação da existência do *site* em outros idiomas.

Continuando na página, há um campo de curiosidade denominado “Sabia que...” e, quase no fim da página, um quadro contendo índice temático:

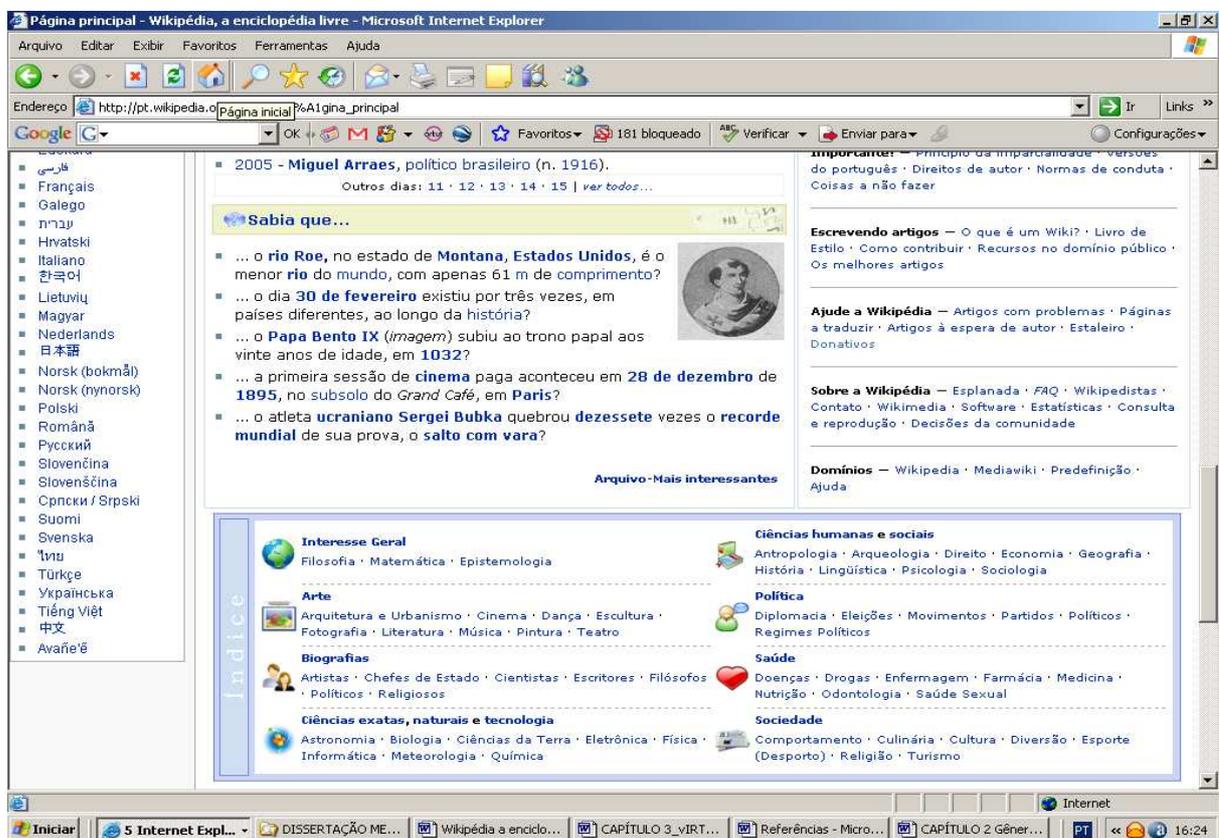


Fig. 6 Página de abertura da *Wikipédia* (3ª parte)

Mais abaixo, finalizando a página, a *Wikipédia* torna a evidenciar a existência de artigos em outras línguas e apresenta ao usuário seus projetos paralelos, como pode ser observado a seguir. Estes dois campos estavam presentes também na lateral esquerda da página, como já foi descrito.



Fig. 7 Página de abertura da Wikipédia (4ª parte)

Numa primeira avaliação é possível afirmar que a *Wikipédia* é um exemplo de *site* que objetiva o acesso livre ao conhecimento. Na tela do computador há inúmeros caminhos que o leitor pode seguir para pesquisar o que deseja. Palavras destacadas com a cor azul demonstram a grandiosidade do *site* no que se refere à quantidade de informação que possui. Além do número de artigos em português oferecido pela enciclopédia – número este mencionado na primeira página –, a quantidade de *links* possível de acesso (aparentemente relacionados com o artigo principal), bem como a liberdade com que se pode navegar pelo *site*, seduz um leitor desavisado, e muitas vezes apressado, que tomará as primeiras impressões do *site* como boa opção para sua pesquisa, como um documento democrático de aquisição do saber. É neste sentido que podemos tomar a *Wikipédia* como um exemplo do que

Pierre Lévy denomina *caráter universal do ciberespaço*, pois entrecruza pessoas e informações por computadores, e torna público um assunto de determinada natureza. Segundo Lévy (2008), a ampliação do ciberespaço, resultado da interconexão de pessoas e computadores, é responsável pela universalização do conhecimento. Na verdade, “um universal sem totalidade”, pois não totaliza em si o conhecimento, mas permite que a cada dia novas entidades sejam postas em relação.

Observando ainda a primeira página e todos os campos mencionados, pode-se de antemão compreender a *Wikipédia* como um gênero discursivo bastante diferente do gênero enciclopédia descrito no capítulo 2 desta pesquisa. Os volumes da *Wikipédia* encontram-se acessíveis no próprio *site* num simples toque de *mouse*, isso é devido ao caráter hipertextual que é comum aos textos na internet. Mas além disso, ela não contém apenas assuntos ordenados por um índice, como na enciclopédia convencional. Ela possui *links* que remetem o leitor a outros tipos de texto.

Na enciclopédia analisada anteriormente, observavam-se conteúdos históricos e científicos, mas não atuais. Eram saberes acumulados e registrados para as futuras gerações, para que determinados acontecimentos não fossem esquecidos pela humanidade. Mesmo assim, a extensão do texto era limitada pelas páginas da enciclopédia e os conteúdos eram apenas históricos e não atuais. Num almanaque, outro tipo enciclopédico, além do registro desses conteúdos históricos, havia também textos sobre temas mais recentes devido à atualização anual desse livro.

A *Wikipédia*, por outro lado, reúne conteúdos históricos e científicos - separados por áreas do conhecimento -, curiosidades, notícias e informações sobre eventos recentes. Além disso, pode funcionar como um espaço para promoção de pessoas famosas, afinal são comuns assuntos sobre atualidade em que as celebridades se tornam temas enciclopédicos, neste *site*.

Ou seja, de acordo com as palavras de Bakhtin (1992, p. 279) o enunciado reflete as

condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana pelo seu conteúdo, estilo, seleção dos recursos da língua e por sua construção composicional e ainda, que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, então, pode-se considerar a *Wikipédia* como uma enciclopédia.

Apesar de poder considerá-la como um gênero discursivo, a *Wikipédia* é bastante diferente de outras enciclopédias também virtuais por agrupar dentro de si enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de uma determinada esfera social, internauta, que anseia, por exemplo, elaborar textos sobre eventos recentes – as notícias – considerando-os como textos que, como num almanaque, devem ser registrados e atualizados conforme a ocorrência dos acontecimentos. Outra esfera social pode desejar inserir textos que reflitam as curiosidades dos indivíduos sobre uma diversidade de assuntos. Cada texto é elaborado por uma esfera social, informatizada, que tem acesso livre à enciclopédia. Cada seção do *site* representa, então, as condições específicas e as finalidades de determinadas esferas da atividade humana. Mesmo as abas da enciclopédia – artigo, discussão, ver fonte e história – são tipologicamente diferentes. No campo “discussão”, por exemplo, o tipo de texto que pode ser encontrado é o diálogo, o qual não é comum em enciclopédias.

Cada uma destas seções, portanto, pode ser considerada como gênero do discurso, do que se pode inferir que a *Wikipédia*, por “alinhavá-los” em condição hipertextual, é um **mega-gênero discursivo**. Este é, pois, um diferencial da enciclopédia. Ela abre caminho a gêneros diferentes, de esferas sociais e culturais distintas e permite que o leitor, de qualquer esfera da atividade humana participe de sua elaboração, o que torna a *Wikipédia* democrática e livre, como apregoam seus editores.

Por outro lado, estas características da *Internet*, desse espaço de interconexão de informação, de pessoas, de conhecimentos, e a liberdade dos internautas em adicionar textos científicos em favor da propagação de conteúdos pela *Internet*, torna evidente a fragilidade

desse veículo de comunicação quanto à confiabilidade dos conteúdos que se entrecruzam nesse *ciberespaço e*, conseqüentemente, dos conhecimentos presentes, “interconectados”, na enciclopédia em questão.

Em pesquisa à Folha *on-line*, é possível encontrar uma diversidade de notícias sobre os problemas relacionados à credibilidade dos artigos publicados na *Wikipédia*. Apesar das políticas de abertura do *site* - os princípios da verificabilidade e da não incorporação de pesquisas inéditas - defendida até última instância por Jimmy Wales, os conteúdos oferecidos pelo *site* são passíveis de erros. Para corrigi-los é que existe o campo “discussão” em cada artigo pesquisado. Apesar da existência desse campo, em que wikipedistas estariam atentos a edições não confiáveis, é comum aparecerem nos jornais notícias como *Falso professor provoca crise de credibilidade na Wikipédia; Internauta assume autoria de post falso na Wikipedia; Wikipedia é criticada por erros de informação; Wikipédia vira Orkut para famosos e anônimos que fazem o próprio verbete; Wikipedia acusa políticos dos EUA de maquiagem biografias; Wikipedia enfrenta crise e deve apresentar mudanças*; e outras notícias encontradas na *Folha Online* no período de 05/12/2005 a 05/03/2007.

O fato é que se qualquer internauta pode editar os textos que lá se encontram, se a enciclopédia é aberta para o mundo, ela pode abrigar, então, verdades ou mentiras, que muitas vezes não podem ser discriminadas no próprio *site*, mesmo porque em vários artigos não estão visíveis ao usuário as fontes de onde foram retiradas as informações. Por conseguinte, só teriam acesso aos erros e problemas da enciclopédia os leitores assíduos de jornais e sendo assim, as políticas e diretrizes proclamadoras de confiabilidade da *Wikipédia* ficam comprometidas, o que afeta direta e conseqüentemente o princípio de liberdade e de democratização do conhecimento, divulgados por ela.

No que se refere às referências bibliográficas, na página principal em questão não há qualquer indício de fonte. Mais abaixo do texto, no entanto, há a seguinte sugestão: *leia o*

*artigo completo...* Ao clicar neste *link* o usuário tem acesso à íntegra do artigo e, no final, bem no final da página, as indicações de onde foram retiradas as informações e *links* externos que complementam o artigo. No total, são oitenta e seis notas e referências bibliográficas, vinte e quatro ligações externas em inglês e cinco em português, no caso do artigo pinçado na página no dia treze de agosto de dois mil e oito.

Sob o ponto de vista quantitativo, esta é uma boa referência bibliográfica, mas levando-se em conta o tamanho do texto e a quantidade de *links* oferecidos, até encontrá-las aquele leitor desavisado e apressado, em busca de sua autonomia de pesquisa, pode ter se perdido durante sua trajetória de leitura, antes de verificar a confiabilidade da informação nas referências bibliográficas. Ainda assim, neste caso, a bibliografia do artigo está aparente, visto que pode ser encontrada no final do texto

A questão nesse caso diz respeito à transparência com que a *Wikipédia* fornece as fontes de onde foram extraídos os textos que oferece a diferentes tipos de leitores. Os mais maduros terão o cuidado de averiguar a veracidade das informações, navegando por quantas páginas forem necessárias, mas um aluno em formação como leitor de textos da internet não terá a mesma precaução. O que se espera é que a Internet possa ser utilizada de forma realmente democrática e que a *Wikipédia*, uma enciclopédia tão presente nas pesquisas dos alunos, facilite não só o acesso ao conhecimento como o acesso às fontes do conhecimento, comprovando seu *slogan* de enciclopédia livre.

Para dar continuidade às reflexões e à análise da *Wikipédia* enquanto mega-gênero discursivo, há que se ressaltar uma característica comum aos textos veiculados pela *internet*: a hipertextualidade.

### 3.3.3. A hipertextualidade na *Wikipédia*

No que se refere aos artigos em si, aos textos procurados, ou “buscados”, pelos leitores em geral, a *Wikipédia*, assim como a maioria das enciclopédias virtuais, trabalha com hipertextos, assunto já explicitado na seção 3.2 desta pesquisa.

Retomando a abordagem de Koch (2006) sobre o conceito de hipertexto, é possível admitir a importância do hipertexto e de seus *hyperlinks* para a construção do conhecimento pelo leitor. Os hipertextos são textos carregados de informações que, escolhidas coerentemente pelo leitor, ampliam os seus conhecimentos. Há que se destacar, no entanto, o fato de que é o próprio leitor que conduz sua leitura de acordo com as suas inferências e com todo o repertório de conhecimento acumulado até o ato da leitura hipertextual.

Para a análise dos hipertextos da *Wikipédia*, a presente pesquisa tomará como exemplo um artigo sobre a descoberta do Brasil. Neste artigo, pode-se observar um índice com cinco tópicos que compõem o texto principal: A Armada, A viagem, A chegada a Vera Cruz (e um subitem denominado Os povos nativos), Polêmica (com acento agudo no e - Polémica) e um Ver também, com indicações de outros assuntos relacionados ao artigo principal.



Fig. 8 Artigo “Descoberta do Brasil” em página da Wikipédia

Ao lado do texto principal existe um quadro que divide a História do Brasil em períodos, cada qual com uma espécie de índice dotado de assuntos relacionados ao período da História que se queira pesquisar, como se pode observar no exemplo abaixo:



Fig. 9 Quadro de *links* relacionados ao artigo “Descoberta do Brasil” em Página da Wikipédia

Quanto ao texto propriamente dito, tome-se como exemplo o trecho intitulado A armada.

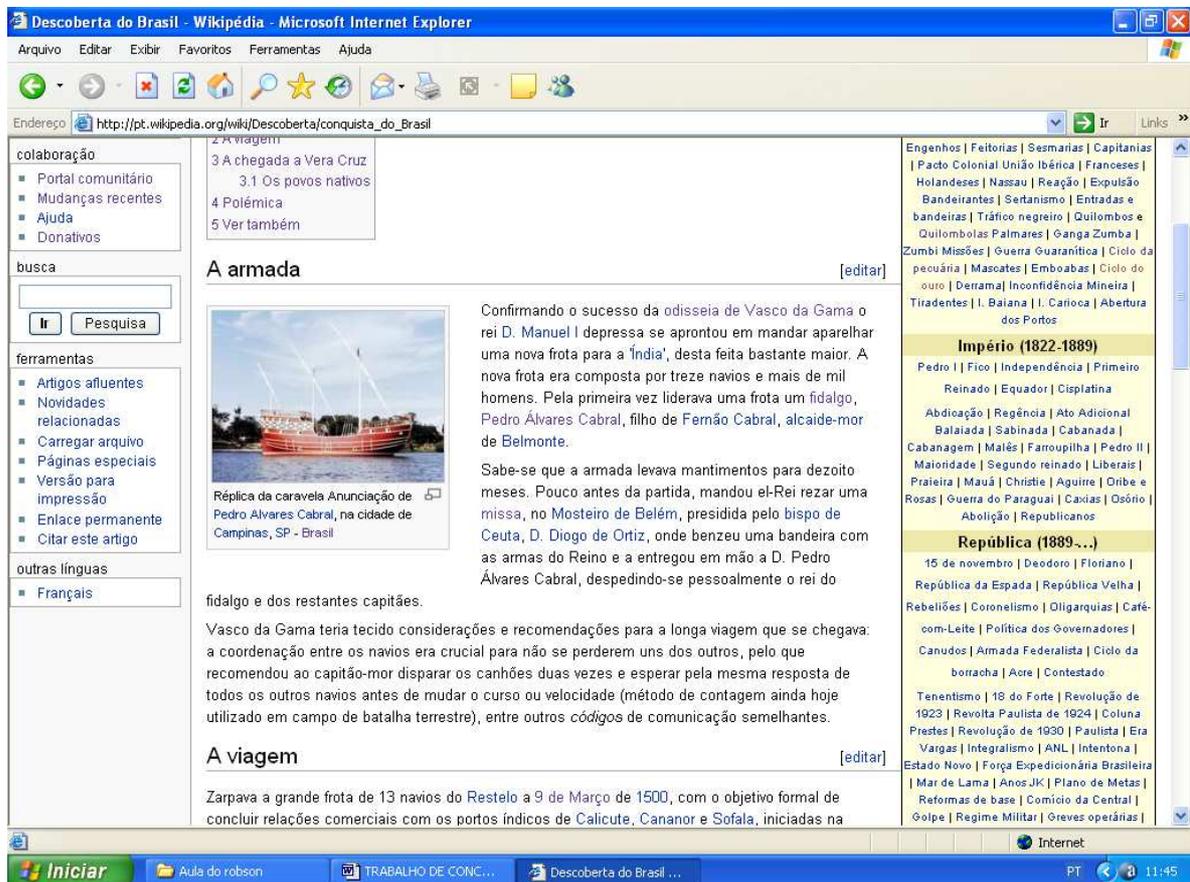


Fig. 10 “Descoberta do Brasil” em Página da Wikipédia

Como se observa, é um texto curto com poucos *links*. Um sobre a odisséia de Vasco da Gama, outro sobre D. Manuel I, sobre a Índia, sobre fidalgo, sobre Pedro Álvares Cabral, e ainda outros poucos que compõem este fragmento. O que se deseja verificar por meio deste exemplo é a fidelidade destes *links* às suas funções, segundo Koch (2006). No que diz respeito à função dêitica, os *links* apontam um caminho ao hiperleitor e os remetem para fora do texto principal. Quanto à função coesiva e à função cognitiva, há que se fazer algumas considerações.

Ao acessar o tópico odisséia de Vasco da Gama, por exemplo, o que aparece é um

texto intitulado Descoberta do caminho marítimo para as Índias, sem no entanto, explicar o significado de odisséia. É claro que os leitores mais preparados terão melhores condições de, literalmente, *linkar* a palavra odisséia ao novo conteúdo acessado ou, no mínimo, de procurar um dicionário e fazer a associação ao título do conteúdo. Neste caso, o *hiperlink* exercerá as funções coesiva e cognitiva apenas a determinados leitores e não a outros. Há aqui então, uma seleção, voluntária ou não, de um público alvo.

Um outro *link* que pode chamar a atenção é o termo fidalgo, que está próximo de um outro, Pedro Álvares Cabral. O que se pode pensar quando se lê a palavra é que, à semelhança do que aconteceu com o *link* odisséia, haverá um texto explicativo sobre o termo, um texto que não se restrinja apenas ao significado da palavra, mas que, de certa forma, e ao contrário do que se viu com o *link* mencionado anteriormente, esteja relacionado com Pedro Álvares Cabral, que era um fidalgo, segundo o texto principal. O que aparece, no entanto, é exatamente o que não se esperava, um texto com significados. É verdade que o leitor não precisará recorrer a um dicionário para entender o que aquilo significa, mas o fato de ter acessado este conteúdo constituirá uma ruptura do objetivo inicial de leitura: estudar um pouco mais sobre o descobrimento do Brasil. A questão é: o *link* serve mesmo para fazer “amarras” ao texto principal? Neste caso, mais uma vez, para um leitor inexperiente o *link* cumpre a sua função dêitica, mas prejudica as funções coesiva e cognitiva.

Um outro detalhe que se pode ressaltar é a questão das escolhas (no momento da criação do hipertexto) de um *link* e não de outro. Nesse mesmo texto, A armada, os editores poderiam criar um acesso a partir do próprio título, ou a partir de seu significado, frota, localizado na quarta linha do texto. Isto seria muito mais explicativo e talvez fizesse muito mais sentido a um determinado leitor do que um *link* como o fidalgo, além de não romper com o objetivo de leitura.

É claro, no entanto, que qualquer editor que se cadastre no *site* pode criar este *link*,

mas até o momento nenhum editor percebeu o problema. Para um leitor inexperiente, mesmo com poucos *links*, o texto em questão contém uma sobrecarga de informação, devido a conteúdos que, sem ligação com o principal (dependendo do conhecimento prévio de um leitor) impedem sua assimilação. Aparentemente, os *links* são criados sem a preocupação com o público (que pode ser de qualquer faixa etária ou pertencer a qualquer classe social) consumidor do conteúdo.

### **3.3.4 Artigo e discussão na Wikipédia: Gêneros interdependentes na enciclopédia**

Relacionada a esta questão do hipertexto, da criação e seleção de *links*, da profundidade do conteúdo dos artigos da enciclopédia, está também a questão da elaboração e manutenção dos textos no *site*. Trata-se de dois gêneros diferentes presentes na enciclopédia. Um deles é o “artigo” e o outro a “discussão”. Quanto à hipertextualidade não há muito mais a se comentar além do que já foi mencionado no exemplo sobre *A descoberta do Brasil*. No entanto, é preciso salientar que os artigos dessa enciclopédia são produzidos cooperativamente e, ao contrário das enciclopédias convencionais, o leitor da *Wikipédia* tem acesso às discussões que produzem os textos.

As discussões sobre um determinado artigo têm um campo específico na enciclopédia – o campo “discussão”. Trata-se de um campo em que os wikipedistas, editores do *site*, discutem a inserção de palavras ou imagens, a separação dos temas, a criação de *links*, argumentando em favor de suas opiniões a respeito do artigo. A seguir, alguns exemplos da página de discussão.

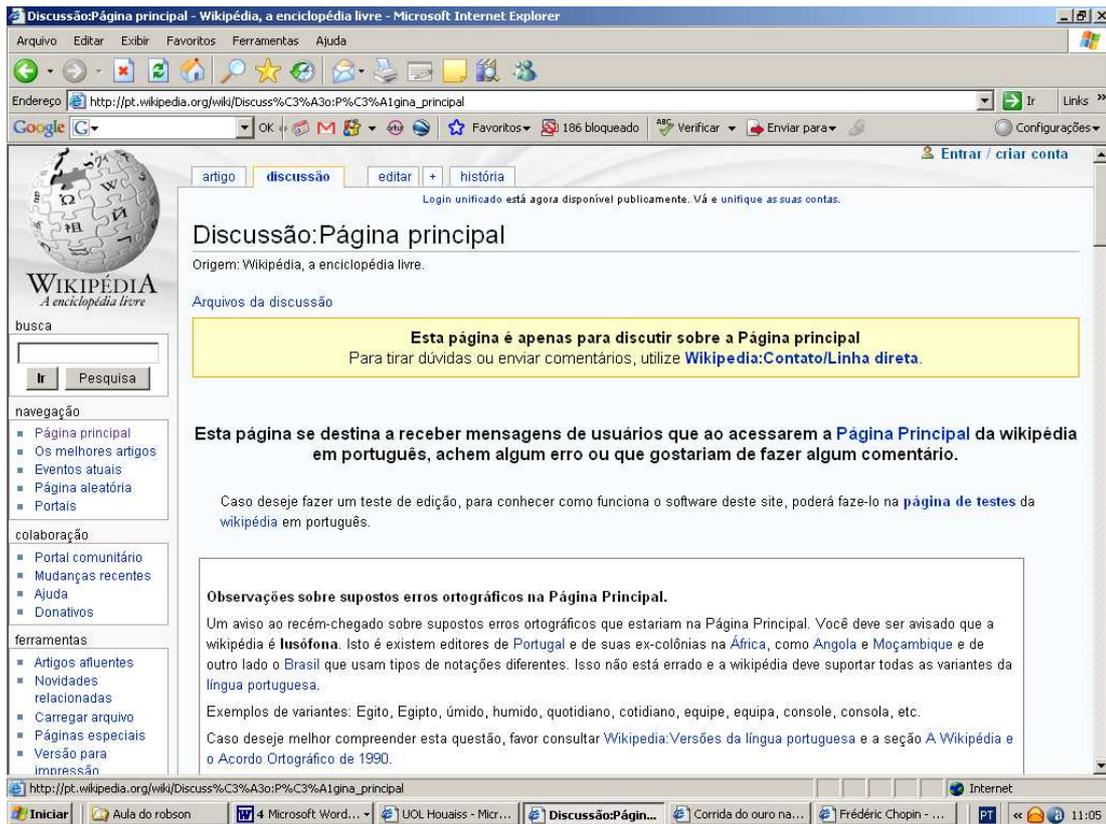


Fig. 11 Discussão dos wikipedistas em Página da Wikipédia

No campo existe, então, as informações sobre a finalidade da discussão – “Esta página se destina a receber mensagens de usuários que ao acessarem a [Página Principal](#) da Wikipédia em português, achem algum erro ou que gostariam de fazer algum comentário” –sobre os possíveis erros ortográficos que pode conter, que alertam os leitores sobre o fato de que a enciclopédia é lusófona e portanto é acessada por diversos países que têm a língua portuguesa como língua oficial:

### Observações sobre supostos erros ortográficos na Página Principal.

Um aviso ao recém-chegado sobre supostos erros ortográficos que estariam na Página Principal. Você deve ser avisado que a Wikipédia é lusófona. Isto é existem editores de [Portugal](#) e de suas ex-colônias na [África](#), como [Angola](#) e [Moçambique](#) e de outro lado o [Brasil](#) que usam tipos de notações diferentes. Isso não está errado e a Wikipédia deve suportar todas as variantes da [língua portuguesa](#). Exemplos de variantes: Egito, Egípto, úmido, humido, quotidiano, cotidiano, equipe, equipa, console, consola, etc. Caso deseje melhor compreender esta questão, favor consultar [Wikipedia:Versões da língua portuguesa](#) e a seção [A Wikipédia e o Acordo Ortográfico de 1990](#).

Há também o índice dos assuntos que são tratados na discussão. Não se trata de “pauta de reunião” pois os wikipedistas não seguem um roteiro sobre o que será discutido. A enciclopédia é livre. Mas o índice facilita a visualização do que já foi discutido.



**Fig. 12** Índice da Discussão dos wikipedistas em Página da *Wikipédia*

A discussão ocorre por itens, segundo o índice, e em alguns casos há um diálogo entre os participantes. Como se pode observar no trecho retirado da página de discussão destacada:

## Não é justo!

<sup>A</sup>No dia dois de julho de 1985 nasceu a atriz e cantora, fenômeno teen, Ashley Tisdale, não citada nos que nasceram neste dia. E a igualmente famosa Lindsay Lohan, que nasceu no mesmo dia, mas em 1986 também não foi citada!—o comentário precedente *não foi assinado* por [200.169.27.14](#) ([discussão](#) • [contrib.](#)) -- [OS2Warp msg](#) 23h31min de 2 de Julho de 2008 (UTC)

<sup>B</sup>Caro usuário. O conteúdo da página principal é mantido por voluntários e devido a certas discussões anteriores sobre relevância, eles tem preferido manter na página fatos/pessoas relacionados mais ao passado, do que a atualidade. Nada de censura ou retaliação. Apenas uma melhor forma de montar o conteúdo da página principal, sem muitos conflitos. Abraços.--[OS2Warp msg](#) 23h31min de 2 de Julho de 2008 (UTC)

O comentário (A) refere-se a um participante que reivindica a inserção da citação de uma personalidade no campo das curiosidades da página principal. O comentário (B) refere-se à explicação dos motivos pelos quais alguns nomes não são evidenciados naquele campo. E assim seguem as discussões da página sobre outros assuntos, uns um pouco mais agressivos, outros mais amáveis, outros mais críticos sobre assuntos políticos, e outros ainda que procuram manter as regras e a política do *site*.

Sobre as características desses diálogos que precedem os textos, muito há que se comentar além da descrição física da página de discussão. Há que se considerar que tais discussões mantêm o artigo no *site* e, dependendo da formação ideológica dos wikipedistas, a imparcialidade do texto, um dos princípios dessa enciclopédia virtual, fica comprometida.

Diante desse fato, é pertinente transcender os limites dos textos presentes na *Wikipédia* e buscar no campo “discussão” da enciclopédia aspectos ideológicos que marcam os artigos nela inseridos. Sob a perspectiva da AD, muito se poderia investigar a respeito das características do processo de produção e de criação dos textos da *Wikipédia*, mas no presente estudo, o foco reside no fato de que “todo discurso é atravessado por ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’” (Authier-Revuz, 1982, p. 141), o que pressupõe, neste trabalho, um estudo a respeito da heterogeneidade que constitui os textos presentes nesta enciclopédia

virtual e *online*. E a análise sobre essa questão, retomando os conceitos da AD, será tratado no capítulo a seguir.

## CAPÍTULO 4

### Análise de dados:

#### Heterogeneidade do discurso da *Wikipédia*

Os capítulos anteriores apresentaram pressupostos teóricos e algumas discussões em torno de determinadas características dos gêneros discursivos. No entanto, o foco sempre esteve sobre a *Wikipédia*, a enciclopédia virtual. Por isso foram expostas a teoria bakhtiniana sobre gêneros do Discurso e as reflexões sobre o processo de virtualização da matéria. Com tais pressupostos, foram então realizadas algumas discussões a respeito do *site* escolhido como objeto de análise; discussões que buscavam atender o objetivo da pesquisa de classificar a *Wikipédia* como um gênero discursivo e, como foi revelado (tendo como base as teorias apresentadas) o *site* pode ser considerado uma enciclopédia, como ele mesmo se autodenomina. Um gênero discursivo que, tendo passado pelo processo de virtualização, adquiriu características que possibilitaram o agrupamento de outros gêneros discursivos em seu interior. Assim, a *Wikipédia* pôde ser analisada como um **mega-gênero discursivo**, uma enciclopédia que reúne diferentes esferas sociais refletidas em textos bastante distintos.

Todas as reflexões até aqui realizadas possibilitam outras discussões e, neste capítulo, o que se pretende é realizar, sob a ótica da Análise do Discurso, cujos pressupostos teóricos foram abordados no primeiro capítulo deste trabalho, uma análise sobre dois gêneros discursivos que compõem a enciclopédia. Trata-se de gêneros que se complementam no que diz respeito à elaboração e à exposição dos artigos no *site*. Um deles é o *artigo*, campo mais visitado por internautas que buscam saberes enciclopédicos. O outro é a *discussão*, os

bastidores da enciclopédia, o campo que registra o diálogo entre os editores que mantêm os textos na enciclopédia.

A escolha por esses gêneros parte da expectativa natural de que toda enciclopédia baseia-se em fontes fidedignas de informação. Os gêneros selecionados são os textos procurados pelos leitores (os artigos) e o discurso dos responsáveis pela elaboração destes textos (a discussão), discursos dos quais se pode extrair elementos que deixam transparecer a opinião e a posição axiológica dos locutores, bem como indícios de que nem todos os textos inseridos na enciclopédia possuem fontes confiáveis de informação. Neste caso, os textos “enciclopédicos” da *Wikipédia* perdem seu caráter cientificista, comum às enciclopédias e adquirem características de uma escrita cooperativa rica em relações dialógicas.

Em outras palavras, *artigo* e *discussão* se entrecruzam no mega-gênero *Wikipédia* de modo interdependente. O *artigo* está inserido em condições de produção únicas, próprias do *site*, refletidas no campo *discussão*, o qual por sua vez pode deixar transparecer formações discursivas bastante distintas; afinal, todo conteúdo exposto nas páginas virtuais da enciclopédia pode ser lido, escrito, editado e reeditado por qualquer pessoa, desde que os princípios de verificabilidade, imparcialidade e o princípio de não incorporação de pesquisas inéditas sejam cumpridos.

Por serem interdependentes, uma análise sobre eles também não pode ser rigidamente seccionada. Por isso suas principais características físicas foram destacadas no capítulo anterior. Assim, na medida do possível, serão abordados os aspectos relativos ao artigo, suas características, seu posicionamento nas páginas do *site* e a sua tessitura hipertextual. Mas, na maior parte da análise, será necessário interligar todos estes elementos ao gênero *discussão*, sobre o qual também serão apresentadas as características mais relevantes.

No que se refere ao gênero “discussão”, nem todos os textos da *Wikipédia* permitem uma polêmica, o fator motivacional de uma discussão. Sobre alguns assuntos, não há muito o

que se discutir, principalmente se eles se referem a biografias, curiosidades ou assuntos históricos já esgotados em discussões. Por isso, o texto selecionado para a análise possui tema de ordem social, política e, ainda que histórico, bastante atual e controverso: O MST – Movimento dos Sem Terra.

#### **4.1 As condições de produção dos Artigos**

Todo e qualquer assunto que se deseje inserir na *Wikipédia* deve seguir algumas regras estabelecidas pela enciclopédia. Entretanto, “princípio de imparcialidade”, “verificabilidade” e “fonte”, “normas de condutas”, por exemplo, não têm sido suficientes para evitar vandalismos e textos cientificamente deficientes. Para evitar essas transgressões, os wikipedistas reforçam a fiscalização das edições e, caso seja necessário, novas regras são criadas para evitar a descaracterização enciclopédica dos textos. No quadro apresentado a seguir, pode-se observar o número de itens que devem ser obedecidos pelos editores. Os *links* conduzem o leitor a essa política wikipedista:

<u>POLÍTICAS DA WIKIPÉDIA LUSÓFONA</u>			
Políticas oficiais	Recomendações	Recomendações	Resolução de problemas
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="#">Princípio da imparcialidade</a></li> <li>• <a href="#">Verificabilidade e fontes</a></li> <li>• <a href="#">Nada de pesquisa inédita</a></li> <li>• <a href="#">Fontes primárias</a></li> <li>• <a href="#">Liberdade e direitos autorais</a></li> <li>• <a href="#">Pedidos de permissão</a></li> <li>• <a href="#">O que a Wikipédia não é</a></li> <li>• <a href="#">Versões da língua portuguesa</a></li> <li>• <a href="#">Política de imagens</a></li> <li>• <a href="#">Política de bloqueio</a></li> <li>• <a href="#">Política de edição</a></li> <li>• <a href="#">Política de eliminação</a></li> <li>• <a href="#">Decisões da comunidade</a></li> <li>• <a href="#">Nada de ameaças judiciais</a></li> <li>• <a href="#">Regras para assinaturas</a></li> <li>• <a href="#">Propriedade dos artigos</a></li> <li>• <a href="#">Biografias de pessoas vivas</a></li> <li>• <a href="#">Política de banimento</a></li> <li>• <a href="#">Direito ao voto</a></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="#">Seja audaz</a></li> <li>• <a href="#">Normas de conduta</a></li> <li>• <a href="#">A não fazer e Erros comuns</a></li> <li>• <a href="#">Livro de estilo</a></li> <li>• <a href="#">Biografia sem relevo enciclopédico</a></li> <li>• <a href="#">Política de Userbox</a></li> <li>• <a href="#">Não abuse da Wikipédia para provar um ponto de vista</a></li> <li>• <a href="#">Subversão do sistema</a></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="#">Assuma a boa fé</a></li> <li>• <a href="#">Busque sempre o consenso</a></li> <li>• <a href="#">Não faça ataques pessoais</a></li> <li>• <a href="#">Não morda os novatos</a></li> <li>• <a href="#">Tutoria</a></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="#">Como resolver disputas</a></li> <li>• <a href="#">Mediação informal</a></li> <li>• <a href="#">Mediação descentralizada</a></li> <li>• <a href="#">Opinião de terceiro</a></li> <li>• <a href="#">Sanção de insultos</a></li> <li>• <a href="#">Protecção de página</a></li> <li>• <a href="#">Remoção imediata de VDA</a></li> <li>• <a href="#">Bloqueio de usuário</a></li> <li>• <a href="#">Verificação de usuário</a></li> <li>• <a href="#">Vandal Fighter</a></li> <li>• <a href="#">Pedidos a administradores</a></li> <li>• <a href="#">Pedidos a burocratas</a></li> <li>• <a href="#">Pedidos de opinião sobre conduta de usuário</a></li> </ul>

**Fig. 13.** Políticas da Wikipédia lusófona

Este é o quadro de itens relativos às regras às quais está submetido o autor dos textos da enciclopédia. É sob essas condições que um wikipedista pode participar das edições dos

artigos da *Wikipédia*. Obviamente, tais regras não são sempre respeitadas e é por isso que existe a “discussão”, lugar em que qualquer wikipedista pode advertir um colega ou bloquear um editor. Estas são, então, as condições de produção em sentido estrito definido por Orlandi (2005 a, p. 30-31). Elas dizem respeito às circunstâncias da enunciação, ao contexto mais imediato de produção discursiva. Para elaborar um texto, inserir um fragmento de texto em um artigo já existente, alterar títulos e subtítulos, o autor internauta deve seguir as regras e ainda participar da “discussão”, apresentando seus argumentos e propostas para a construção do artigo.

Além das regras, ao contexto imediato também podem ser incluídos os sujeitos que participam da discussão e da elaboração dos textos, a página em que os textos são editados, o momento em que o texto foi produzido e, no caso da *Wikipédia* – virtual e passível de atualizações constantes e em tempo real – os momentos de reedições, os quais podem ser recuperados também no campo discussão –, são bastante importantes porque alguns acontecimentos políticos não são fatos estanques, alguns não têm resoluções definitivas, por isso os textos que tratam o assunto devem acompanhar o desenrolar dos fatos e também por isso o momento em que são reeditados os artigos pode resultar em mudanças significativas na produção dos sentidos.

Essa questão do momento está até aqui apresentada como inerente às condições de produção em sentido estrito também remete ao contexto mais amplo em que se situa determinado discurso. A forma como a sociedade está estruturada, as instituições governamentais e não governamentais, a história dos fatos são intrínsecas aos acontecimentos políticos.

Elege-se para análise dos determinantes das condições de produção do discurso o artigo denominado “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” (Anexo A), um dos artigos da *Wikipédia*. O assunto é abordado na enciclopédia desde suas raízes históricas,

datadas de 1850 até os dias atuais pelos wikipedistas. Trata-se de um assunto ainda não resolvido definitivamente pelo governo federal e frequentemente envolve problemas sociais, econômicos e políticos que se tornam notícias. Cada reedição do texto proposta no campo “discussão” da enciclopédia está fixado num determinado momento da história do MST (Movimento dos Sem Terra).

Essa determinação do tempo se revela no campo destinado ao diálogo dos wikipedistas, no qual há um trecho intitulado “Disputa – Parte mais fácil”, que questiona a confiabilidade de algumas informações inseridas no texto como o fato de que, em dois de agosto de dois mil e quatro, crianças do MST cantarem o Hino da Internacional Socialista. No artigo, aparece uma foto das crianças com uma legenda abaixo. O outro questionamento diz respeito ao fato de o MST nutrir simpatia por Hugo Chávez, (trecho que deve ter sido retirado do texto, pois não há referências sobre Chávez a não ser nas “ligações externas” – uma das fontes bibliográficas da enciclopédia). O fragmento da discussão é o seguinte:

#### **Disputa - Parte mais fácil**

Gostaria de enumerar as partes para as quais acho que não há muita discussão e acredito serem mais fáceis de resolver.--[Carlosar](#) 05:03, 2 Jul 2005 (UTC)

- Hino da Internacional - Uma vez que se verifique o fato, acho que não há problema algum em mencionar que as crianças cantam o Hino da Internacional Socialista.
- Hugo Chávez - é um fato meramente descritivo dizer que o MST mantém relações e/ou simpatias com Hugo Chávez. Portanto, aqui também acho que não há disputa.

Vou começar por essas mudanças logo, a não ser que alguém tenha alguma objeção.--[Carlosar](#) 05:08, 2 Jul 2005 (UTC)

- Não moro no Brasil há um bom tempo, portanto, fica difícil para mim verificar a veracidade de notícias daí, a não ser que links para *sites* de notícias sejam indicadas (Terra, etc), onde estas notícias aparecem de fato - e eu não sou o único reclamando (vide [Usuário:Campani](#) - realmente, acho meio duvidosa ambas as informações). [Leslie Msg](#) 05:15, 2 Jul 2005 (UTC)

Duvidosa? A informação sobre o Hino da Internacional foi publicada pela [Agência Brasil](#), que é a agência de notícias do governo federal. A aproximação do MST com Hugo Chávez já saiu pelo menos na Reuters (se eu não coloquei o link aqui, depois coloco). Além disso há inúmeras fotos de membros do MST em ato de desagravo a Chávez. Veja a seção de fotos do MST. E se as fotos não forem suficientes, há as declarações do próprio MST em favor de Chávez. Eu já coloquei os links para várias páginas de notícias. O que preciso fazer mais? --[Carlosar](#) 04:03, 14 Agosto 2005 (UTC)

No que se refere ao contexto amplo de condições de produção, o trecho disposto acima data de julho e agosto de 2005 sobre um fato exposto no artigo ocorrido no ano anterior. Além disso, o responsável pela edição dos subtemas mencionados pelos wikipedistas cita as fontes e fornece o *link* de onde retirou tais informações – Agência Brasil, Reuters e os *links* encontrados no final do artigo, que seguem no quadro seguinte:

<b>Ligações externas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="#">Página oficial</a></li> <li>• <a href="#">Página oficial da Via Campesina</a></li> <li>• <a href="#">Lula deve seguir exemplo de Chávez, diz MST</a>, <i>BBC</i> 12 de janeiro de 2005.</li> <li>• <a href="#">Chávez encontra com MST e movimentos sociais brasileiros; ambos reafirmam apoio a Lula</a>, <i>Diário Vermelho</i>, 13 de agosto de 2005]</li> <li>• <a href="#">Chávez visita assentamento do MST e assina parceria</a> <i>Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra</i>, Ano XXIII - número 248, fevereiro de 2005.</li> </ul>
<p><b>Oposição</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="#">A reforma agrária tem que acabar</a></li> <li>• <a href="#">Movimento Endireitar</a></li> </ul>

Isso comprova que os assuntos políticos abordados na enciclopédia têm base em acontecimentos noticiados pela mídia, a qual depende da sociedade e do contexto político e econômico em que se insere e dos quais depende para noticiar.

Charaudeau (2006, p. 130) afirma que “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído”. Ou seja, um real construído é um real que passou por um determinado olhar e, conseqüentemente, por um filtro ideológico. Charaudeau (2006) também afirma o seguinte:

Por trás do discurso midiático, não há um espaço social deformado ou parcelado por esse discurso. O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível. [...] Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário *nomeá-lo*. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. (p.131-132)

Então, nas condições de produção em sentido amplo exposto por Orlandi (2005 a, p. 30-31), devem ser considerados também os aspectos relativos ao que se encontra na mídia como fonte de informação. No caso do artigo em questão, muitas são as ocorrências noticiadas pela imprensa de forma bastante variada, sob diferentes perspectivas. E além do olhar da imprensa que filtra os acontecimentos de acordo com seus pontos de vista, o olhar do wikipedista que construiu o texto também não foi totalmente puro; mesmo que de forma inconsciente tenha passado pelo filtro de sua subjetividade, de toda a sua formação discursiva.

#### **4.2 “Discussão” – fonte de formações discursivas**

No gênero discursivo “discussão” da *Wikipédia*, encontram-se diferentes opiniões sobre diversos trechos do artigo. A discussão do artigo sobre o MST apresenta sujeitos que colocam em questão a parcialidade do texto, mas todos eles demonstram conhecimento sobre os “sem-terra”, ainda que uns mais outros menos, inclusive no que se refere à parcialidade ao tratar o assunto. Alguns argumentos são mais persuasivos do que outros, quando tratam essa questão, e, aparentemente, derivam de sujeitos que possuem maior conhecimento político sobre o tema.

Em alguns fragmentos, é possível encontrar alguns pontos que denotam posições ideológicas e, em outros, pode-se ressaltar a posição sobre a questão da parcialidade na abordagem do tema, o que denuncia formações discursivas mais ou menos rígidas sobre

assuntos referentes ao MST. Para fins de demonstração, seguem abaixo quadros que apresentam uma série de comentários sobre a inserção no texto de informações sobre o MST e sua simpatia por Hugo Chávez, presidente venezuelano. Tanto foi discutido o assunto que o trecho referente a Hugo Chávez foi retirado do artigo. Não há, até o dado momento, nenhuma menção no texto sobre o presidente. Os argumentos contrários a permanência do assunto no texto foram persuasivos e suficientes para convencer os editores do texto.

Os trechos apresentados a seguir podem ser encontrados ao longo da “discussão” do artigo e em meio a outros comentários e discussões, como pode ser observado no Anexo B.

**1**Hugo Chávez - é um fato meramente descritivo dizer que o MST mantém relações e/ou simpatias com Hugo Chávez. Portanto, aqui também acho que não há disputa.

- Não moro no Brasil há um bom tempo, portanto, fica difícil para mim verificar a veracidade de notícias daí, a não ser que links para *sites* de notícias sejam indicadas (Terra, etc), onde estas notícias aparecem de fato - e eu não sou o único reclamando (vide [Usuário:Campani](#) –

**2** realmente, acho meio duvidosa ambas as informações). [Leslie Msg](#) 05:15, 2 Jul 2005 (UTC)

**3** Duvidosa? A informação sobre o Hino da Internacional foi publicada pela [Agência Brasil](#), que é a agência de notícias do governo federal. A aproximação do MST com Hugo Chávez já saiu pelo menos na Reuters (se eu não coloquei o link aqui, depois coloco). Além disso há inúmeras fotos de membros do MST em ato de desagravo a Chávez. Veja a seção de fotos do MST. E se as fotos não forem suficientes, há as declarações do próprio MST em favor de Chávez. Eu já coloquei os links para várias páginas de notícias. O que preciso fazer mais? --[Carlosar](#) 04:03, 14 Agosto 2005 (UTC)

Até aqui, três comentários sobre Chávez, mas apenas duas opiniões diferentes. As opiniões **1** e **2** concordam sobre o fato de a informação ser irrelevante e até duvidosa por ser meramente descritiva. A opinião **3** discorda pelo fato de que essas informações têm base em *sites* e textos jornalísticos, mas não considera o fato de que talvez, no contexto em que se insere, seja realmente um fato meramente descritivo.

Um outro exemplo pode ser visto a seguir:

**[[editar](#)] Chávez, o MST e os direitistas da Wikipedia.**

**4** Daria para restaurar minha última modificação? Esses enfezados de Direita adoram encher a Wiki de teorias conspiratórias, mas quando alguém coloca uma alternativa aí eles esquecem as declarações sobre "liberdade de expressão"

A informação referente a Hugo Chavez foi tirada de agências de notícias internacionais e do Jornal do MST. Sendo que a informação foi publicada pelo próprio Jornal do MST e a relação do movimento com Chavez é pública e notória, não entendo a posição de Vossa Senhoria em censurar a publicação dessa informação aqui. Não existe nenhuma teoria conspiratória, não é feito nenhum juízo de valor e as inserções antigas foram mantidas. Quem está se posicionando contra a liberdade de expressão é Vossa Senhoria que insiste em protestar contra o acréscimo de uma informação relevante sobre o movimento. -- [Carlosar](#) 12:36, 12 Setembro 2005 (UTC)

**5** O MST tem muitas outras ligações e, se for o caso, pessoas e entidades que se relaciona e admira. Também acho exagerado o espaço dado ao Chaves (não vejo nenhum problema em citar essa ligação, mas dar tanta ênfase e somente citar essa relação específica - qual o sentido disso? que interesses isso promove?). Porque não se referir também às relações com Paulo Freire ou à admiração às idéias de Gandhi? *(sem assinatura)*

Neste quadro, no comentário número **4**, já é possível perceber um pouco de parcialidade política do wikipedista Carlosar quando este afirma “Esses enfezados de Direita adoram encher a Wiki de teorias conspiratórias, mas quando alguém coloca uma alternativa aí eles esquecem as declarações sobre ‘liberdade de expressão’”. Neste ponto, ao declarar os outros como “enfezados de Direita”, ele está se declarando como “de Esquerda”, além disso o locutor Carlosar ainda menciona o termo “liberdade de expressão” num contexto em que ele parece querer essa liberdade para manifestar o seu ponto de vista no artigo inserindo os comentários sobre Hugo Chávez. Estas são posições tomadas pelo wikipedista que podem demonstrar sua formação ideológica e discursiva.

Já o comentário **5** acredita que o fragmento sobre Chávez possa ser mantido, sem exageros, mas admite que apenas citar esse nome não faz sentido.

Um outro exemplo é apresentado abaixo:

### Texto confuso e exagerado em alguns aspectos

6 Caros: Parece que o impeto dos que não gostam do MST, do Chaves (não o da TV), dos partidos de esquerda etc. em colocar suas posições aqui chegou ao extremo. O texto ficou todo deformado. Só um exemplo: Depois de muito tempo sem visitar o artigo vejo que colocaram uma seção inteira (e longa) dedicada ao Hugo Chaves. Bom, se eu não conheço bem as coisas acabo achando que o Hugo Chaves tem uma importância fundamental para o MST, ou o inverso. Não misturemos alhos com bugalhos. Artigo do MST é para falar do MST com, no máximo (se é que é necessário), uma breve citação ao apoio que o MST dá a governos de esquerda (não só o Chaves). E isto é só um caso no texto do artigo que está mal. Esta prática de cada um querer colocar a sua visão no artigo leva a tornar o artigo um "Frankenstein" sem pé nem cabeça, quando, na verdade, o texto deve ser útil a quem quer o ler para informar-se. Lamentável! Precisamos reciclar o texto urgentemente. Paz e saúde, [Campani discussão 17:11, 15 Dezembro 2005 \(UTC\)](#)

Neste trecho tem-se a confirmação dos posicionamentos ideológicos quando o wikipedista Campani afirma “Parece que o impeto dos que não gostam do MST, do Chaves (não o da TV), dos partidos de esquerda etc. em colocar **suas posições** aqui chegou ao extremo”. Ele percebe a briga ideológica na discussão e ainda preocupa-se com a coerência do artigo, o que demonstra uma consciência das condições de produção da *Wikipédia*. Ele parece ter conhecimento das regras de funcionamento do *site* e apresenta bons argumentos sobre a importância do caráter imparcial dos textos enciclopédicos – “o texto deve ser útil a quem quer o ler para informar-se”.

### Seção Hugo Chávez

7 A aproximação do MST com o governo chavista é de fato publica, aliás natural para um governo de esquerda e um movimento que luta por igualdade social. A troca de elogios não fica na surdina portanto não há necessidade de fazer um estardalhaço do caso. O que me parece é que a seção foi escrita com intuito de criar um vínculo conspiratório entre ambos.

O MST não depende de Hugo Chávez. Elogia o trabalho que seu governo vem fazendo na Venezuela em democratizar o país, principalmente na questão agrária. Assim como elogiou a atitude do governo bolivariano em proteger suas reservas de gás natural da exploração internacional.

Sugiro que seja retirada toda essa seção para que em seguida seja elaborada uma seção mais detalhada e imparcial sobre as relações internacionais do MST. *(sem assinatura)*

No trecho acima, o comentarista entende os argumentos do comentário 4, mas entende que “a seção surgiu com o intuito de criar um vínculo conspiratório entre ambos” (MST e

Hugo Chávez) e procura explicar ao locutor do comentário **4** o verdadeiro motivo (segundo a sua percepção) dos elogios do MST ao presidente da Venezuela. Depois de argumentar, o wikipedista sugere a retirada de toda a seção referente a Chávez e propõe uma outra sobre as relações internacionais do MST, sem parcialidade.

No trecho a seguir, a autora preocupa-se com a coerência do texto que, segundo ela, ainda parecia “recortado”.

#### Texto Recortado

**8** Acredito que o artigo ainda pareça "recortado" e que a importância dada a Hugo Chávez é extrema. O pior de tudo isso é que vejo pessoas se esforçando em apresentar informações imparciais, e extremistas tentando defender sua opinião. Hoje, 14/11/2006, há um protesto na página (de algum extremista) dizendo que os membros do MST são bandidos. A questão da reforma agrária é controversa, o artigo deve mostrar os fatos, sei que a imparcialidade é uma utopia, no entanto, é possível mostrar os dois pontos de vista, e convenhamos, nunca será possível agradar a todos. Faço um pedido: aumentem a explanação sobre as bases teóricas do movimento, a exposição das idéias "esquedistas" e "de direita" (sem extremos, do tipo "morte aos sem-terra" ou do tipo "sem-terra pra presidente"). É importante que as pessoas entendam o que o MST deseja, porque existe, e quais são seus acertos e erros. Como todo texto científico, deve simplesmente se ater aos fatos. Vejo uma discussão abrangente sobre a canção "A internacional", a partir do momento que há uma fonte confiável da informação não há mais o que se discutir. Wikis, sejamos disseminadores do conhecimento e não de idéias controversas. O artigo precisa de uma revisão para que se torne algo único, e não opiniões controversas. E mais uma coisa: não proteste em meio ao texto, é como forçar uma pessoa a aceitar a sua opinião. -- Letícia [\[3\]](#) 14/11/2006 22:16

A wikipedista também se posiciona com relação à questão da importância da imparcialidade do texto mesmo admitindo que “imparcialidade é utopia” (e Bakhtin já demonstra isso em sua teoria sobre o dialogismo) apresentando a informação de que alguns wikipedistas extremistas haviam colocado protestos em suas páginas afirmando que os membros do MST são bandidos, o que mais uma vez denota a questão da formação ideológica e discursiva dos wikipedistas. A enunciativa do comentário **8** também parece ter consciência sobre a importância de textos enciclopédicos coesos, coerentes e imparciais ao afirmar “Wikis, sejamos disseminadores do conhecimento e não de idéias controversas. O artigo

precisa de uma revisão para que se torne algo único, e não opiniões controversas”, o que demonstra, de certo modo, características de sua formação discursiva também.

Então, em toda “discussão” foram oito comentários dedicados à questão da inserção de Hugo Chávez e seu relacionamento com os integrantes do MST. Oito comentários de opiniões diversas, provenientes de formações discursivas diferentes. Em alguns trechos selecionados, é notória a preocupação dos wikipedistas de não expor artigos fragmentados na enciclopédia e muito menos repletos de opiniões controversas. Essa fato comprova, pois, que os textos da *Wikipédia* podem ser **marcados** de heterogeneidade discursiva, ainda que visível apenas no campo “discussão” onde aparecem as opiniões, as posições axiológicas e marcas da formação discursiva dos wikipedistas.

O artigo principal, numa leitura corrente, ainda apresenta imperfeições. Parece fragmentado e apresenta alguns problemas relacionados à sintaxe e à ortografia. Mas atualmente não demonstra opiniões controversas, o texto está menos parcial. Os fatos são apenas apresentados.

Em alguns pontos da “discussão”, alguns wikipedistas reconhecem a presença de um outro na interlocução. Reconhecem tanto a opinião de um outro wikipedista quanto a existência de leitores de enciclopédia, admitindo que a polêmica de um texto depende da formação discursiva de cada editor e/ou leitor da *Wikipédia*.

Ou seja, em sentido amplo, as condições de produção de um texto dependem, e muito, das vozes já internalizadas pelos outros editores e pelos leitores que também produzem seus textos, quando percorrem os artigos da enciclopédia. Disso decorre também a questão da heterogeneidade discursiva do texto.

### 4.3 A heterogeneidade constitutiva nos textos da *Wikipédia*

Como foi observado, em sentido amplo, as condições de produção estão associadas à formação discursiva dos editores e leitores da enciclopédia; afinal, as opiniões dos sujeitos, o discurso que produzem são provenientes do contexto e dos discursos que os formaram ao longo de suas vidas. Assim, o grau de parcialidade ou imparcialidade de um texto, por exemplo, questionado por um ou por outro wikipedista, depende da amplitude da visão que o sujeito possui sobre o assunto.

No que se refere à heterogeneidade constitutiva, como foi visto no capítulo 1 deste trabalho, Authier-Revuz (2004, p. 68) considera que o dialogismo bakhtiniano faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso, ou seja, a internalização de palavras já ditas possibilita uma relação dialógica no discurso. Assim, um determinado discurso contém falares sociais já ditos e internalizados pelo sujeito falante ao longo de sua existência. Por isso, pode-se afirmar que “as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros” ou que “nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26-27). Assim sendo, inevitavelmente, todo e qualquer texto da *Wikipédia* ou outro suporte de gênero discursivo é constitutivamente heterogêneo.

A seguir, serão apresentados alguns trechos do artigo e da discussão do texto que vem sendo analisado na tentativa de buscar, no exterior do artigo, elementos que comprovem a sua constituição heterogênea. A princípio, pode parecer que, sendo apontada no campo discussão, a heterogeneidade é então mostrada e não constitutiva. Mas a verdade é que as discussões são exteriores ao texto e, como foi observado, nelas estão presentes indícios da formação discursiva dos wikipedistas, resultantes de um contexto também exterior à *Wikipédia*.

No artigo em questão, há um comentário sobre a organização e a estrutura do MST que informa, entre outros aspectos, de onde provém o apoio financeiro do movimento:

O movimento recebe apoio de organizações não governamentais e religiosas, do país e do exterior, interessadas em estimular a reforma agrária e a distribuição de renda em países em desenvolvimento. Sua principal fonte de financiamento é a própria base de camponeses já assentados, que contribuem para a continuidade do movimento.

(Artigo Principal)

Este, no entanto é um trecho atual, que substituiu um anterior que continha a expressão “financiamentos do exterior”. Em desacordo com o trecho exposto, um wikipedista questiona a parcialidade da expressão entre aspas:

A menção a financiamentos do exterior não será parcial? O artigo não identifica esse "exterior" e parece-me mais propaganda contra o MST. [Manuel Anastácio](#) 21:32, 27 Jan 2005 (UTC)

(Trecho do campo “Discussão” da Enciclopédia)

Em primeiro lugar, o fato de Manuel Anastácio empregar a palavra “parcial” em seu discurso pode denotar sua posição ideológica frente a um assunto bastante polêmico – as questões políticas e econômicas pelas quais sobrevive o MST. Nesse sentido, há nessa palavra a presença do outro, conforme afirma Authier-Revuz (*apud* ORLANDI, 2004) O wikipedista pensa que o texto pode ser tendencioso e, ao fazê-lo, imagina que outros leitores podem também considerar o mesmo sobre o artigo principal, o que é inaceitável em se tratando de uma enciclopédia.

Na sequência, a frase “*O artigo não identifica esse ‘exterior’ e parece-me mais propaganda contra o MST*” posiciona o autor como favorável ao movimento. Assim é que a primeira e a segunda parte de seu discurso se complementam. A parcialidade do texto a que

ele se refere diz respeito a sua preocupação de não se fazer propaganda contrária ao grupo dos “sem terra”.

Isso demonstra que a palavra parcialidade, analisada sob a ótica da Análise do Discurso no contexto social, político e econômico em que aparece, depende em grande parte da formação discursiva associada ao interdiscurso do sujeito falante, como afirma Orlandi (2004). Desse modo, a própria pergunta do autor (que na verdade antecede as edições dos textos) constitui-se heterogeneamente.

Outros exemplos podem ser averiguados na sequência da discussão, tais como a questão do dialogismo bakhtiniano, em que vozes se misturam num diálogo interno do sujeito e deste com outros sujeitos, além da heterogeneidade constitutiva, apregoada por Authier-Revuz, que toma como base os estudos de linguagem sob a ótica de Bakhtin e sob a ótica da psicanálise:

**Dastan:** Havia feito uma edição mais imparcial do texto, tentando tirar estas imparcialidades, já que na minha opinião este artigo está parecendo propaganda contra o mst. O [Campani](#) disse que apagou porque coloquei minhas opiniões e isso não estava certo. Como agir nestes casos? --[Dastan](#) 16:24, 2 Feb 2005 (UTC)

**E2m:** A primeira coisa a fazer é adaptar o artigo ao livro de estilo. Coloque os assuntos por seções, tais como: história, organização, atividades, etc. Assim fica mais fácil de contribuir e de discutir o artigo. --[E2m](#) 16:47, 2 Feb 2005 (UTC)

Campani: Minha edição tentou consertar a questão da parcialidade que foi introduzida pelo Dastan. Só que eu acabei também corrigindo inconsistências que ele introduziu. Por exemplo, um parágrafo iniciava falando que o MST prioriza o trabalho coletivo nos assentamentos. Foi introduzido ao final uma frase que dizia algo como "eles fazem o que querem no assentamento". Que bom que o Manuel, sendo português, e assim estando em uma posição mais imparcial, percebeu que enfatizar que o "financiamento do MST vem de fora" feria a parcialidade. Não precisei eu dizer. [Campani](#) 21:14, 2 Feb 2005 (UTC)

**Editor não identificado:** Dêem uma olhada nas alterações e vejam se está ou não imparcial. Por favor, *ajudem! abraços!*

(Trecho do campo “Discussão” da Enciclopédia)

Neste trecho, Dastan inicia seu comentário e emprega agora a palavra “*imparcial*”, que na verdade deriva da primeira, empregada por Anastácio. É importante ressaltar que os dizeres de Dastan foram realizados com base num já dito – a questão da parcialidade do texto.

Neste caso, no início da frase, a palavra *imparcial* tem o significado de “isenção”. Prova disso é o fato de o próprio Dastan admitir que o artigo parece propaganda contra o MST. A intenção do autor, que parece concordar com o primeiro wikipedista, era justamente tornar o texto isento de “posições ideológicas”. No entanto, mais à frente, Dastan afirma que, numa edição mais imparcial, ele estava “*tentando tirar essas imparcialidades*”. Há aqui uma contradição, da ordem do inconsciente, segundo Authier-Revuz (2004). A intenção do autor é, na verdade, tirar do texto os trechos mais parciais, aqueles que marcam posições ideológicas, as quais não são cabíveis em textos enciclopédicos.

Pensando também que o texto principal foi editado por Dastan, há no texto o que a Análise do Discurso denomina “silenciamento”. O autor silencia a heterogeneidade de seu discurso e por isso desconsidera a presença do outro (ou de outros). Na expressão “*está parecendo*” (propaganda contra o MST), há um estranhamento por parte do wikipedista sobre a questão da parcialidade do texto. Esse estranhamento é fruto de um vivenciar histórico presente e escondido no interdiscurso, no qual outros dizeres dão bases a suas afirmações. Este silenciamento termina quando a admissão da existência de outras vozes e a preocupação com a questão da credibilidade da enciclopédia para os que a acessam despertam o wikipedista para o fato de que existem outras possibilidades de efeitos de sentido, dependendo da formação discursiva de outros sujeitos – aqueles que já se fizeram presentes em sua história e aqueles outros que ainda se farão presentes durante a leitura do texto na enciclopédia.

O que ocorre, então, é que, na relação entre interdiscurso (que é a memória discursiva do sujeito) e o intradiscurso (a formulação), o discurso de Dastan se materializa no texto com deslizes que podem produzir efeitos de sentidos diversos e bem distantes da intenção inicial, efeitos de sentido que, no texto, podem estar “representados na articulação das diferentes formações discursivas que recortam o texto de forma desigual” (ORLANDI, 2005 b, p. 115).

Se cada wikipedista utiliza uma palavra diferente para atribuir significados semelhantes, o texto estará ainda mais aberto a equívocos, ambigüidades e debates que permitem outras possibilidades de se fazer sentido. O sentido de **parcialidade e imparcialidade** se torna, neste trecho, bastante confuso.

Também no comentário de Campani, mais abaixo no trecho selecionado, a palavra “parcialidade” foi empregada contrariando a afirmação anterior. O trecho é o seguinte: “*Que bom que o Manuel, sendo português, e assim estando em uma posição mais imparcial, percebeu que enfatizar que o ‘financiamento do MST vem de fora’ feria a **parcialidade**.*” A intenção aqui é, na verdade, dar o sentido de isenção e, portanto, a palavra correta neste caso seria **imparcialidade**.

Mais à frente, ainda no campo “discussão”, um outro wikipedista lança um outro olhar para a questão da parcialidade do texto, buscando justificar o motivo pelo qual um texto é parcial ou imparcial:

**Orlando Camy:** *Creio não ser tardia minha colaboração, portanto, vai lá. Ser imparcial em assuntos polêmicos como este é difícil, porém, quando buscamos informações de diversas fontes, inclusive com depoimentos colhidos pessoalmente, podemos obter o sentido dado a cada ação e, desta forma, expor os fatos sem especulações. Ai vão algumas observações. Nenhum movimento social surge para atuar contra as Leis federais, mas contra a ordem política, social e econômica, que determina maior ou menor favorecimento de algumas classes sociais. A forma de atuação é determinada pela direção geral de cada entidade, o que pode ser com maior impacto moral, como as invasões e depredações ou protesto pacífico como ocupações, passeatas e encontros. Especificamente citando o MST, está explícita sua ligação política visando a mudança não apenas das leis como do regime político e, desta forma, fica claro que a luta pela reforma agrária é apenas mais uma bandeira/pretexto. Trata-se de discutir uma reivindicação legítima de todo cidadão e, ao mesmo tempo, trabalhar para chegar ao poder e mudar o sistema vigente a favor dos ideais revolucionários. Como a atuação deste movimento social tem sido forte na área da educação e do meio ambiente, tem provocado reações controversas entre o público leigo, há os que concordam com as reivindicações mas contestam suas ações, consideradas extremistas.* [Usuário:Orlando Camy](#)

Ao final deste parágrafo, o wikipedista Orlando Camy afirma o seguinte: “Como a atuação deste movimento social tem sido forte na área da educação e do meio ambiente, tem provocado reações controversas entre o público leigo, há os que concordam com as

reivindicações mas contestam suas ações, consideradas extremistas.” Ora, em Análise do Discurso, pode-se perceber, nessas palavras, o reconhecimento da presença do outro na interlocução. O wikipedista admite que o texto será polêmico dependendo da formação discursiva de cada leitor da enciclopédia.

As discussões sobre o artigo apresentam opiniões diferentes provenientes de formações discursivas diferentes. Num diálogo como este, os sujeitos debatem os assuntos argumentando em favor de suas opiniões. Mas de acordo como a AD, não existe um dizer que já não tenha sido dito. Qualquer discurso é construído mediante aceitação de discursos alheios que fizeram parte da vida de alguém. Por isso, qualquer texto baseado nesse tipo de reedição é constitutivamente heterogêneo.

Tais considerações podem ser observadas no primeiro trecho selecionado para a análise. O texto não menciona mais diretamente a expressão “financiamento do exterior”, como reclamava o wikipedista. Embora não seja possível recorrer ao texto inicial, que gerou as dúvidas sobre a parcialidade do assunto, o trecho parece ter sido modificado, atendendo às solicitações dos wikipedistas. A palavra “financiamento” foi substituída por “apoio”, o que permitiu uma explicação aparentemente menos parcial sobre o tema, como é possível observar no trecho novamente selecionado:

O movimento recebe apoio de organizações não governamentais e religiosas, do país e do exterior, interessadas em estimular a reforma agrária e a distribuição de renda em países em desenvolvimento. Sua principal fonte de financiamento é a própria base de camponeses já assentados, que contribuem para a continuidade do movimento.

(Artigo Principal)

Aparentemente, não há marcas de heterogeneidade. O texto parece homogêneo. Não há, como diria Authier-Revuz, uma heterogeneidade marcada. Assim como está exposto na enciclopédia, o texto provoca um efeito de originalidade, até porque não há menção à outra fonte que tenha servido de base ao editor, pelo menos não explicitamente, no artigo principal.

E, de uma forma ou de outra, o texto foi alterado com base nas considerações de outros. O texto é, pois, heterogêneo por comportar, constitutivamente, outros discursos em seu interior. Além disso, a análise mostrou que a heterogeneidade é constitutiva dos próprios wikipedistas que, por vezes, silenciam outras vozes ou, ao perceberem a existência de outros dizeres (presentes em sua memória discursiva), afetam o intradiscurso, a formulação imediata do discurso e seus efeitos de sentidos.

#### **4.4. A heterogeneidade mostrada na *Wikipédia***

No que se refere à heterogeneidade mostrada, em que no fio do discurso e numa ruptura sintática é possível enxergar o outro, os textos desta enciclopédia são ricos para análise, a começar pelos *links* criados no meio do texto que, mesmo sem ruptura sintática, provocam a interrupção da leitura e conduzem o leitor a outros discursos, em certos casos até desconexos do tema principal.

É bastante relevante olhar o todo do texto *online* no monitor de vídeo do computador:

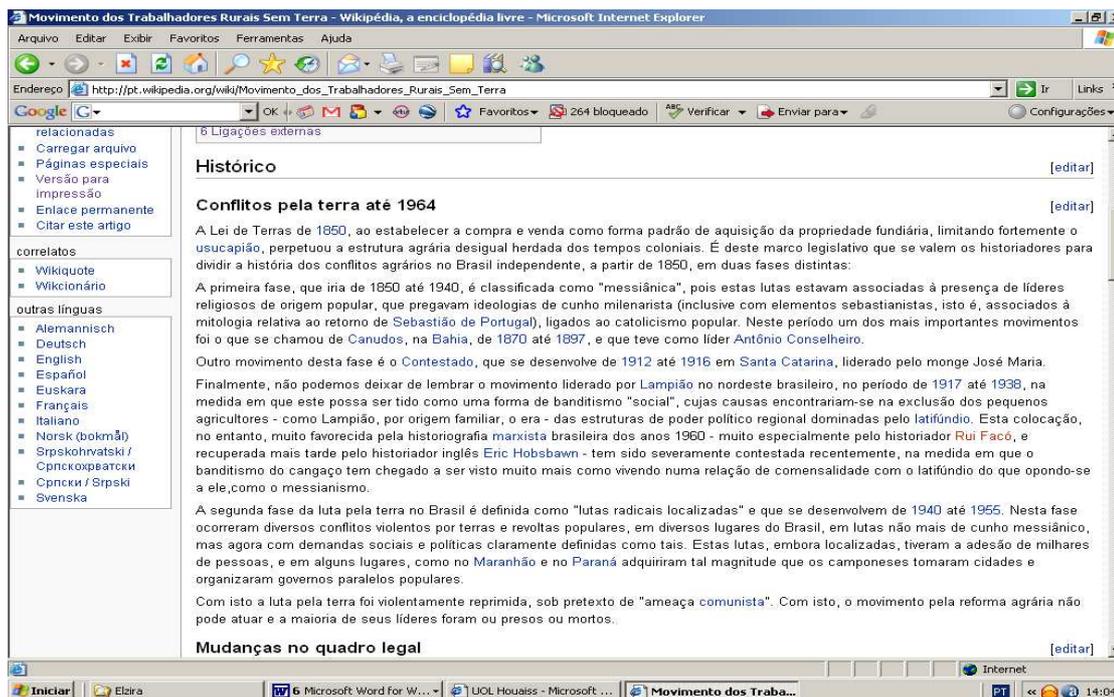


Fig. 14 Página da Wikipédia

Não é necessária uma leitura detalhada do texto para se perceber os *links* oferecidos pelo trecho pinçado da enciclopédia. São vinte e duas referências externas no fio do discurso. Vinte e duas marcas de heterogeneidade mostrada e nitidamente marcada com a cor azul. É importante salientar que os *links* também são de responsabilidade dos wikipedistas que elaboram os textos os quais, para serem realmente enciclopédicos, deveriam conduzir o leitor a outros discursos que complementassem o assunto pesquisado. O que nem sempre é realizado. Alguns *links* remetem o autor a assuntos tão estranhos ao principal que pode provocar a dispersão da leitura, a dispersão do foco da leitura. Por exemplo, ao “clique” sobre o primeiro *link* (“1850”) oferecido pelo trecho destacado na figura anterior, o leitor é remetido à seguinte página:

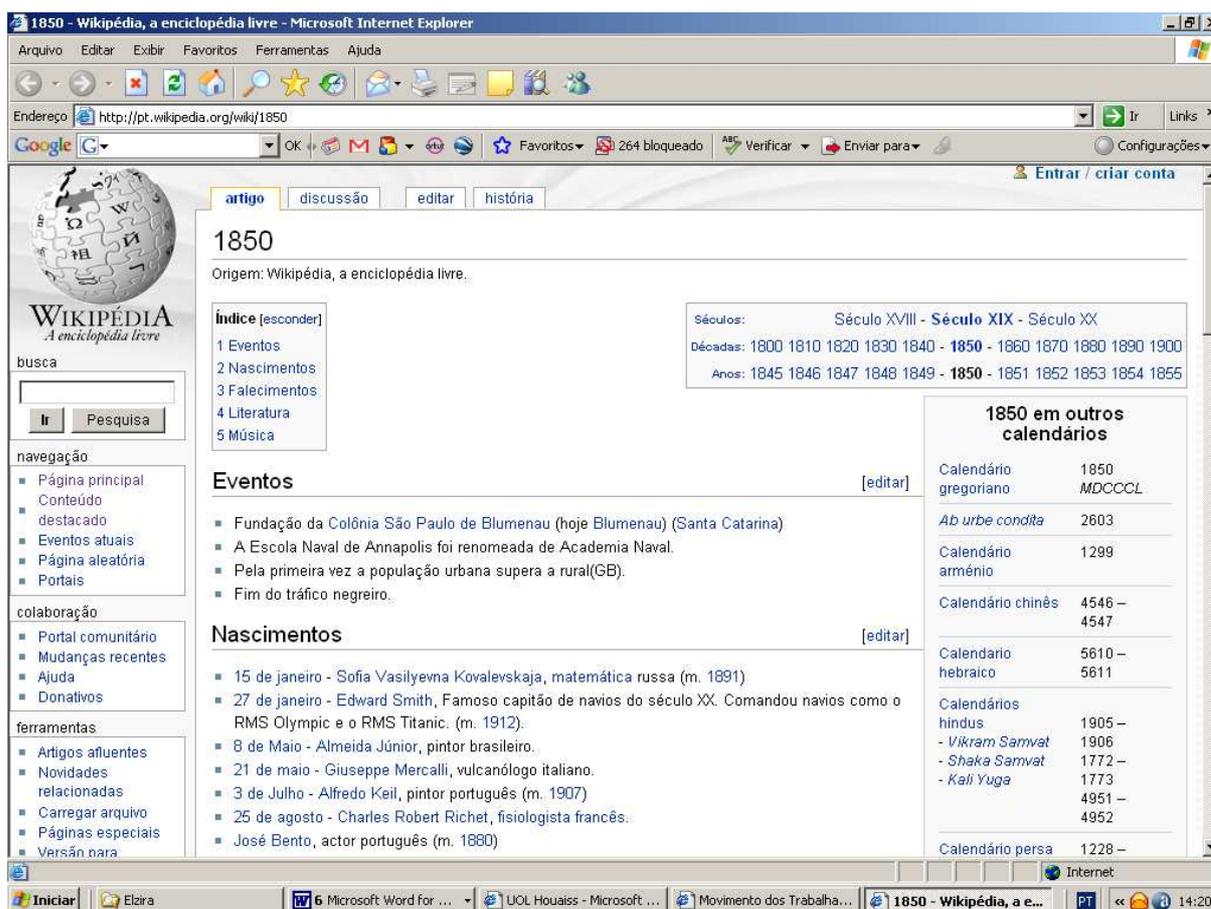


Fig. 15 Exemplo de página proveniente de um link

Uma página que contém informações sobre os principais acontecimentos da época, mas que não são determinantes para a compreensão e para a produção de sentidos do texto primeiro. Esta página contém, por sua vez, outros links. Está repleta deles. Há mais marcas azuis no texto do que o texto propriamente dito, o que pode atrair o leitor para outros lugares, distanciando-o ainda mais do texto de onde provavelmente partiu sua leitura.

Como foi explicitado no capítulo 1, retomando Authier-Revuz (2004, p. 11) “no fio do discurso que, real e materialmente um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro”, o qual pode ser localizado por meio de diferentes marcas linguísticas em textos que materializam determinado discurso, como será exposto mais adiante. No entanto, no caso de

textos com recursos multi-midiáticos e provenientes da internet, ou ainda, especificamente no caso dos textos da *Wikipédia*, a heterogeneidade se “mostra” de forma constante e infindável, o que esta pesquisa denomina **heterogeneidade recorrente** que, na verdade, tem a ver com a noção de “acessibilidade ilimitada da internet” (MELLO, 2005, p. 141). Os discursos são mostrados (e marcados) nitidamente em diferentes locais da página da enciclopédia, seja em campos separados e isentos do texto ou em sua linearidade sintática, caso que pode comprometer a leitura e a compreensão do texto quando este se liga a outro não necessariamente a ele relacionado.

Assim, qualquer discurso literalmente descoberto (qualquer *link* acessado na página) permite que o leitor encontre um outro texto cujas marcas de heterogeneidade se mantêm ou se multiplicam. A cada página que se abre de um texto (cada discurso descoberto em um *link*) fica evidente o caráter **recorrente** da heterogeneidade mostrada.

Desse modo, não se pode determinar com exatidão nem o início nem o fim de determinado texto, ficando a cargo do leitor a decisão pelos rumos e pela organização de sua leitura e a construção de seu próprio texto, de acordo com os outros discursos que constituem a sua identidade. Sob este ponto de vista, Marcuschi (1999 *apud* MELLO, 2005, p. 141) chama de “stress cognitivo” a sobrecarga de informações exigida do leitor de hipertexto, “pois ao delegar a ele a decisão da integração de conhecimento, o hipertexto faz exigências cognitivas muito fortes e difíceis” (MELLO, 2005, p. 141).

De volta ao artigo de análise, é possível detectar a presença do outro na tessitura do texto de formas mais ou menos visíveis. A seguir serão apresentadas algumas observações sobre as marcas de heterogeneidade mostrada no discurso.

Facilmente detectáveis são as formas *dicendi* dos verbos que apresentam o outro na cadeia discursiva, como o que ocorre nos trechos seguintes:

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um [movimento social brasileiro](#) de inspiração [marxista](#) cujo objetivo é a implantação da [reforma agrária](#) no Brasil. Outros afirmam que também desejam realizar uma revolução socialista. Teve origem na aglutinação de movimentos que faziam oposição ou estavam desgostosos com o modelo de reforma agrária imposto pelo [regime militar](#), principalmente nos na [década de 1970](#), o qual priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica. **Contrariamente a este modelo, o MST declara buscar a redistribuição das terras improdutivas.**

Apesar dos movimentos organizados de massa pela reforma agrária no Brasil remontarem apenas às [ligas camponesas](#), associações de agricultores que existiam durante as décadas de [1950](#) e [1960](#), **o MST proclama-se como herdeiro ideológico de todos os movimentos de base social camponesa** ocorridos desde que os portugueses entraram no Brasil, quando a terra foi dividida em [sesmarias](#) por favor real, de acordo com o direito feudal [português](#), fato este que excluiu em princípio grande parte da população do acesso direto à terra.

Então:

1. [...]o MST **declara** buscar a redistribuição das terras improdutivas.
2. [...] o MST **proclama-se** como herdeiro ideológico de todos os movimentos de base social camponesa [...]



*Links* oferecidos pelo texto – forma marcada de heterogeneidade



Frases destacadas do texto para fins de análise

Os verbos *declara* e *proclama-se* marcam no texto o dizer do MST. O autor faz uma paráfrase do texto original (texto do MST), de onde retira as informações que deseja ressaltar. Neste caso, ao empregar o discurso direto, o autor se isenta da responsabilidade da informação. O fato de o MST “buscar a redistribuição das terras improdutivas” ou ser “herdeiro ideológico de todos os movimentos de base social camponesa” é afirmado pelo próprio MST, é desse movimento a total responsabilidade pela informação.

A heterogeneidade aqui está marcada pelos verbos *dicendi* “declara” e “proclama-se”, mas o trecho “**contrariamente a este modelo**”, que antecede o texto destacado e, portanto, precede a informação de que o MST busca a redistribuição das terras improdutivas, é uma forma constitutiva de heterogeneidade na medida em que estão imbricados o interdiscurso e o intradiscurso (memória discursiva e formulação) do autor. Este parece ser contrário ao modelo de reforma agrária imposto pelo “regime militar” (que ele também “marca” em seu discurso com a possível intenção de apresentar os efeitos negativos desse regime político) e por isso emprega a palavra “contrariamente”, mas para não se comprometer prefere explicar os objetivos do MST com relação à distribuição de terras usando um “já dito” localizado em um outro lugar da história.

Assim, o efeito de sentido provocado por esse jogo de palavras no texto, pela textualização, parece favorecer o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. São, como afirma Orlandi (2005 b, p. 115), “efeitos de sentido representados na articulação das diferentes formações discursivas que recortam o texto de forma desigual” e o constituem heterogeneamente.

Outros exemplos são as formas marcadas de conotação autonímica em que o autor não precisa interromper o seu discurso para introduzir a voz do outro. Ele marca o dizer alheio com aspas, itálico, glosas e outros, como foi apresentado no capítulo 1 desta dissertação quando foram tomadas as considerações de Authier-Revuz (2004) sobre as marcas de heterogeneidade mostrada. No texto em questão, pode-se perceber essas formas (autonímicas) nos seguintes exemplos:

A primeira fase, que iria de 1850 até 1940, é classificada como "messiânica", pois estas lutas estavam associadas à presença de líderes religiosos de origem popular [...],

A segunda fase da luta pela terra no Brasil é definida como "lutas radicais localizadas" e que se desenvolvem de [1940](#) até [1955](#).

Com isto a luta pela terra foi violentamente reprimida, sob pretexto de "ameaça [comunista](#)".

Nestes exemplos, as palavras entre aspas – “messiânica”, “lutas radicais localizadas” e “ameaça comunista” – marcam as vozes às quais o autor recorre para fortalecer e encorpar o texto. Trata-se de dizeres já ditos, de denominações já confirmadas pela história. Sendo assim, ao mesmo tempo em que busca encorpar o seu discurso, neste caso, o autor também se afasta dele, referindo-se a um outro e, como no caso anterior, ausentando-se de responsabilidade. Ele se esconde nas palavras de um outro, afinal, são termos que se referem à luta do MST pela conquista de seus objetivos de modo muito forte. A palavra “messiânica”, por exemplo, segundo o dicionário *Houaiss* da biblioteca do UOL, diz respeito a um messias ou a movimento ideológico que prega a missão de que estaria investido a um homem (ou grupo de homens) na salvação da humanidade. Associar a palavra messiânica ao movimento dos Sem Terra pela redistribuição de terras, sem qualquer respaldo histórico seria bastante perigoso ao autor do texto na medida em que suas posições valorativas ficariam expostas e dariam ao texto uma tonalidade política bastante parcial.

O mesmo ocorre com os outros dois termos em destaque no exemplo citado. As expressões “lutas radicais localizadas” e “ameaça comunista” também são termos fortemente políticos que não poderiam estar associados à posição axiológica do autor de uma enciclopédia. O emprego das aspas, assim, protege o locutor de seu próprio dizer.

No último exemplo, além da expressão “ameaça comunista” estar entre aspas, a palavra “comunista” foi transformada em um *link* que, ao marcar a voz do outro, remete o

leitor ao discurso do outro. Ao acessar o *link* destacado, o leitor é enviado a um discurso explicativo sobre o termo “comunismo” – sua história e suas bases políticas, por exemplo – que reforçam o motivo pelo qual a luta pela terra, pela distribuição de terras tão defendida pelo MST foi reprimida violentamente.

É possível encontrar também exemplos de adequação da palavra do outro à coisa e à situação – uma das formas marcadas de heterogeneidade mostrada defendida por Authier-Revuz (2004). No exemplo a seguir, a marca lingüística aparece como meio de confirmação:

Finalmente, não podemos deixar de lembrar o movimento liderado por [Lampião](#) no nordeste brasileiro, no período de [1917](#) até [1938](#), na medida em que este possa ser tido como uma forma de banditismo "social", cujas causas encontrariam-se na exclusão dos pequenos agricultores - [como Lampião, por origem familiar, o era](#) - das estruturas de poder político regional dominadas pelo [latifúndio](#).

A explicação salta do texto pelo emprego dos travessões, neste caso explicativos, e a frase confirma a natureza de Lampião, homem de origem humilde, de família de pequenos agricultores, que se vincula ao “banditismo” depois de tomar conhecimento da morte do pai, o qual lutava em defesa da posse de sua pequena propriedade.

Contrariamente ao exemplo anterior, neste caso o autor emprega a explicação entre travessões para confirmar a frase que a precede – “cujas causas [do banditismo social] encontrariam-se na exclusão dos pequenos agricultores” –, sem, no entanto, atribuir responsabilidade a um outro. Trata-se de uma marca de heterogeneidade que, na verdade, silencia o Outro real enunciador (presente no interdiscurso do locutor) para um falar ilusoriamente original e explicativo, que parece deixar o locutor desprotegido de suas próprias palavras, como sugere Authier-Revuz (1990) em seus comentários a respeito das formas mais implícitas de heterogeneidade mostrada.

Por outro lado, a continuação do texto parece fornecer elementos que protegem e reforçam as palavras do autor. Trata-se do exemplo a seguir:

Finalmente, não podemos deixar de lembrar o movimento liderado por [Lampião](#) no nordeste brasileiro, no período de [1917](#) até [1938](#), na medida em que este possa ser tido como uma forma de banditismo "social", cujas causas encontrariam-se na exclusão dos pequenos agricultores - como Lampião, por origem familiar, o era - das estruturas de poder político regional dominadas pelo [latifúndio](#). Esta colocação, no entanto, muito favorecida pela historiografia [marxista](#) brasileira dos anos 1960 - muito especialmente pelo historiador [Rui Facó](#), e recuperada mais tarde pelo historiador inglês [Eric Hobsbawn](#) - tem sido severamente contestada recentemente, na medida em que o banditismo do cangaço tem chegado a ser visto muito mais como vivendo numa relação de comensalidade com o latifúndio do que opondo-se a ele, como o messianismo.

O trecho destacado para análise possui vários elementos que merecem destaque. Num primeiro momento, podem ser percebidas marcas de heterogeneidade mostrada quando o autor afirma que a colocação “banditismo social” foi **favorecida** pela historiografia *marxista* (que está transformada em *link*), pelo historiador Rui Facó (também transformado em *link*) e **recuperada** pelo historiador inglês Eric Hobsbawn (também transformado em *link*). Dessa forma ele mostra que a expressão a que se refere não é dele, pertence a outros, que por sua vez tiveram origem em dizeres de outros, como a própria frase demonstra por meio das citações dos nomes “Rui Facó e Eric Hobsbawn.”, além do emprego dos verbos “favorecida” e “recuperada”.

Num segundo momento, na primeira parte do parágrafo destacada e analisada no exemplo anterior, é possível detectar o silenciamento de vozes atravessadas pelo interdiscurso do autor quando este associa o movimento liderado por Lampião – o “banditismo social” – no nordeste brasileiro a uma das fases da história do MST. Na verdade, na formação discursiva do autor muitas outras vozes contribuíram para a elaboração desse discurso, mas silenciadas, tornam-se dizeres aparentemente (ou ilusoriamente) do autor do texto.

Já na segunda parte do parágrafo, que tem início em “Esta colocação, no entanto, muito favorecida pela historiografia marxista”, o autor dá início a uma série de apelos a outras vozes que, de certo modo, respaldam a sua fala. Ou seja, ao mesmo tempo que ele apaga outras vozes e assume a responsabilidade dos seus dizeres, também sente a necessidade de apóia-las em “já ditos” que podem ampará-lo. Isso se comprova quando o autor inicia este segundo trecho do parágrafo empregando a expressão “no entanto”, a qual sugere uma explicação contrária àquela já afirmada.

Todavia, no caso em questão, o autor não complementa seus primeiros comentários com informações contrárias, mas com marcas de denotam a veracidade de sua fala. Por exemplo, na continuidade do texto, o autor busca na palavra “marxista” (transformada em *link*) um reforço à idéia explicitada na primeira parte do parágrafo, cujos dizeres utopicamente a ele pertencem.

A seguir, o autor afirma que toda colocação feita a respeito do “banditismo social” “tem sido severamente contestada pois o banditismo do cangaço tem chegado a ser visto muito mais numa relação de comensalidade com o latifúndio do que opondo-se a ele, como o messianismo”. Ao empregar as locuções verbais “tem sido contestada” e “tem chegado a ser visto” o autor recorre a determinadas vozes contrárias ao que por ele foi exposto, mas não as explicita, o que reforça a credibilidade dos seus dizeres no início do trecho.

Sob este ponto de vista, por não estarem especificadas neste período sintático, as marcas de heterogeneidade, na verdade, causam um efeito de sentido de um conhecimento teórico e histórico (até mesmo pela marca da palavra “marxista”) que faz prevalecer as idéias do autor, as quais no início do parágrafo dão a impressão de originalidade.

Outro exemplo de heterogeneidade marcada no texto refere-se ao pertencer da palavra e das seqüências de palavras ao discurso em curso, conforme Authier-Revuz (2004), como se observa a seguir:

A [ditadura](#) militar, desejando enfrentar as tensões agrárias de forma controlada, emitiu, em [1965](#), um [Estatuto da Terra](#) que reconhecia, [de acordo com a Doutrina Social da Igreja Católica](#), a função social da propriedade privada e permitia a desapropriação para fins de assentamento agrário

A expressão “de acordo com a Doutrina Social da Igreja Católica” também confirma a presença de um outro discurso corrente e também por meio de *link* remete o leitor às palavras do discurso a que se refere.

Também neste trecho, quatro marcas explícitas de heterogeneidade são destacadas com a cor azul. Porém, podem chamar a atenção as palavras “ditadura” e “Doutrina Social da Igreja Católica”. Por meio desses discursos o autor evidencia duas posições ideológicas – as posições valorativas do Estado e da Igreja – que, historicamente distintas, neste trecho são aproximadas em prol do assentamento agrário. Assim, o destaque dessas duas expressões sugere ao leitor um efeito de sentido contraditório, dado o embate ideológico entre o discurso político e o discurso religioso.

Os exemplos citados expressam a Heterogeneidade Mostrada de forma marcada no discurso. Outros poderiam ser destacados do texto, mas no caso do artigo analisado, talvez em decorrência das discussões sobre os cuidados com a parcialidade do texto, não foram encontradas marcas muito diferente das que foram apresentadas. De uma forma ou de outra, os wikipedistas procuraram se proteger com o auxílio de aspas, *links*, citações indiretas e explicações que tornam explícitos os dizeres que embasam o texto.

O que fica claro é que, como se sabe, todo discurso é constitutivamente heterogêneo e que, na *Wikipédia*, os textos são marcados por uma heterogeneidade que é revelada ao leitor sem a necessidade de uma análise detalhada. A heterogeneidade se mostra na escrita cooperativa, a qual não possui autoria determinada e cujos participantes vigiam as edições dos artigos objetivando sua imparcialidade e a fidedignidade das informações. Daí também a existência de uma heterogeneidade mostrada **marcadamente recorrente**, pois os próprios

*links* repercutem as vozes dos editores desta enciclopédia. Por outro lado, no caso de uma análise mais detalhada sobre as questões da heterogeneidade, percebe-se o emprego de marcas linguísticas que apontam para a formação discursiva e ideológica de autores que se enquadram em determinadas condições de produção.

## Considerações Finais

A construção do conhecimento, antes rigorosamente sistematizada e mediada por professores em salas de aula, atualmente tem se caracterizado por uma diversidade de ações, verbais e não verbais, organizadas em formatos também diversificados. Na verdade, a linguagem humana, um instrumento de comunicação social em constante evolução, reflete sobremaneira as esferas sociais nas quais tem origem e por isso as formas de construção do conhecimento tem sido cada vez mais variadas.

Associada ao desenvolvimento tecnológico da sociedade e materializada em gêneros do discurso, a linguagem humana evolui e adquire características cada vez mais complexas. O avanço da tecnologia abre caminhos para novas formas de comunicação e a construção do conhecimento se multiplica em contextos bastante diferentes daqueles tradicionalmente organizados.

Com o advento da internet, a facilidade de acesso à informação transforma completamente o processo de ensino e aprendizagem, tornando de tal forma democrática a aquisição do conhecimento a ponto de se questionar o papel do professor no ensino de leitura e produção de textos. Qualquer indivíduo, professor ou aluno, tem diante de si instrumentos lúdicos, ricos em sons, imagens e em possibilidades de criação, de comunicação, de leitura e de escrita. Bastante atraente, a internet tem, por vezes, substituído as fontes tradicionais de pesquisa dos alunos, os quais se deparam com gêneros discursivos também diferentes daqueles aos quais costumavam ter acesso em forma impressa.

Por este motivo, esta dissertação procurou meios para esclarecer alguns aspectos relacionados aos gêneros discursivos digitais e virtuais, principalmente no que se refere à organização dos textos que na internet adquirem características bastante peculiares. Dentre os gêneros que circulam pelo ambiente virtual, a enciclopédia foi o gênero selecionado para o

estudo por subsidiar a aquisição do conhecimento de diferentes leitores, e como objeto de análise, foi escolhida a *Wikipédia*, uma enciclopédia virtual, *online*, cujos textos são redigidos cooperativamente, independente da formação acadêmica de seus participantes. Trata-se de uma enciclopédia bastante acessada por estudantes de diferentes níveis de ensino.

Por se tratar de um gênero ainda não caracterizado sob a perspectiva lingüístico-discursiva, os objetivos que nortearam este trabalho estiveram relacionados à caracterização da enciclopédia – de sua origem, impressa, ao seu estado virtual na *Wikipédia* –, e à identificação dos efeitos de sentido que a escrita cooperativa pode gerar num artigo enciclopédico virtual.

Para a consecução desses objetivos, foram tomados como referências os estudos sobre gêneros discursivos defendidos por Bakhtin (1992) – para quem os discursos provenientes das múltiplas esferas da atividade humana materializam-se em gêneros que refletem as suas necessidades e particularidades – e os estudos de Lévy (1996) que abordam a questão do virtual, o qual afeta consideravelmente a matéria e modifica o formato tradicional das coisas.

Com base nessas teorias e, trilhando o caminho da descrição da “forma plástica” das enciclopédias ao longo do tempo, bem como a descrição das características e dos diferentes campos da *Wikipédia*, foi possível caracterizar a enciclopédia como um gênero discursivo e a *Wikipédia* como um mega-gênero virtual, cujo formato se distancia do tradicional e cuja amplitude (no que se refere à quantidade de gêneros que comporta) reflete os anseios de várias esferas sociais.

Para fins de análise das possibilidades de efeitos de sentido causados pela escrita cooperativa, característica exclusiva da *Wikipédia* enquanto enciclopédia, esta pesquisa explorou os gêneros “artigo” e “discussão” do *site* – gêneros distintos por natureza mas extremamente interdependentes neste espaço virtual – e tomou como alicerce teórico os elementos da Análise do Discurso relacionados à subjetividade, discurso, condições de

produção, formação discursiva e heterogeneidade. Neste sentido foram de grande importância as considerações realizadas por Orlandi (2005) e as idéias de Authier-Revuz (1990 e 2004).

Do gênero “artigo” da *Wikipédia*, a presente pesquisa tomou como exemplo textos de ordem social, política e econômica, cujos temas geram grande polêmica na sociedade. A análise do texto revelou que, livre de rigorosa intervenção acadêmica ou especialista, os artigos da *Wikipédia* apresentam marcas do posicionamento ideológico de seus editores, possível de ser observado no campo “discussão” da enciclopédia. Assim, as diferentes possibilidades de efeitos de sentido dos textos estão sempre atreladas ao que se discute entre os editores que mantêm a enciclopédia em funcionamento.

Ou seja, diferentemente das enciclopédias tradicionais, a *Wikipédia* fornece a qualquer leitor a posição em que se coloca(m) o(s) autor(es) perante um determinado assunto tratado na obra. O campo “discussão”, presente em qualquer artigo da enciclopédia, deixa transparente o pensamento dos editores do texto e isso, para um analista do discurso, significa encontrar o contexto mais imediato da construção do texto.

Quanto às discussões, a análise dos dados revelou a possibilidade de se identificarem as condições de produção e a formação discursiva dos wikipedistas, editores da enciclopédia, por meio do diálogo que eles mantêm no *site*. Em sentido amplo, as condições de produção que permeiam os textos da *Wikipédia* referem-se ao contexto social e político em que se inserem os editores e de onde o assunto é extraído. No que se refere à formação discursiva, ao expressarem suas opiniões a respeito do tema, os wikipedistas deixam claras as suas posições ideológicas, posições que foram apreendidas ou tomadas ao longo de suas vidas no diálogo com outros discursos.

Dessas análises, é possível concluir a presença inevitável de diferentes subjetividades em um único texto, qualquer que seja o assunto. Diferentes subjetividades podem significar diferentes formações discursivas e ideológicas em condições de produção (em sentido amplo)

também diferentes. No estudo em questão, tais subjetividades reúnem-se em prol de um objetivo comum – a construção de um texto — nas mesmas condições de produção (em sentido estrito), o que torna os textos bastante heterogêneos.

O fato para o qual o presente estudo deseja atentar é que refletir o universo com fidedignidade sempre foi o objetivo principal da enciclopédia e, mesmo no modelo virtual de escrita cooperativa que é a *Wikipédia*, este objetivo parece continuar sendo defendido por internautas conscientes da função dos textos enciclopédicos. Mas esta deve ser uma situação de permanente vigilância. Como qualquer outra enciclopédia, a *Wikipédia* se propõe a expor os conhecimentos, a refletir o mundo com fidedignidade. A diferença é o modo como as informações são produzidas e veiculadas pelo *site* na internet. Elas são livres: os textos não possuem autoria definida e seus conteúdos estão abertos a alterações e podem ser acessados por indivíduos de qualquer classe social independente de seu poder econômico.

Por oferecer essa liberdade aos leitores, estes precisam vigiar a produção dos textos que lhes são oferecidos, investigando o caráter científico que é comum aos textos enciclopédicos e, se possível, participando das discussões e contribuindo para a criação de textos com fontes fidedignas e imparciais. A credibilidade de um gênero virtual depende da disposição dos internautas em buscar os elementos que compõem os bastidores do que lhes é apresentado por meio de máquinas, com obstáculos aparentemente intransponíveis.

As reflexões acerca das possibilidades e limites da internet e, principalmente, dos limites dos hipertextos digitais em mega-gêneros discursivos como as enciclopédias virtuais e *online*, num ambiente extremamente rico em recursos midiáticos capazes de seduzir qualquer indivíduo leitor, são de extrema importância para outras reflexões sobre a postura do professor frente ao desenvolvimento tecnológico que invade as salas de aula. Conhecer os gêneros textuais e oferecer possibilidades aos alunos de também reconhecerem os gêneros e as esferas sociais em que são produzidos, de entenderem os diferentes enunciados como

entidades dialógicas, são um passo importantíssimo para se formar sujeitos leitores não apenas de gêneros discursivos, mas de todo discurso que emana de todo e qualquer enunciado.

Com as análises acerca da enciclopédia, o que fica é o sabor de se descobrir um mundo virtualizado, rico em possibilidades de interpretação, de direção e de problemas que desafiam a humanidade a caminhar com lembranças vivas do passado, num presente rico de informações, rumo a um futuro de liberdade e democracia científica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Q. de. O leitor navegador (II). In SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org). *A Leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p.89-106.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos lingüísticos*, 19. (1990) p. 25-42.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11 – 80.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENITES, S. A. L. O professor de português e seu discurso. In: LEFFA, W. (Org). *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2003. p. 6-26

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, P. *Uma história social do conhecimento: De Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHARADEAU, P. A construção da notícia: um mundo filtrado. In: CHARADEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. p.131-150.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do circulo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FIORIN, J. L. O dialogismo. In: FIORIN, J. L *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006. p. 18-59

KOCH, I. G. V. Texto e Hipertexto. In: KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 61-73.

LÉVY, P. *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. O universal sem totalidade. Disponível em <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/36.rtf>. Acesso em 1 de agosto de 2008, às 13h45.

MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos da comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZAKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MASCIA, M. A. A. *Investigações Discursivas na Pós-Modernidade: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de Língua Estrangeira*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2003.

MELLO, C. T. V. de. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 135-143.

ORLANDI, E. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005 a.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto – formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2005 b.

POMBO, O. (2001) *Enciclopédia e Hipertexto: ponto de partida*. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/ency.htm#hipótese> Acesso em 2 de fevereiro de 2008, às 10h21.

\_\_\_\_\_. (2002) *O projeto enciclopedista*. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/cap1p1/palavra.htm> Acesso em 2 de fevereiro de 2008, às 10h25.

PRIMO, A. F. T.; RECUERO, R.C. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da *Wikipédia*. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003 2003. Disponível em [http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto\\_cooperativo.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf). Acesso em 13 de agosto de 2008, às 11h44.

SALOMÃO, G. *Iluminismo (1) - Ascensão da burguesia e crise do Antigo Regime*. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/historia/iluminismo-1.jhtm>. Acesso em 27 de janeiro de 2009 a, às 9h32.

\_\_\_\_\_. *Iluminismo (2) - Os principais nomes do pensamento iluminista*. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/historia/iluminismo-2.jhtm> . Acesso em 27 de janeiro de 2009 b, às 9h38.

\_\_\_\_\_. *Iluminismo (3) - Laissez faire, laissez passer e o despotismo esclarecido*. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/historia/iluminismo-3.jhtm>. Acesso em 27 de janeiro de 2009 c, às 9h40.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Página\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Página_principal)

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 170-180.

## ANEXOS

### **ANEXO A - Versão para impressão do artigo “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” da Wikipédia.**

#### **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um [movimento social brasileiro](#) de inspiração [marxista](#) cujo objetivo é a implantação da [reforma agrária](#) no Brasil. Teve origem na aglutinação de movimentos que faziam oposição ou estavam desgostosos com o modelo de reforma agrária imposto pelo [regime militar](#), principalmente na [década de 1970](#), o qual priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica. Contrariamente a este modelo, o MST declara buscar a redistribuição das terras improdutivas.

Apesar dos movimentos organizados de massa pela reforma agrária no Brasil remontarem apenas às [ligas camponesas](#), associações de agricultores que existiam durante as décadas de [1950](#) e [1960](#), o MST proclama-se como herdeiro ideológico de todos os movimentos de base social camponesa ocorridos desde que os portugueses entraram no Brasil, quando a terra foi dividida em [sesmarias](#) por favor real, de acordo com o direito feudal [português](#), fato este que excluiu em princípio grande parte da população do acesso direto à terra.

## Índice

- 1\_Histórico
- 2\_Conflitos pela terra até 1964
- 3\_Mudanças no quadro legal
- 4\_Movimento pela reforma agrária contemporâneo
- 5\_Organização e estrutura do MST
  - 5.1\_Relacionamento com o Incra
- 6\_Opinões diversas
- 7\_Prêmios e homenagens
- 8\_Ver também
- 9\_Referências
- 10\_Ligações externas

### Histórico

#### Conflitos pela terra até 1964

A Lei de Terras de [1850](#), ao estabelecer a compra e venda como forma padrão de aquisição da propriedade fundiária, limitando fortemente o [usucapião](#), perpetuou a estrutura agrária desigual herdada dos tempos coloniais. É deste marco legislativo que se valem os historiadores para dividir a história dos conflitos agrários no Brasil independente, a partir de 1850, em duas fases distintas:

A primeira fase, que iria de 1850 até 1940, é classificada como "messiânica", pois estas lutas estavam associadas à presença de líderes religiosos de origem popular, que pregavam ideologias de cunho milenarista (inclusive com elementos sebastianistas, isto é, associados à mitologia relativa ao retorno de [Sebastião de Portugal](#)), ligados ao catolicismo popular. Neste período um dos mais importantes movimentos foi o que se chamou de [Canudos](#), na [Bahia](#), de [1870](#) até [1897](#), e que teve como líder [Antônio Conselheiro](#).

Outro movimento desta fase é o [Contestado](#), que se desenvolve de [1912](#) até [1916](#) em [Santa Catarina](#), liderado pelo monge José Maria.

Finalmente, não podemos deixar de lembrar o movimento liderado por [Lampião](#) no nordeste brasileiro, no período de [1917](#) até [1938](#), na medida em que este possa ser tido como uma forma de banditismo "social", cujas causas encontrariam-se na exclusão dos pequenos agricultores - como Lampião, por origem familiar, o era - das estruturas de poder político regional dominadas pelo [latifúndio](#). Esta colocação, no entanto, muito favorecida pela historiografia [marxista](#) brasileira dos anos 1960 - muito especialmente pelo historiador [Rui Facó](#), e recuperada mais tarde pelo historiador inglês [Eric Hobsbawn](#) - tem sido severamente contestada recentemente, na medida em que o banditismo do cangaço tem chegado a ser visto muito mais como vivendo numa relação de comensalidade com o latifúndio do que opondo-se a ele, como o messianismo.

A segunda fase da luta pela terra no Brasil é definida como "lutas radicais localizadas" e que se desenvolvem de [1940](#) até [1955](#). Nesta fase ocorreram diversos conflitos violentos por terras e revoltas populares, em diversos lugares do Brasil, em lutas não mais de cunho messiânico, mas agora com demandas sociais e políticas claramente definidas como tais. Estas lutas, embora localizadas, tiveram a adesão de milhares de pessoas, e em alguns lugares, como no [Maranhão](#) e no [Paraná](#) adquiriram tal magnitude que os camponeses tomaram cidades e organizaram governos paralelos populares.

Com isto a luta pela terra foi violentamente reprimida, sob pretexto de "ameaça [comunista](#)". Com isto, o movimento pela reforma agrária não pode atuar e a maioria de seus líderes foram ou presos ou mortos.

### **Mudanças no quadro legal**

Um dos grandes problemas do movimento pela reforma agrária antes de [1964](#) era o fato de que a [Constituição brasileira de 1946](#) só admitia a desapropriação de terras mediante indenização prévia em dinheiro, o que limitava fortemente tais desapropriações.

O maior esforço de impulsionar um projeto de reforma agrária foi um decreto do presidente [João Goulart](#), no chamado [Comício da Central](#) de [13 de março](#) de [1964](#), de declarar como terras públicas as faixas circundantes de rodovias federais, ferrovias e açudes — decreto este que apenas acelerou o golpe de 1º de abril do mesmo ano.

A [ditadura](#) militar, desejando enfrentar as tensões agrárias de forma controlada, emitiu, em [1965](#), um [Estatuto da Terra](#) que reconhecia, de acordo com a [Doutrina Social da Igreja Católica](#), a função social da propriedade privada e permitia a desapropriação para fins de assentamento agrário em caso de tensão social, e, mais tarde, na chamada Emenda Constitucional no.1, de [1969](#) (outorgada pela [Junta Militar](#) que assumiu o poder quando da incapacitação do presidente [Arthur da Costa e Silva](#)) à [Constituição brasileira de 1967](#), passou a admitir a desapropriação mediante pagamento em títulos de dívida pública. Esta legislação, muito embora tenha permanecido largamente inoperante durante a própria ditadura, daria o quadro legal para as tentativas de reforma agrária no pós-ditadura militar.

A [Constituição Brasileira de 1988](#) revalidou o princípio da desapropriação de terras mediante pagamento em títulos públicos (que já havia sido, como já dito, admitida pela [ditadura militar](#)). No entanto, por força da pressão da [bancada ruralista](#) na Constituinte, limitou as desapropriações às terras *improdutivas*, conceito este de difícil avaliação prática, e que viria a constituir-se em obstáculo à reforma agrária em grande escala.

### **Movimento pela reforma agrária contemporâneo**

A partir do fim da ditadura militar e da retomada democrática no Brasil, os camponeses puderam se reorganizar e retomar sua luta histórica pela reforma agrária. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge no final da década de 1970, com a ocupação da fazenda Nonoai, no [Rio Grande do Sul](#). Naquele momento, o governo estadual buscou reverter uma ocupação ilegal, para fins de reforma agrária, de terras de uma reserva indígena realizada nos anos 1960, para o que reassentou os índios e expulsou os camponeses de seu assentamento na localidade conhecida como Encruzilhada Natalino. Como reação, os

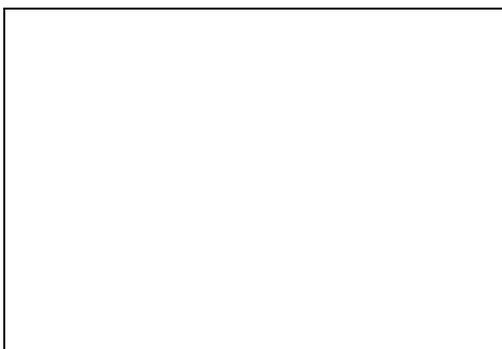
agricultores deslocados, espontaneamente, decidiram ocupar a vizinha Fazenda Nonoai. A partir daí, a sociedade local, a [Comissão Pastoral da Terra](#), assim como o embrião do futuro Partido dos Trabalhadores passa a apoiar aquele grupo de camponeses que saem vitoriosos desta que seria a primeira ocupação, que deu origem ao MST. Em 1984 o Movimento passa a se organizar de maneira nacional.

Uma das atividades do grupo consiste na ocupação de terras improdutivas como forma de pressão pela reforma agrária, mas também há reivindicação quanto a empréstimos e ajuda para que realmente possam produzir nessas terras. Para o MST, é muito importante que as famílias possam ter escolas próximas ao assentamento, de maneira que as crianças não precisem ir à cidade e, desta forma, fixar as famílias no campo. o mst procura ajudar pessoas que querem ter um pedaço de terra para viver além de ser o movimento dos trabalhadores rurais sem terra ele também é o movimento dos trabalhadores sem terra..

### **Organização e estrutura do MST**



Membros do MST ocupam a [CONAB](#). Foto: U. Dettmar/Abr



Crianças do MST [cantam a Internacional](#) durante comemoração dos 20 anos do MST em 2 de Agosto de 2004 em Itapeva-SP. Foto Ana Nascimento/Abr

O MST se organiza em 24 estados brasileiros. Sua estrutura organizacional se baseia em uma verticalidade iniciada nas brigadas (compostas por 50 famílias) e seguindo pelos núcleos (grupo de 200 famílias), direção regional, direção estadual e direção nacional. Paralelo a esta estrutura existe outra, a dos setores e coletivos, que buscam trabalhar cada uma das frentes necessárias para a reforma agrária verdadeira. São setores do MST: Saúde, Direitos Humanos, Gênero, Educação, Cultura, Comunicação, Formação, Projetos e Finanças, Produção, Cooperação e Meio Ambiente e Frente de Massa. São coletivos do MST: juventude e relações

internacionais. Esses setores desenvolvem alternativas às políticas governamentais convencionais, buscando sempre a perspectiva camponesa.

A organização não tem registro legal por ser um movimento social e, portanto, não é obrigada a prestar contas a nenhum órgão de governo, como qualquer movimento social ou associação de moradores. A maior instância da organização é o Congresso Nacional, que acontece a cada cinco anos. No entanto, este congresso é apenas para ratificação das diretivas, não é um momento de decisões. Os coordenadores e os dirigentes nacionais, por exemplo, são escolhidos no Encontro Nacional, que acontece a cada dois anos. A Coordenação Nacional é a instância operacional máxima da organização, contando com cerca de 120 membros. Embora um dos principais dirigentes públicos do movimento seja [João Pedro Stédile](#), a organização prefere não rotular alguém com o título de principal dirigente, já que isso seria uma personalização; o MST adota o princípio da direção colegiada, onde todos os dirigentes têm o mesmo nível de responsabilidade.

O movimento recebe apoio de organizações não governamentais e religiosas, do país e do exterior, interessadas em estimular a reforma agrária e a distribuição de renda em países em desenvolvimento. Sua principal fonte de financiamento é a própria base de camponeses já assentados, que contribuem para a continuidade do movimento.

O MST se articula junto a uma organização internacional de camponeses chamada [Via Campesina](#), da qual também faz parte o [Movimento dos Pequenos Agricultores](#) (MPA) e agricultores da [Europa](#), [EUA](#), [África](#), [Ásia](#) e [Américas](#). A Via Campesina tem como objetivo organizar os camponeses em todo o mundo. Ele também está vinculado com outras campanhas nacionais e internacionais, como a [Via Campesina Brasil](#), que reúne alguns dos movimentos sociais brasileiros do campo, e a Campanha contra a implantação da [ALCA](#).

### **Relacionamento com o Incra**

O [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária](#) (Incra) analisa se as terras ocupadas são ou não produtivas. Se forem improdutivas os sem-terra podem ser assentados, ou seja, recebem a posse das terras; no caso da propriedade rural ser produtiva é expedida uma ordem judicial de reintegração de posse. Na maioria dos casos, os camponeses se retiram sem maiores problemas. Porém, muitas vezes ocorre do grupo se recusar a cumprir o mandado judicial de reintegração de posse, sendo desta forma desalojado através de força policial.

### **Opiniões diversas**

O MST reivindica representar uma continuidade na luta histórica dos camponeses brasileiros pela reforma agrária. Os atuais governantes do Brasil tem origens comuns nas lutas sindicais e populares, e portanto compartilham em maior ou menor grau das reivindicações históricas deste movimento. Segundo outros autores, o MST é um movimento legítimo que usa a única arma que dispõe para pressionar a sociedade para a questão da reforma agrária, a ocupação de terras e a mobilização de grande massa humana.

O MST procura organizar as famílias assentadas em formas de cooperação produtiva em vista de melhorar sua condição de vida. Entre centenas de exemplos que deram certo no [Paraná](#) e [Santa Catarina](#), no Sul do Brasil, destaca-se a COOPEROESTE, Cooperativa Regional de Comercialização do Extremo Oeste LTDA, sediada em Santa Catarina (temos também o exemplo bem sucedido no interior de São Paulo, a [Coapar](#), em Andradina). Embora com

Razão Social de Empresa no Regime de Sociedade Limitada, funciona como um verdadeiro condomínio produtivo. Assim, a criação de cooperativas é estimulada, embora as famílias que hoje estão assentadas por fazerem parte desta organização não sejam obrigadas a trabalhar em cooperativas.

Dados coletados em diversas pesquisas demonstram que os agricultores organizados pelo movimento têm conseguido usufruir de melhor qualidade de vida que os agricultores não organizados.

Muitos são os críticos do MST que consideram que estes assentamentos, dependentes de financiamento governamental, nada mais seriam do que a tentativa de preservar artificialmente uma agricultura de minifúndios em regime de produção familiar economicamente inviável diante das pressões competitivas da [globalização](#), as quais exigiriam o desenvolvimento do [agronegócio](#). A resposta do MST tem sido a de apontar para o fato de que o agronegócio, ele também, tem dependido de fortes créditos governamentais em condições artificialmente favorecidas para realizar um desenvolvimento produtivo ecologicamente danoso e humanamente excludente, e ressaltar os ganhos políticos e sociais decorrentes da inserção produtiva de seus assentados.

Apesar de vários sucessos em âmbito nacional, ao estabelecer e organizar assentamentos produtivos, o MST sofre problemas típicos dos movimentos políticos do Brasil. No assentamento São Bento (em Mirante do Paranapanema, [São Paulo](#), lotes entregues aos sem-terra foram vendidos, o que é proibido por lei. As acusações levantaram a suspeita de que Ivan Carlos Bueno (ex-técnico do [Incra](#) e membro da direção regional do MST), recebeu um lote ilícitamente, e contratou um sem-terra para trabalhar a terra. Além de não se encaixar nos padrões socioeconômicos para receber um lote, é proibida a contratação de terceiros para trabalhar a terra recebida.

Na região sul, o MST foi acusado de usar os recursos recebidos para promover propaganda ideológica de extrema-esquerda. Numa matéria de [2005](#) intitulada *As Madraças do MST*, a revista [Veja](#) comparou escolas de assentamentos no Rio Grande do Sul com as [madraças](#) (ou madraças), escolas religiosas [islâmicas](#), muito abundantes no [Paquistão](#), que educam seus alunos através do estudo do [Alcorão](#) interpretado nos termos do [fundamentalismo](#). O MST mantém também uma escola nacional de formação de quadros políticos, a [Escola Nacional Florestan Fernandes](#), sediada em [Guararema](#), a 60 quilômetros de [São Paulo](#), e construída em regime de mutirão pelos seus alunos, usando materiais de construção obtidos *in situ* por tecnologia de [solo cimento](#). A referida escola, como todos os empreendimentos educacionais do MST, tem sido severamente questionada pela mídia mais conservadora como uma agência de mera doutrinação política de Esquerda revolucionária. Quanto a isto pode-se dizer, no entanto, que a transmissão de uma determinada visão de mundo não é uma exclusividade dos movimentos políticos de Esquerda: pode-se argumentar que, por exemplo, os núcleos universitários privados de excelência em [Administração de Empresas](#), [Economia](#) e [Direito](#) não realizam doutrinação política propriamente dita, mas transmitem a seus alunos uma visão de mundo situada nos antípodas da visão do MST.

Em [17 de junho](#) de [2005](#) o MST fez a sua marcha de trezentos quilômetros em direção a [Brasília](#).

Entre os dias 11 e 15 de junho de 2007, o MST realizou em Brasília seu 5º Congresso Nacional.

## Prêmios e homenagens

- Em [2005](#), o MST foi um dos [doze agraciados](#) com a [Medalha Chico Mendes de Resistência](#), prêmio entregue pela [ONG brasileira Grupo Tortura Nunca Mais](#) a "*todos que se destacam na luta pelos [Direitos Humanos](#) e por uma sociedade mais justa*"<sup>[1]</sup>.

## Ver também

Outros projectos [Wikimedia](#) também contêm material sobre este tema:

[Definições](#) no [Wikcionário](#)

[Citações](#) no [Wikiquote](#)

- [Bibliografia da História do Brasil](#)
- [Comunismo](#)
- [Luta de classes](#)
- [Movimento social](#)
- [Camponês](#)
- [Posseiro](#)
- [Fazendeiros](#)
- [Grileiros](#)
- [Latifundiários](#)
- [Jagunços](#)
- [Massacre de Eldorado dos Carajás](#)
- [Reforma agrária](#).
- [Ligas camponesas](#)

## Referências

- ↑ *Medalha Chico Mendes de Resistência - Homenageados em 2005*. Grupo Tortura Nunca Mais-RJ. Página visitada em [30 de Maio](#) de [2008](#).

## Ligações externas

- [Página oficial](#)
- [Página oficial da Via Campesina](#)
- [Lula deve seguir exemplo de Chávez, diz MST, \*BBC\* 12 de janeiro de 2005.](#)
- [Chávez encontra com MST e movimentos sociais brasileiros; ambos reafirmam apoio a Lula, \*Diário Vermelho\*, 13 de agosto de 2005\]](#)
- [Chávez visita assentamento do MST e assina parceria \*Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra\*, Ano XXIII - número 248, fevereiro de 2005.](#)

## Oposição

- [A reforma agrária tem que acabar](#)
- [Moimento Endireitar](#)

Obtido em "[http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_dos\\_Trabalhadores\\_Rurais\\_Sem\\_Terra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_dos_Trabalhadores_Rurais_Sem_Terra)"

Categoria: Sem-terra

---

- Esta página foi modificada pela última vez às 12h52min de 17 de fevereiro de 2009.
- O texto desta página está sob a [GNU Free Documentation License](#). Os direitos autorais de todas as contribuições para a Wikipédia pertencem aos seus respectivos autores (mais informações em [direitos autorais](#)).

## ANEXO B - Versão para impressão da discussão do artigo “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” da Wikipédia.

### Discussão: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Sugiro substituir [fazendeiros](#) por [latifundiários](#) na seção Veja também. --[Patrick](#)

Acho que quer "[fazendeiro](#)" quer "[latifundiário](#)" tem a ver com o MST, portanto proponho ficarem os dois links. --[Jorge](#) 15:16, 21 Jun 2004 (UTC)

Temos que verificar que nem todo fazendeiro é latifundiário

#### Índice

- [1\\_História](#)
- [2\\_Parcialidade](#)
- [3\\_Edição do Angelo](#)
- [4\\_SEM COMENTÁRIOS...](#)
  - [4.1\\_Algumas críticas](#)
  - [4.2\\_Hino da Internacional](#)
  - [4.3\\_Disputa](#)
  - [4.4\\_Disputa - Parte mais fácil](#)
  - [4.5\\_Chávez, o MST e os direitistas da Wikipedia.](#)
  - [4.6\\_Hino da Internacional Socialista.](#)
  - [4.7\\_VDA](#)
  - [4.8\\_Texto confuso e exagerado em alguns aspectos](#)
  - [4.9\\_Uma coisa é uma coisa...](#)
  - [4.10\\_Seção de críticas](#)
  - [4.11\\_Seção Hugo Cháves](#)
  - [4.12\\_Texto Recortado](#)
  - [4.13\\_Movimento dos trabalhadores Rurais](#)
  - [4.14\\_Politica na Wikipedia](#)
  - [4.15\\_Nova proteção](#)

### História

Cheguei ao verbete sobre o MST ao procurar informações sobre história da reforma agrária ou sobre história de conflitos agrários no Brasil. Acho que a parte relativa ao período 1945-1964

está fraca, especialmente no que tange às controvérsias da época: a polêmica sobre as formas de pagamento de terras desapropriadas (se antes ou depois da desapropriação) foi um dos principais motivos do golpe de 1964. Também ficou faltando material sobre o Estatuto da Terra, pós-1964. Não se sabe como (e se) houve algum avanço em relação ao que existia antes; se algumas das exigências dos movimentos agrários anteriores a 1964 foram atendidas (de forma semelhante ao que fez Getúlio com as leis trabalhistas, que tiraram a bandeira das transformações das mãos do movimento sindical para desarticulá-lo); não há, enfim, um comparativo entre o que existia antes e o que passou a existir, entre o que era exigido antes e o que foi contemplado. O artigo simplesmente pula o período militar. Não sou historiador e não conheço bem os assuntos que me parecem mal desenvolvidos no texto. Fica aqui um pedido para que sejam abordados. [Andrebueno](#) 16:20, 3 Nov 2005 (UTC)

### **Parcialidade**

A menção a financiamentos do exterior não será parcial? O artigo não identifica esse "exterior" e parece-me mais propaganda contra o MST. [Manuel Anastácio](#) 21:32, 27 Jan 2005 (UTC)

Havia feito uma edição mais imparcial do texto, tentando tirar estas imparcialidades, já que na minha opinião este artigo está parecendo propaganda contra o mst. O [Campani](#) disse que apagou porque coloquei minhas opiniões e isso não estava certo. Como agir nestes casos? --[Dastan](#) 16:24, 2 Fev 2005 (UTC)

A primeira coisa a fazer é adaptar o artigo ao livro de estilo. Coloque os assuntos por seções, tais como: história, organização, atividades, etc. Assim fica mais fácil de contribuir e de discutir o artigo. --[E2m](#) 16:47, 2 Fev 2005 (UTC)

Minha edição tentou consertar a questão da parcialidade que foi introduzida pelo Dastan. Só que eu acabei também corrigindo inconsistências que ele introduziu. Por exemplo, um parágrafo iniciava falando que o MST prioriza o trabalho coletivo nos assentamentos. Foi introduzido ao final uma frase que dizia algo como "eles fazem o que querem no assentamento". Que bom que o Manuel, sendo português, e assim estando em uma posição mais imparcial, percebeu que enfatizar que o "financiamento do MST vem de fora" feria a parcialidade. Não precisei eu dizer. [Campani](#) 21:14, 2 Fev 2005 (UTC)

Dêem uma olhada nas alterações e vejam se está ou não imparcial. Por favor, ajudem! abraços!

### **Edição do Angelo**

Angelo:

Não gostei muito da tua edição. Acho que a versão anterior era superior. Vejamos:

1. O primeiro parágrafo original era: "O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento político-social brasileiro que busca a reforma agrária. Rebelando-se contra o modelo de reforma agrária promovido no passado pelo governo, que consistia em enviar os camponeses sem-terra para áreas distantes e

inférteis, o MST busca uma real e justa distribuição das terras improdutivas.", limpo e direto, com estilo. O teu primeiro parágrafo é "O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento político-social de extrema esquerda. Bate frontalmente contra as organizações de extrema direita comandadas por empresários e latifundiários. Ambas organizações extremistas enfrentam-de de forma muitas vezes violenta, os de esquerda pela reforma agrária no Brasil, os de extrema direita, contra.". Achei tua versão ideologizada demais. Isto sem falar que o verbo "bate" está sendo usado na forma coloquial. Quem bate é martelo, movimentos políticos são antagônicos. Deixou de ter a clareza e limpeza que tinha antes.

2. Achei um pouco pretencioso levar o histórico da luta pela terra at=é o tempo da grécia e roma antigas. Nem o Stédile e o Frei Sérgio Gorgen fazem isto. Eles iniciam as raízes da atual luta em 1850.
3. Eu sei que estás ainda editando, mas desapareceu a parte que fala das ligas camponesas.

[Campani](#) 23:21, 19 Fev 2005 (UTC)

Não fui eu que escreveu este 1o. parágrafo que estava lá anteriormente (nem sei quem foi). Só estou defendendo que ele estava bom, enquanto o teu início de artigo ficou ideologizado demais. Quanto a questão da antiguidade da luta pela terra, não questiono, mas acho que não precisavas ir até a "idade da pedra". Quanto ao fato de teres introduzido este histórico te parablenizo, pois é um avanço em relação ao que tinha. [Campani](#) 23:45, 19 Fev 2005 (UTC)

Na minha opinião a edição do Angelo tem o mérito de introduzir um histórico mais detalhado da questão agrária. Mas na minha opinião, talvez este texto fosse mais adequado em um artigo sobre reforma agrária ou questão agrária e não MST. Iniciar na roma e grécia antiga achei um pouco exagerado e, como já disse, o Stédile e o Gorgen, em seu livro, iniciam o histórico da questão agrária no Brasil em 1850. Além disto, achei que em alguns pontos se desvirtuou o texto original, que eu achava ponderado e imparcial. [Campani](#) 11:14, 20 Fev 2005 (UTC)

Pronto! Tentei dar uma ajeitada nas coisas que eu não gostei da edição do Angelo. Reduzi o histórico da questã agrária mais geral, pois desviava um pouco do assunto e substitui pelo histórico da luta pela terra no Brasil. Assim fiocu mais "chão". O texto ainda carece de melhoras para ficar "redondinho". Vou continuar trabalhando nele. [Campani](#) 11:52, 20 Fev 2005 (UTC)

## SEM COMENTÁRIOS...

Não concordo com o disposto acima. Retiro-me da discussão. Façam o que quiserem. [AngeloLeithold](#) 10:42, 21 Fev 2005 (UTC)

## Algumas críticas

Farei algumas considerações e críticas abaixo para a melhoria do texto. Por favor, leiam e opinem. --[Carlosar](#) 12:22, 14 Abr 2005 (UTC)

- *A organização não tem registro legal por ser um movimento social e, portanto, não é obrigada a prestar contas a nenhum órgão de governo, como qualquer movimento social ou associação de moradores.*

De onde vocês tiraram essa conclusão? Isto não me parece verdadeiro, parece estar mais no campo da especulação.

Isso é fato público e notório. Se quiser podes tentar encontrar algum registro legal do MST. --[Paulo Batista](#) 22:59, 20 Abril 2006 (UTC)

- *A menção a financiamentos do exterior não será parcial? O artigo não identifica esse "exterior" e parece-me mais propaganda contra o MST.*

A própria página do MST menciona [contribuições externas](#).

- *Sua principal fonte de financiamento é a própria base de camponeses já assentados, que contribuem para a continuidade do movimento.*

De onde vocês tiraram isso? No Brasil ninguém sabe direito de onde vem o dinheiro do MST, e isso é um dos argumentos principais das pessoas que pedem para que haja um registro legal do MST. Uma hipótese plausível é que a maior parte do dinheiro do MST vem do governo federal. Todavia, não sei se podemos afirmar isso categoricamente; parece estar mais no campo da especulação.

Faça o favor de apresentar as duas versões: a sua (de que o dinheiro não tem origem certa) e a oficial. Seja como for, não apague informação: complemente com a sua visão das coisas. Não entremos em guerras de edições. Não é assim tão difícil escrever um texto que expõe aquilo que se sabe, porra!!! [Manuel Anastácio](#) 22:23, 18 Abr 2005 (UTC)

### **Hino da Internacional**

A informação foi tirada da Agência de Notícias do Governo Brasileiro: a Radiobrás, que você pode conferir no link: [\[1\]](#)---[Carlosar](#) 04:32, 2 Jul 2005 (UTC)

### **Disputa**

Com todo o respeito, mas o artigo deixa de mencionar fatos muito importantes a respeito da conduta do MST. A aproximação do movimento com o governo do Presidente Hugo Chávez, o caráter revolucionário do movimento, o fato de o movimento abusar da violência e agir contra as leis brasileiras, o fato de invadir e expulsar pequenos fazendeiros (muitas vezes pobres) que perdem tudo e não tem a quem recorrer. Eu solicito humildemente que seja colocado o texto que sugeri, do contrário, o artigo ficará extremamente desequilibrado a favor do MST, além de ficar extremamente impreciso. --[Carlosar](#) 04:45, 2 Jul 2005 (UTC)

O movimento age contra as leis brasileiras ao ser violento, mas, o que ele quer é o cumprimento da legislação, onde se fala que *toda a terra tem que ter função social* (pena que perdi qual é o artigo...). Aliás, ele é bem fraquinho em certas coisas e anda sendo muito usado como força especulativa do que qualquer outra coisa. -- [Cachorrinho está latindo lá no fundo do quintal](#) 01:45, 16 Agosto 2005 (UTC)

O [Campani](#) escreveu isto, ao reverter: *revertendo edição que viola o princípio da imparcialidade (de onde se tirou que cantavam o hino da internacional? porque colocar conflitos com a polícia como violência do MST).*

Eu concordaria com as alterações desde que:

1. Uma fonte confiável realmente mostre que eles estavam cantando de fato o hino da internacional.

A fonte é a Agência Brasil, que é a fonte de notícias do governo brasileiro. Basta seguir o link que indiquei e procurar pela legenda da foto.--[Carlosar](#) 04:57, 2 Jul 2005 (UTC)

1. O trecho da violência do MST parece-me OK - desde que seja balanceada com algumas ações violentas da polícia ou por fazendeiros contra o MST, também para recursos de balanceamento.

Concordo.

[Leslie Msg](#) 04:55, 2 Jul 2005 (UTC)

Creio não ser tardia minha colaboração, portanto, vai lá. Ser imparcial em assuntos polêmicos como este é difícil, porém, quando buscamos informações de diversas fontes, inclusive com depoimentos colhidos pessoalmente, podemos obter o sentido dado a cada ação e, desta forma, expor os fatos sem especulações. Ai vão algumas observações. Nenhum movimento social surge para atuar contra as Leis federais, mas contra a ordem política, social e econômica, que determina maior ou menor favorecimento de algumas classes sociais. A forma de atuação é determinada pela direção geral de cada entidade, o que pode ser com maior impacto moral, como as invasões e depredações ou protesto pacífico como ocupações, passeatas e encontros. Especificamente citando o MST, está explícita sua ligação política visando a mudança não apenas das leis como do regime político e, desta forma, fica claro que a luta pela reforma agrária é apenas mais uma bandeira/pretexto. Trata-se de discutir uma reivindicação legítima de todo cidadão e, ao mesmo tempo, trabalhar para chegar ao poder e mudar o sistema vigente a favor dos ideais revolucionários. Como a atuação deste movimento social tem sido forte na área da educação e do meio ambiente, tem provocado reações controversas entre o público leigo, há os que concordam com as reivindicações mas contestam suas ações, consideradas extremistas.[Usuário:Orlando Camy](#) A foto sobre o hino da internacional, mereceria ser acompanhada de texto que detalhasse o trabalho de sensibilização das famílias, feito pelos coordenadores. Seja no acampamento ou assentamento, os líderes/coordenadores de cada grupo agem de forma enérgica (sem violência física) para manter seus membros próximos e dependentes/conscientes. Para isso, realizam reuniões frequentes para deliberarem sobre assuntos da comunidade, informes e fazer a sessão de afirmação da luta, quando são catadas músicas que enaltecem as ações, além de influenciar para a mudança para um sistema socialista de governo. A palavra democracia é citada

diversas vezes, sempre no sentido de que o povo deve ter o poder e decidir sobre o rumo das "coisas". [Usuário:Orlando Camy](#)

Todos os links a seguir apontam para fontes de jornais ou governo

- Brazil landless march ends in clashes, 50 injured
- Conflito com sem-terra deixa um morto em Rondônia
- MST queima pneus e bloqueia rodovia no Pontal
- MST retém caminhões de gado em fazenda invadida
- Sem-terra bloqueiam novamente rodovias federais em Mato Grosso
- [http://www.senado.gov.br/web/senador/alvarodi/b\\_menu\\_esquerdo/1\\_noticias/1b\\_noticias\\_a\\_imprensa/2005\\_03\\_29\\_CPMIdaTerra\\_quer\\_aprofundar\\_investigacao\\_MST\\_FAR\\_C.htm](http://www.senado.gov.br/web/senador/alvarodi/b_menu_esquerdo/1_noticias/1b_noticias_a_imprensa/2005_03_29_CPMIdaTerra_quer_aprofundar_investigacao_MST_FAR_C.htm) CPMI DA TERRA QUER APROFUNDAR A INVESTIGAÇÃO SOBRE DENÚNCIAS DE LIGAÇÃO DO MST COM AS FARC]
- MST invade fazenda no Paraná; sem-terra matam fazendeiro no Pará
- Lula deve seguir exemplo de Chávez, diz MST
- MST leva apoio a presidente da Venezuela
- FSM: Chávez visita assentamento, assina acordo e lança Escola de AgroEcologia
- MST invade prefeitura no interior do PA

### Disputa - Parte mais fácil

Gostaria de enumerar as partes para as quais acho que não há muita discussão e acredito serem mais fáceis de resolver.--[Carlosar](#) 05:03, 2 Jul 2005 (UTC)

- Hino da Internacional - Uma vez que se verifique o fato, acho que não há problema algum em mencionar que as crianças cantam o Hino da Internarcional Socialista.
- Hugo Chávez - é um fato meramente descritivo dizer que o MST mantém relações e/ou simpatias com Hugo Chávez. Portanto, aqui também acho que não há disputa.

Vou começar por essas mudanças logo, a não ser que alguém tenha alguma objeção.--[Carlosar](#) 05:08, 2 Jul 2005 (UTC)

- Não moro no Brasil há um bom tempo, portanto, fica difícil para mim verificar a veracidade de notícias daí, a não ser que links para *sites* de notícias sejam indicadas (Terra, etc), onde estas notícias aparecem de fato - e eu não sou o único reclamando (vide [Usuário:Campani](#) - realmente, acho meio duvidosa ambas as informações). [Leslie Msg](#) 05:15, 2 Jul 2005 (UTC)

Duvidosa? A informação sobre o Hino da Internacional foi publicada pela [Agência Brasil](#), que é a agência de notícias do governo federal. A aproximação do MST com Hugo Chávez já saiu pelo menos na Reuters (se eu não coloquei o link aqui, depois coloco). Além disso há inúmeras fotos de membros do MST em ato de desagravo a Chávez. Veja a seção de fotos do MST. E se as fotos não forem suficientes, há as declarações do próprio MST em favor de Chávez. Eu já coloquei os links para várias páginas de notícias. O que preciso fazer mais? --[Carlosar](#) 04:03, 14 Agosto 2005 (UTC)

Somente editar :) Não esqueças de colocar estes mesmos links na secção "Links externos". [Leslie Msg](#) 04:08, 14 Agosto 2005 (UTC)

Introduzi na parte relativa à Chávez (que acredito excessiva, mas aí é preciso ter-se em conta às susceptibilidades direitistas de alguns Wikis) uma tentativa de explicação concreta das simpatias do MST vis-à-vis do presidente venezuelano, explicação esta que coloco como alternativa às versões conspiratórias.

### **Chávez, o MST e os direitistas da Wikipedia.**

Daria para restaurar minha última modificação? Esses enfezados de Direita adoram encher a Wiki de teorias conspiratórias, mas quando alguém coloca uma alternativa aí eles esquecem as declarações sobre "liberdade de expressão"

A informação referente a Hugo Chavez foi tirada de agências de notícias internacionais e do Jornal do MST. Sendo que a informação foi publicada pelo próprio Jornal do MST e a relação do movimento com Chavez é pública e notória, não entendo a posição de Vossa Senhoria em censurar a publicação dessa informação aqui. Não existe nenhuma teoria conspiratória, não é feito nenhum juízo de valor e as inserções antigas foram mantidas. Quem está se posicionando contra a liberdade de expressão é Vossa Senhoria que insiste em protestar contra o acréscimo de uma informação relevante sobre o movimento. --[Carlosar](#) 12:36, 12 Setembro 2005 (UTC)

O MST tem muitas outras ligações e, se for o caso, pessoas e entidades que se relaciona e admira. Também acho exagerado o espaço dado ao Chaves (não vejo nenhum problema em citar essa ligação, mas dar tanta ênfase e somente citar essa relação específica - qual o sentido disso? que interesses isso promove?). Porque não se referir também às relações com Paulo Freire ou à admiração às idéias de Gandhi?

### **Hino da Internacional Socialista.**

Ah! E outra coisa: a música hino dos partidos socialistas e comunistas , criada durante a Comuna de Paris ("De Pé, ó vítimas da fome...") chama-se *\_A Internacional\_*, e não "Internacional Socialista".

A informação foi colocada conforme foi publicada pela sua fonte original: [Agência Brasil](#). --[Carlosar](#) 12:37, 12 Setembro 2005 (UTC)

### **VDA**

Revertido trecho igual a [\[2\]](#). [Lusitana](#) 14:22, 14 Novembro 2005 (UTC)

### Texto confuso e exagerado em alguns aspectos

Caros: Parece que o impeto dos que não gostam do MST, do Chaves (não o da TV), dos partidos de esquerda etc. em colocar suas posições aqui chegou ao extremo. O texto ficou todo deformado. Só um exemplo: Depois de muito tempo sem visitar o artigo vejo que colocaram uma seção inteira (e longa) dedicada ao Hugo Chaves. Bom, se eu não conheço bem as coisas acabo achando que o Hugo Chaves tem uma importância fundamental para o MST, ou o inverso. Não misturemos alhos com bugalhos. Artigo do MST é para falar do MST com, no máximo (se é que é necessário), uma breve citação ao apoio que o MST dá a governos de esquerda (não só o Chaves). E isto é só um caso no texto do artigo que está mal. Esta prática de cada um querer colocar a sua visão no artigo leva a tornar o artigo um "Frankenstein" sem pé nem cabeça, quando, na verdade, o texto deve ser útil a quem quer o ler para informar-se. Lamentável! Precisamos reciclar o texto urgentemente. Paz e saúde, [Campani discussão](#) 17:11, 15 Dezembro 2005 (UTC)

### Uma coisa é uma coisa...

Uma coisa é validade da causa sem-terra, inquestionável. Mas o MST e os sem-terra não são uma coisa só. São inúmeras as denúncias contra o Movimento vindas dos próprios sem-terra. Essa segunda mesmo foi denunciado um caso de corrupção no Pontal do Paranapanema.

Claro que também não são o diabo, pra justificar os deputados do [PFLA](#) a considerar invasão um ato terrorista... --[□□□□□□](#) 02:41, 26 Janeiro 2006 (UTC)

O MST tem como origem diversos movimentos revolucionários de luta pela posse igualitária de terra. Esses movimentos eram dispersos por todo o território brasileiro, especialmente onde as vertentes eram difusas quanto as finalidades de proposta de produção e uso da terra. Nesses lugares havia um terreno fértil para as discussões e embates por divisões de terra. Pode-se citar mais especificamente o sudoeste paranaense, sediado como cidade principal o município de Cascavel, que tem um histórico de lutas ao longo dos anos, sendo um dos poucos lugares onde os pequenos agricultores posseiros tiveram amparo legal, e venceram as grandes exploradoras internacionais, como as concessões que o governo estadual fez a várias colonizadoras européias, e ainda a construtoras de ferrovias da Inglaterra. Em 1984, da fusão de movimentos como MASTREL E MASTERCO, surge em Cascavel o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), que com a adesão em massa, e a organização tem rápido crescimento em todo o território nacional.

### Seção de críticas

Acabei de recortar um parágrafo panfletário e uma citação sem contexto que alguém tinha posto ao final do artigo. O parágrafo começava dizendo "Não podemos nos esquecer de que o MST mata fazendeiros ..." e não tinha nada a ver com o texto que vinha antes.

Apesar disso, parecer-me-ia uma boa idéia que se separasse as críticas do MST da descrição das suas atividades. Em particular, a questão da violência de algumas das ações do Movimento está pouco aprofundada. [Roberto Oliveira](#) 13:12, 11 março 2006 (UTC)

Eu recoloquei a seção: Veja também, pois me parece que ela deva ficar. Edite o artigo de forma a torna-lo menos imparcial. --[OS2Warp msg](#) 22:00, 11 Março 2006 (UTC)

### **Seção Hugo Chaves**

A aproximação do MST com o governo chavista é de fato publica, aliás natural para um governo de esquerda e um movimento que luta por igualdade social. A troca de elogios não fica na surdina portanto não há necessidade de fazer um estardalhaço do caso. O que me parece é que a seção foi escrita com intuito de criar um vínculo conspiratório entre ambos.

O MST não depende de Hugo Chávez. Elogia o trabalho que seu governo vem fazendo na Venezuela em democratizar o país, principalmente na questão agrária. Assim como elogiou a atitude do governo bolivariano em proterger suas reservas de gás natural da exploração internacional.

Sugiro que seja retirada toda essa seção para que em seguida seja elaborada uma seção mais detalhada e imparcial sobre as relações internacionais do MST.

### **Texto Recortado**

Acredito que o artigo ainda pareça "recortado" e que a importância dada a Hugo Chávez é extrema. O pior de tudo isso é que vejo pessoas se esforçando em apresentar informações imparciais, e extremistas tentando defender sua opinião. Hoje, 14/11/2006, há um protesto na página (de algum extremista) dizendo que os membros do MST são bandidos. A questão da reforma agrária é controversa, o artigo deve mostrar os fatos, sei que a imparcialidade é uma utopia, no entanto, é possível mostrar os dois pontos de vista, e convenhamos, nunca será possível agradar a todos. Faço um pedido: aumentem a explanação sobre as bases teóricas do movimento, a exposição das idéias "esquedistas" e "de direita" (sem extremos, do tipo "morte aos sem-terra" ou do tipo "sem-terra pra presidente"). É importante que as pessoas entendam o que o MST deseja, porque existe, e quais são seus acertos e erros. Como todo texto científico, deve simplesmente se ater aos fatos. Vejo uma discussão abrangente sobre a canção "A internacional", a partir do momento que há uma fonte confiável da informação não há mais o que se discutir. Wikis, sejamos disseminadores do conhecimento e não de idéias controversas. O artigo precisa de uma revisão para que se torne algo único, e não opiniões controversas. E mais uma coisa: não proteste em meio ao texto, é como forçar uma pessoa a aceitar a sua opinião. -- Letícia [\[3\]](#) 14/11/2006 22:16

### **Movimento dos trabalhadores Rurais**

Existem milhares de trabalhadores rurais que lutam para obter uma superfície de terra para trabalhar: são os chamados sem terras. De acordo com a lei da Reforma Agrária que está em vigor no país, milhões de hectares de terras improdutivas, pertencentes a latifundiários que não as exploram, deveriam ser distribuídos a pequenos agricultores interessados. No entanto,

a distribuição das terras, pelo governo, é muito lenta. Como consequência, amplia os conflitos no campo, inclusive com morte.

### A última frase.

Alguém acrescentou "Td sem vergonha" ao final do texto. Que ridículo e fácil. —o comentário precedente *não foi assinado* por Fernandoplinio ([discussão](#) • [contrib.](#))

Já foi corrigido. [Adailton msg](#) 08:24, 21 Maio 2007 (UTC)

### Política na Wikipedia

É perda de tempo artigos políticos, de entidades políticas, ou personalidades políticas na wikipedia, todos sempre serão constestados, todos sempre terão a tag de não-confiáveis, de parciais, bla bla bla, dependendo do ponto de vista de cada editor, o que torna totalmente inútil a existencia destes artigos por aqui, já que ninguém em sã consciencia vá usar estes artigos como referência para coisa nenhuma. São apenas em monte de ridículos sem nenhuma utilidade academica, nem mesmo de infomação aceitável para o primeiro grau. Todos eles. Sds [Machocarioca](#) ([discussão](#)) 02h59min de 31 de Maio de 2008 (UTC)

### Nova proteção

Reverti para a última edição que parecia ter solucionado o assunto. Solicito que usem a discussão para por favor chegar a um consenso. E peço aos demais administradores que evitem de editar o artigo protegido até se encontrar uma solução. [Fabiano](#) msg 02h49min de 4 de Junho de 2008 (UTC)

Vi que reveu sua decisão. Não me oponho. O editor Spoladore concordou com a edição do Machocarioca. Se o OS2Warp não discordar da nova versão, o assunto pode ser dado como resolvido. [Fred Xavier uai](#) 13h31min de 4 de Junho de 2008 (UTC)

Vamos encerrar a questão. Lamento que ambos tenham sido envolvidos por esta polêmica. --[OS2Warp msg](#) 17h21min de 4 de Junho de 2008 (UTC)

OK. Não precisa se desculpar. [Fred Xavier uai](#) 17h24min de 4 de Junho de 2008 (UTC)

Obtido em  
["http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:Movimento\\_dos\\_Trabalhadores\\_Rurais\\_Sem\\_Terra"](http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A3o:Movimento_dos_Trabalhadores_Rurais_Sem_Terra)

- 
- Esta página foi modificada pela última vez às 02h04min de 19 de julho de 2008.
  - O texto desta página está sob a [GNU Free Documentation License](#). Os direitos autorais de todas as contribuições para a Wikipédia pertencem aos seus respectivos autores (mais informações em [direitos autorais](#)).

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)